Às vezes o fim é apenas um novo começo

DE VOLTA PRA MIM



ELENA ARMAS

AUTORA DE *UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA*



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

DE VOLTA PRA MIM



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

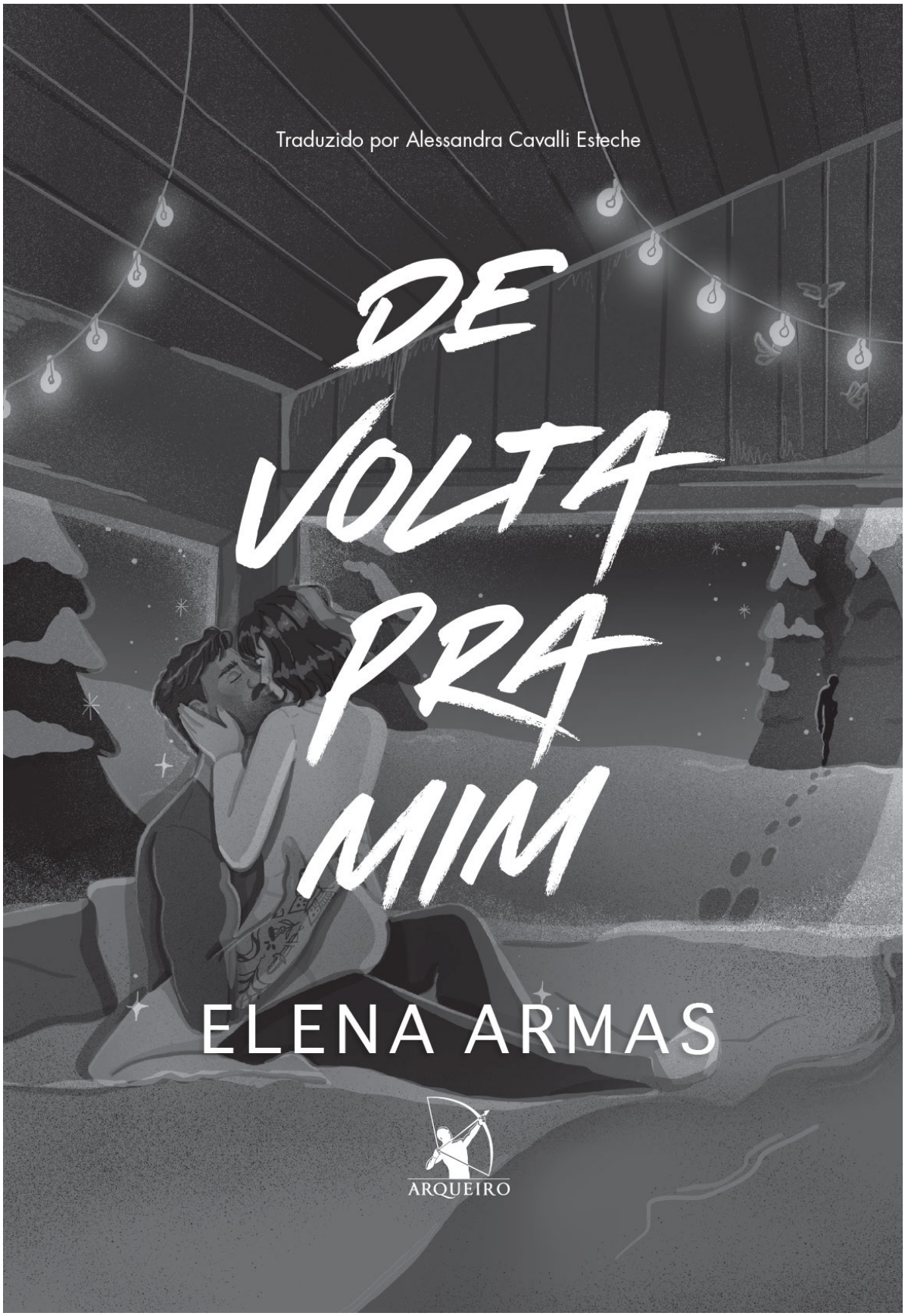
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo,

Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


Traduzido por Alessandra Cavalli Esteche
DE VOLTA PRA MIM
ELENA ARMAS
ARQUEIRO

Título original: *I'm Gonna Get You Back*

Copyright © 2025 por Elena Armas

Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Spotify Audiobooks.

Direitos de tradução negociados por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Alice Dias

produção editorial: Ana Sarah Maciel

preparo de originais: Caroline Bigaiski

revisão: Pedro Staite e Priscila Cerqueira

diagramação: Adriana Moreno

capa: Jessica Dugan

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

ilustração de capa: Brittany Keller

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A768v

Armas, Elena

De volta pra mim [recurso eletrônico] / Elena Armas ; tradução Alessandra Cavalli Esteche. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.

recurso digital

Tradução de: I'm gonna get you back

Formato: epub

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-306-0198-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra Cavalli. II. Título.

26-104088.0 CDD: 863

CDU: 82-3(460)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Este é para os escritores.

Porque vocês não são fracos demais para este trabalho.

Vocês são diamantes.

Toda essa pressão só faz com que
brilhem ainda mais.



Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

Epílogo

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Nota da autora:

Este não é um romance sobre um stalker.

Este é um romance que tem um stalker.



1

Frankie

– Acho que tenho um stalker. Mas não de um jeito sexy.

Um instante de silêncio.

Então a voz falsamente calma do meu irmão saiu do alto-falante do celular e preencheu o carro.

– Em que *mundo* ter um stalker seria considerado sexy?

Deixei escapar um suspiro.

– Quer saber mesmo? Você não passa tempo suficiente na internet pra…

– *Não*. Meu Deus, Frankie. Não quero saber. Por que eu ia querer saber?

– Você perguntou.

– Eu… – Ele parou de falar e bufou. – Você disse mesmo stalker? Está de brincadeira? É uma dessas piadinhas que você faz só pra me irritar?

Não era brincadeira. E eu não tinha a intenção de soltar essa bomba assim do

nada. Mas tinha passado a viagem inteira até Vermont pensando nisso. A questão não era que eu *achava* que tinha um stalker. Mas que tinha quase *certeza* de que havia um atrás de mim.

– É – menti. – É brincadeira. Desculpa, Ric. E aí, como está o Brasil? – perguntei, mudando de assunto. – Você tem tempo livre pra sair da base e explorar? Ou nem faz questão de disfarçar que é um viciado em trabalho que não está nem aí pro lugar pra onde te mandam?

– Não me enrola.

– Não estou enrolando. Estou interessada na sua vida. No seu trabalho. E no Brasil.

Ric deu uma gargalhada alta, mordaz e, para falar a verdade, assustadora, daquele jeito que indica que o seu irmão mais velho não vai deixar o assunto passar.

– Fala desse stalker – insistiu ele. – Você não estava brincando. Está tentando fazer o que sempre faz.

– O que eu sempre faço?

– Muda de assunto. Agora fala sério.

– Stalker é uma palavra forte – respondi, resignada. – Eu não deveria ter usado essa palavra. Deve ser até presunçoso da minha parte achar que tenho um stalker. É só um leitor muito entusiasmado que se identificou com os meus livros num nível mais profundo que a média e fica me enviando mensagens e mandando coisas pra minha casa.

– Coisas? Que tipo de *coisas*?

Coisas entregues na minha caixa de correios ou na porta da minha casa. Em geral, eram coisas legais, nada assustador… tirando aquele incidente na semana anterior. Mas ainda assim. Só que, considerando a maneira como Ric tinha reagido até agora, eu não sabia se era uma boa ideia entrar em detalhes.

– Presentes – falei, optando por uma meia mentira. – Não é incomum no mundo dos escritores.

– Entregues na *sua casa*?

– Ah…

– *Meu Deus, Frankie* – resmungou ele. – Você já denunciou esse cara?

– Está tudo bem – menti de novo. Desta vez uma mentira inteira. Eu não estava nada bem com aquela situação. Estava preocupada. Dividida. Por vários motivos. – E como você sabe que é um cara?

– E não é?

Olhei para o porta-luvas, lembrando o que tinha levado comigo por motivos que ainda não estava preparada para encarar.

– É.

– *Meu Deus, Frankie* – repetiu Ric. – Você não pode falar esse tipo de coisa e depois dizer que *está tudo bem*. Não está tudo bem, e eu não estou *bem* com essa situação. Sou seu irmão mais velho. Tenho uma responsabilidade.

Ele tinha razão. Mas…

– Você é o filho do meio – falei baixinho. – No mínimo pode escolher qual responsabilidade quer assumir. Então não escolha essa. Está tudo bem, de verdade. Além do mais, eu nem queria te contar. Acabou escapando e resolvi te dar a oportunidade de decidir o que fazer. E já estou arrependida.

Um grunhido estranho saiu do alto-falante do meu celular.

– O que a sua editora disse sobre isso? Eles não podem fazer alguma coisa para achar esse indivíduo e parar o cara? Você publica com eles. Eles não trabalham pra você?

– Ah, não. Não é assim que as editoras funcionam.

Eu também não ia contar a Ric que a minha editora não podia fazer nada

sobre um problema do qual não tinha conhecimento. E nem que a minha editora não era mais a minha editora.

– E o Brasil? Está calor? – perguntei, tentando mudar de assunto mais uma vez.

Outro instante de silêncio, então ele disse:

– Já chega. Vou ligar pro Leo.

Soltei uma risada.

– Pro *Leo*? Sério? Vai mesmo recorrer à carta do irmão mais velho? Que tal contar pra mamãe e pro papai também? Talvez pra vovó. Ou…

Parei antes de citar o melhor amigo de Ric. O homem que um dia também já foi o meu melhor amigo. Isso traria lembranças com as quais eu não estava preparada para lidar no momento.

Ric hesitou, como se tivesse algum comentário a fazer sobre o meu deboche, mas acabou insistindo no assunto:

– O Leo precisa saber. Alguém que esteja *no país* precisa saber. Pelo menos ele pode ir te buscar. Você é nossa irmãzinha.

Cerrei os dentes. Embora entendesse o desejo dele de agir imediatamente porque eu era a irmã caçula – e a única mulher –, eu não podia permitir isso. E não porque eu acreditava ser capaz de lidar com a situação sozinha. Afinal, fazia semanas que eu estava tentando fazer exatamente isso, e não estava dando muito certo. O problema era que contar para alguém era admitir a montanha de merda que eu vinha mantendo em segredo.

Ninguém da família sabia sobre o stalker, assim como ninguém da família sabia que a minha carreira como autora de *Lobos da noite*, a "sensação do suspense romântico, sangrento e sensual" – nas palavras da imprensa que um dia me amou –, estava por um fio. E, sim, eu tinha percebido como era irônico que essas duas coisas estivessem acontecendo ao mesmo tempo, acredite.

Mas eu só criava as regras dos universos que eu mesma inventava.

No mundo real eu estava fazendo o meu melhor com as cartas terríveis que tinha recebido da vida.

Minhas palavras seguintes saíram meio sem jeito, mas, caramba, eu estava muito, muito cansada:

– Se eu quisesse que alguém viesse me buscar, teria telefonado pro Leo, não pra você. Eu te contei esperando uma conversa normal.

Depois de um silêncio mais longo que os anteriores, Ric retrucou:

– Mas você não disse que o assunto acabou escapando sem querer?

Filho da…

– Não acredito que te liguei porque estava com saudade! Vou desligar.

– Espera – pediu ele. – Tá bom, tá bom. Não vou contar pro Leo se você prometer que vai denunciar esse cara imediatamente. E que vai me ligar ao primeiro sinal de alguma coisa estranha. Se não me mandar mensagem com frequência, vou falar pro Leo ir atrás de você na mesma hora, onde quer que você esteja. Seja em Vermont, no seu apartamento em Boston, ou na Lua. Entendido?

– Sim.

– Tá. Agora compartilha a sua localização comigo.

– De jeito nenhum. Vou ficar na Pousada Bordo Vermelho – falei, olhando pela janela.

Meu estômago se revirou quando pensei no que me aguardava ali naquela pousada. A Convenção de Livros de Crime e Suspense de Vermont era um evento pequeno e intimista, mas tinha conquistado fama entre os entusiastas do gênero. Os ingressos tinham esgotado e a programação estava incrível. Os participantes chegariam no dia seguinte. A dúvida era se algum deles estaria lá por minha causa. Olhei para o painel do carro, onde estava o meu celular.

– Fica nos arredores de Manchester, pertinho das Montanhas Verdes. Jogue no Google, como uma pessoa normal.

Ric resmungou uma reclamação ininteligível e acrescentou:

– Então… quer dizer que sentiu saudade?

A pergunta me pegou de surpresa.

Eu tinha mesmo dito aquilo. E sentia saudade dele. Sentia saudade de todos desde que me mudara do Maine treze meses antes. Eu só… não era boa em admitir isso. Eu inventava todo tipo de relacionamento ficcional com a maior facilidade, mas sempre fui péssima em expressar os meus próprios sentimentos. Da última vez que tinha tentado, acabei chorando ao telefone com ele.

– Preciso ir – falei. – Tem uma banheira vintage me esperando na pousada. Cheguei um dia antes só pra garantir que ia conseguir um quarto com banheira. Então é isso. Aproveite o Brasil.

– Frankie – disse Ric. – Toma cuidado, tá? Sei que você é uma mulher independente e emancipada e sei lá mais o quê. Mas não me importa que seja famosa ou bem-sucedida. Você continua sendo minha irmãzinha.

Fechei bem os olhos quando senti a pressão que surgia atrás deles. Nunca me considerei famosa. Mas tinha mesmo alcançado o sucesso.

Só que no momento eu não passava de uma escritora prestes a afundar, com uma carta de um perseguidor maluco no porta-luvas do carro.

– Vai ficar tudo bem – dei um jeito de dizer. – Mas prometo que vou tomar cuidado.

– Tenho orgulho de você, Frankie.

Eu não conseguia acreditar que o idiota do meu irmão ia mesmo me fazer chorar.

– Meu Deus, Ric. Vou desligar.

– Não posso dizer nada ultimamente – reclamou ele. – Aliás, eu também te amo.

Senti um aperto no peito.

– Você é muito irritante.

– E você é fedorenta. Mas eu te amo assim mesmo e…

– Não. Tá, tchau – interrompi, finalizando a ligação com um toque rápido na tela.

Que absurdo. Eu não podia desmoronar logo no início do dia.

Ou do fim de semana.

Endireitei os ombros, abri a porta do carro, saí e… *Puta merda, Vermont*. Uma rajada de vento gelado atingiu o meu rosto, me deixando sem fôlego. Olhei em volta e avistei nuvens pretas espreitando por cima das montanhas cobertas de pinheiros. Não parecia nada bom, mas eu não tinha passado cinco horas no carro para relaxar à beira da piscina. Estávamos no fim do outono. Portanto, assim que as minhas mãos e os meus pés já congelados permitiram, tirei a bagagem do porta-malas e corri para dentro da pousada.

Todo o estado de Vermont deve ter ouvido meu suspiro de alívio quando as portas da Pousada Bordo Vermelho se fecharam atrás de mim. O lugar não só estava incrivelmente quentinho em comparação com o inferno glacial do lado de fora como também – ao contrário do meu último livro, de acordo com resenhas recentes – fazia jus à fama.

Fui recebida por vigas grossas de madeira, janelas salientes enormes e várias lareiras espalhadas pelo térreo. Da entrada, também dava para ver um bar, um lounge com mesas e cadeiras e pelo menos dois cantinhos de leitura. Todos os móveis e itens de decoração pareciam rústicos, e cada centímetro do lugar contava com uma decoração alpina aconchegante e atemporal. Um pouco do calor que senti na pele se espalhou pelo meu interior diante do alento de que, se

os quartos tivessem a metade daquela beleza, pelo menos eu teria um lugar bonito onde me esconder dos horrores de sessões de autógrafos vazias.

Um quarto bonito e uma banheira vintage para afogar as mágoas.

Assenti para mim mesma numa tentativa de me agarrar a esse sentimento, segurei firme a alça da mala e a empurrei em direção à recepção. A fila de hóspedes não estava longa. Havia apenas uma mulher de meia-idade com cabelo loiro reluzente, um cara com equipamentos de montanhismo vasculhando uns folhetos e um homem esperando a poucos metros do balcão.

O homem tinha porte avantajado e ombros largos, cabelo ondulado cor de chocolate naquele corte mullet que estava na moda e pernas grossas. Sabe, do tipo que era garantia de coxas bem fortonas.

Meus olhos, famintos por contato humano após semanas de reclusão, percorreram, ávidos, as costas do homem. Eram poucas as coisas que chamavam minha atenção com mais rapidez do que a combinação de ombros largos e calças jeans preenchidas com generosidade.

Eu não conseguia ver o rosto dele, mas me peguei completando as lacunas. Olhos gentis. Sorriso tímido. Barba por fazer. Definitivamente tatuado sob a camisa de flanela e a calça jeans.

Um peso que eu conhecia muito bem invadiu o meu peito, e me contive. Precisava parar de fazer isso. De ir atrás de coisas que não me pertenciam.

Balancei a cabeça de leve, determinada a direcionar minha atenção a outra coisa. A qualquer coisa. Mas o homem virou antes que eu pudesse fazer isso. Olhou para o lado, o suficiente para que o queixo se projetasse por cima do ombro. Como se sentisse que estava sendo observado.

Senti um frio na barriga quando vi o formato daquele queixo.

Não, pensei. *Não pode ser. Não…*

Seu corpo continuou o movimento e, de repente, ele estava de frente para

mim.

Por um momento, só consegui ficar paralisada olhando para ele. E não de vergonha, mas por causa de algo muito, muito pior.

Familiaridade.

Turner Reece sorriu para mim como se o tempo não tivesse passado, e quase sorri de volta. Por um instante, me perdi naquele par de olhos castanhos que sempre me fitaram como se eu fosse especial. Por uma fração de segundo, me permiti olhar para o sorriso quase imperceptível nos seus lábios e simplesmente pensar: *Uau.*

Mas isso tudo passou bem rápido.

Principalmente porque reprimi meus sentimentos. Tinha aprendido a fazer isso. Por necessidade.

Turner percebeu. Seu sorriso também desapareceu. Então, aquela mão grande, com o dorso tatuado, se ergueu no ar e pousou na lateral do seu pescoço. Seus dedos se mexeram, coçando a pele. É engraçado como podemos nos distanciar fisicamente de alguém e mesmo assim conhecer profundamente essa pessoa. Ainda ter aquele instinto de querer acalmá-la quando ela fica inquieta. Turner estava inquieto. A maioria das pessoas teria ignorado aquele sinal. Mas eu, não. Outro sinal era o cenho franzido.

– Frankie – disse ele, surgindo ao meu lado de repente. Quando foi que ele se aproximou? – Oi.

A memória que eu tinha da sua voz não correspondia à realidade. Nem um pouco. Do contrário, teria me preparado para aquele momento. Eu não estaria me sentindo como se aquelas duas palavras tivessem me levado de volta no tempo. E eu não estaria completamente perdida pensando *merda, te ver me deixa tão triste, mas estou tão feliz de te ver.*

– Oi – respondi com a voz rouca.

Ele pensou no que dizer em seguida. Por fim, se decidiu por:

– Senti saudades.

Meu corpo inteiro estremeceu mais uma vez.

Era a pior coisa que ele poderia ter dito. Não porque eu tivesse dificuldade de ouvir ou dizer essas palavras, mas porque havia uma dúzia de razões para isso, e eu não tinha coragem de expressar nenhuma delas em voz alta.

– Eu…

E hesitei.

Também senti saudade, eu poderia ter dito.

Quanto tempo. Como você está?

Como sabia que era eu que estava olhando fixamente pras suas costas?

Sentiu o mesmo golpe de familiaridade que eu senti quando vi o seu rosto? Como um soco na cara. Um golpe no peito.

Você se lembra daquela vez que beijou a minha testa, porque eu estava bêbada e adormeci no seu ombro? Lembra que aquela foi a primeira e a última vez que os seus lábios tocaram qualquer parte do meu corpo que não fosse a minha bochecha?

Vai beijar a minha bochecha?

Mas não falei nada disso. Eu não lidava nada bem com os meus próprios sentimentos. Então fechei bem a boca, como uma barreira física para impedir que todas essas coisas escapassem dos meus lábios.

Foi por isso que fui embora do Maine. Foi por isso que, quando Turner apareceu em Boston, eu…

De repente me dei conta de uma coisa.

Turner notou e fez menção de estender a mão para mim.

Antes que a mão estabelecesse contato, perguntei:

– Foi o meu irmão que te mandou de novo?



2

Frankie

Foi o meu irmão que te mandou de novo?

Foi só quando as palavras deixaram os meus lábios que percebi o que tinha perguntado.

Meu rosto pegou fogo.

– Esquece o que eu disse…

– Não – respondeu Turner, com firmeza. Não de um jeito agressivo. Ele nunca era agressivo, apesar do tom grave e sério natural de sua voz. Ele deixou a mão cair ao lado do corpo. – Por que o Ric me mandaria pra cá?

Era uma boa pergunta. Turner sempre fazia boas perguntas.

Era a segunda vez naquele dia que eu encurralava a mim mesma. Também tinha ignorado a existência do tempo e do espaço, levando em consideração a impossibilidade de, nos poucos minutos que levei para entrar na pousada, meu

irmão mandar alguém do Maine para Vermont, a quase cinco horas de distância, para me salvar de um stalker. A questão é que não teria sido a primeira vez que meu irmão enviava alguém em uma missão de resgate.

Que enviava Turner, especificamente.

Uma lembrança daquele dia, poucas semanas após eu ter me instalado no apartamento novo, ressurgiu. Eu, com rímel escorrendo no rosto de tanto chorar. O melhor amigo do meu irmão batendo na porta, pedindo que eu o deixasse entrar. Eu ainda me sentia péssima pelo jeito como tratei Turner naquela noite. Pelo jeito como reagi ao fato de ele ter ido até Boston e aparecido à minha porta sem avisar.

E o meu comportamento naquele exato momento não estava sendo muito diferente.

– Desculpa – falei, soltando o ar devagar. – Eu… A gente pode esquecer esse último minuto que passou? Podemos começar do zero? Por favor?

Turner ficou em silêncio por um bom tempo. Estava pensando. Provavelmente tentando entender aquele desastre de reencontro. Eu me preparei para o pior quando o vi se afastar levemente, não mais que meio metro.

Então aquele sorriso quase imperceptível se formou mais uma vez e ele disse:

– Frankie. Oi. Senti saudades.

Meus joelhos quase cederam.

Sério.

Foi por esse motivo que fui embora. Pela maneira como ele falava "Frankie", por causa daquele "senti saudades" dito pela segunda vez. E também pelo fato de ele ter repetido as mesmas palavras que tinha dito antes.

Ele não começou do zero dizendo algo como "Oi, Frankie. E aí?". Turner

Reece era consistente e estável demais para reescrever palavras que já tinha decidido dizer.

Essa sempre foi uma das coisas que eu mais amava nele.

– Oi – sussurrei com um sorriso, esperando conseguir esconder o peso que aquele último pensamento tinha deixado. – Oi, Turner. Também estou feliz por te ver. Você está com a cara ótima. Como sempre.

– Você também. Está com a cara ótima. Como sempre, mas diferente. Melhor.

Meu sorriso tremulou, meu coração acelerou por causa do elogio. Turner não era um homem dado a elogios.

– E aí, o que está fazendo em Vermont? Eu não esperava encontrar você aqui. Como já deve ter ficado bem claro.

– Ficou, sim – respondeu ele, engolindo em seco. – Vim por sua causa, Frankie. E também estou feliz por te ver. Já faz um tempo que quero te encontrar, na verdade.

Deixei escapar uma risada estranha, quase engasgada, e tentei superar aquela fala também.

– Você veio pra convenção de livros de crime e suspense?

Turner apenas assentiu, embora sem muita confiança.

– A Mia veio com você? – me obriguei a perguntar.

Minha voz saiu calma, quase animada. Como se a pergunta não quisesse dizer nada de mais. Como se o meu coração não estivesse queimando dentro do peito. Comecei a tagarelar:

– Foi ideia dela? Aposto que ela amou todas as possibilidades que a região oferece de congelar a bunda numa caminhada. Ela está sempre… – Hesitei. – Ela estava… *estava* sempre implorando que qualquer um fosse curtir a boa e velha

natureza com ela, então não seria nenhuma surpresa. Aposto que ela continua do mesmo jeitinho. Eu… – Pigarreei e decidi colocar um fim naquele assunto. – Vermont é lindo no inverno. Foi o que me disseram, pelo menos. A Mia vai amar. Você também. E eu, eu acho.

Turner piscou devagar para mim, e por um instante tudo o que eu queria era que o chão se abrisse e me engolisse por inteiro. Principalmente depois de ter tagarelado daquela forma. Eu nunca tinha agido de um jeito tão esquisito na frente dele, e ele devia estar pensando mais ou menos a mesma coisa.

Mas tudo o que ele disse foi:

– Mia?

– Sabe, olhos azuis, cabelo avermelhado comprido, risada alta e uma aliança de noivado no dedo. Como vão… os preparativos do casamento, falando nisso? O Ric não me conta mais as coisas, ele anda tão ocupado. E o Leo… Bom, você sabe como ele é. A última notícia quem me deu foi a minha mãe, há alguns meses, e ela disse que vocês estavam procurando um lugar para a cerimônia.

Os lábios de Turner se abriram, mas logo voltaram a se fechar, numa linha tão fina que seu bigode ficou mais saliente. Nunca fui fã de barba em geral, mas amava aquele bigode, desde o dia em que ele decidiu adotá-lo, anos antes. O único defeito disso era que o bigode às vezes escondia suas expressões, que já eram bem discretas. Como naquele momento.

– Turner? – insisti.

– A gente cancelou o casamento – revelou ele, finalmente. – Faz três meses. Não ficou sabendo?

O silêncio tomou conta de tudo mais uma vez.

Pesado, denso. Fazendo meus ouvidos zumbirem.

Eles cancelaram o casamento.

Fazia três meses.

E eu não sabia.

Eu não fazia ideia. Nem imaginava, aliás. Ninguém tinha dito uma palavra a respeito. Nem minha mãe, nem Ric, nem Turner, nem Mia, porque eu tinha me afastado da vida dos meus amigos e fechado a porta para qualquer possibilidade de que eles me contassem algo do tipo.

– Não – respondi de repente. Lancei a mão à frente e envolvi o braço de Turner com os dedos. – Não – repeti. – Eu não sabia mesmo. *Meu Deus*. Sinto muito, Turner. O que aconteceu?

A cor voltou ao rosto dele rapidinho, cobrindo as bochechas. Ele olhou para baixo, para onde a minha mão se agarrava à flanela da sua camisa.

Então me dei conta de quanto tempo fazia que eu não tocava nele. E de que eu provavelmente não deveria ter feito isso. Meus dedos relaxaram e, quando fiz menção de soltá-lo, ele me impediu. Aquelas linhas pretas de tinta que percorriam sua pele formando uma mariposa me acolheram, e o calor da sua mão cobriu a minha com uma familiaridade que me fazia falta.

– Está tudo bem – disse ele.

Mas não estava. Ele estava me tocando, aninhando os meus dedos entre o braço e a mão, e foi inquietante perceber que o meu corpo ainda reagia a ele. Como um choque. Uma ruptura no tempo. Como se o meu coração tivesse acabado de voltar a bater.

– Então, o que aconteceu? – perguntei novamente, me obrigando a olhar nos olhos dele.

– A gente cancelou o casamento – repetiu.

Esperei que ele explicasse, mas, como isso não aconteceu, senti necessidade de dizer alguma coisa.

– Sinto muito. E não precisamos falar sobre isso se não quiser. Eu não deveria ter perguntado. Nem insistido em saber dos detalhes.

– Por quê?

– Porque não é da minha conta.

Eu fiz questão de que não fosse, pensei.

– Minha vida costumava ser da sua conta – argumentou Turner. – E a Mia era sua amiga.

Você também era meu amigo, eu quis responder. *E não era esse exatamente o problema?*

Mas não valia a pena estender uma discussão que não ia mudar nada entre nós. Eu era apenas uma garota que tinha se apaixonado por um garoto que nunca correspondeu aos seus sentimentos. Não do jeito que eu queria. Éramos só amigos. Grandes amigos. Amigos de infância. Mas ele nunca foi meu. Eu o dividira com Ric, com Mia, e chegou um momento em que tive que abrir mão dele. Porque eu podia alimentar esperanças em relação ao melhor amigo do meu irmão, até ao meu melhor amigo, mas não podia ser apaixonada por um homem que era noivo.

E agora ali estávamos nós. Treze meses e centenas de quilômetros depois.

Apenas duas pessoas que um dia fizeram parte da vida uma da outra, como ele disse, e que continuavam… de mãos dadas.

Afastei o braço.

– Então, e a convenção? Você veio mesmo por causa da convenção?

– Minha mãe – explicou Turner, desviando o olhar para a minha mão, que eu tinha enfiado no bolso do casaco. Ele coçou a lateral do pescoço. – Ela ganhou um sorteio. Acho que eu deveria ter começado por essa informação.

– Um sorteio?

– Esse era o prêmio. A Convenção de Livros de Crime e Suspense de Vermont. Minha mãe viu que você estava entre os autores convidados e participou de um sorteio do Facebook. Era um pacote VIP especial que incluía a hospedagem na pousada. Ela achou que seria uma boa ideia que eu viesse ver você.

– Que gentileza da parte dela.

Era mesmo. E me fez pensar que Turner devia estar sofrendo bastante com o término para que Marcia decidisse mandá-lo para uma convenção literária. E me perguntei por que ela achava que me encontrar seria uma boa ideia.

– Espero que te ajude a se distrair um pouco.

– Comecei a ler pra passar o tempo. Caso esteja tentando lembrar se algum dia me viu com um livro, imagino que não. Mas os audiolivros têm ajudado muito, considerando quanto eu trabalho. Não consigo mais trabalhar sem ouvir um.

– Isso é ótimo. Você passava a maior parte do tempo trabalhando.

– Ainda passo – confirmou ele, assentindo. – Mas agora a portas fechadas. Passo bastante tempo de fone. Qualquer um poderia entrar e eu nem perceberia.

Uma imagem mental surgiu sem aviso. Turner na Padeiro da Meia-Noite – sua padaria – ao amanhecer, coberto de farinha até os cotovelos, com as mãos ocupadas sovando a massa enquanto minhas palavras lhe faziam companhia. Mas ele nunca disse que eram os *meus* livros que ele ouvia. E eu não podia me dar ao luxo de acreditar que eram.

Pigarreei.

– Isso é… É incrível, Turner. Fico feliz que finalmente tenha encontrado um motivo para vir para o lado sombrio da força, que é muito melhor, aliás. Ao contrário de certas pessoas.

– Quero deixar registrado que mando recomendações semanais para os seus

irmãos. Consegui até subornar o Ric a entrar em um clube de leitura on-line comigo. Não tive a mesma sorte com o Leo. Ele se limita a responder minhas mensagens com um joinha.

– É bem a cara dele. E um clube do livro *não* é a cara do Ric. Me espanta que ele tenha concordado. Vocês ainda estão participando? Por que será que ele não me disse nada? Parece o tipo de coisa que a gente conta pra irmã escritora.

– Ah, é que ele caiu fora no primeiro mês.

Revirei os olhos.

– Ele tentou consertar alguma coisa que já estava funcionando e foi convidado a se retirar?

– Não foi só uma coisa – respondeu Turner, rindo. – Foi o clube inteiro. Ele começou a fazer até ata das reuniões. Com anotações sobre a eficiência e o envolvimento dos participantes nas discussões. Todo mundo ficou ofendido, inclusive eu. Rolou um motim.

Soltei uma risada irônica.

– Só o Ric mesmo pra fazer a bolha mais calma e tranquila da sociedade se rebelar.

Turner deu um sorriso – largo, lindo, quase relaxado, que amei ver em seu rosto. Amei principalmente ter sido a responsável por ele.

Turner costumava sorrir assim para mim de vez em quando. Sem motivo. Mesmo eu sendo só a irmã mais nova de Ric. O fato de eu ser três anos mais nova que ele nunca foi um problema para a nossa amizade. O fato de ele já ter um melhor amigo também não.

Hoje sei que aqueles sorrisos nunca foram mais que gestos normais que compartilhamos com alguém com quem temos intimidade por termos crescido juntos. Mas uma parte de mim sempre cultivou esperança – pelo menos até Mia entrar na minha vida e eu apresentá-la ao nosso círculo.

Essa esperança foi ceifada rapidinho quando os dois começaram a sair. Só que as raízes dos meus sentimentos por Turner continuaram enterradas bem fundo dentro de mim.

Eu acreditava que o tempo e a distância pudessem secá-las. Fazê-las encolher até eu não sentir mais nada. Mas agora que estava ali olhando para ele, com aquele cabelo castanho bagunçado, os olhos gentis, os ombros largos, sorrindo para mim como antes, não tinha mais tanta certeza de que o plano havia dado certo.

As raízes pareciam continuar ali, à espreita daquela maldita esperança que eu acreditava ter eliminado por completo, prontas para brotar.

Mas elas não podiam brotar. Eu não podia permitir isso. Não justamente naquele fim de semana.

Já bastava ter que fingir que eu não estava à beira de um colapso. Que minha base instável não estava ruindo. Que minha carreira não estava prestes a desmoronar. E que ser uma autora fracassada com um stalker na sua cola não me afligia.

E, além disso tudo, Turner estava ali. Com o coração partido por causa de um noivado cancelado e querendo… Querendo o quê? Colocar o papo em dia? Pedir um autógrafo de um dos autores convidados? Exigir uma explicação para o fato de eu ter parado de atender quando ele telefonava? Distrair a cabeça? Ser testemunha do meu fracasso quando eu cedesse à pressão e encarasse a realidade de que a carreira de Frankie Rossi já era?

Inferno. Eu não estava preparada para nenhuma dessas opções.

– Frankie? – chamou Turner. Voltei a olhar para ele. Seu sorriso tinha desaparecido. – Se isso for um problema pra você… O fato de eu estar aqui…

– Claro que não – interrompi, fazendo algo que já tinha feito muitas vezes. – Você precisa se distrair, e sempre fico feliz em te ver, não importa quais sejam as

circunstâncias. Então pode ir parando de se preocupar comigo. Você vai se divertir na convenção, tenho certeza. E, por favor, diga pra Marcia que adorei ela ter pensado em mim. Ah, e que ela é muito sortuda. Esses malditos sorteios são tão difíceis de ganhar que a maioria das pessoas acha que é tudo mentira. – Forcei uma risada, que saiu estranha e hesitante. – Enfim. Acho que vou correr até o banheiro enquanto você faz o check-in e se organiza por aqui. É que a viagem foi longa, né? Mas com certeza a gente vai se ver por aí. Então tá. Tchau.

Foi difícil dar as costas a Turner vendo que ele sabia muito bem o que eu estava fazendo – fugindo mais uma vez – e que queria me impedir.

Ainda assim, peguei a mala e fui para o banheiro o mais rápido que consegui.

A alternativa era arriscada demais. A verdade podia escapar e eu duvidava que ele quisesse ouvir que não, não estava tudo bem ele ter ido para a convenção no lugar da mãe.

Principalmente porque, se tinha uma pessoa no mundo que eu não queria que me visse fracassar, essa pessoa era ele.

A pessoa que nunca me amou como eu queria.

A pessoa de quem tive que abrir mão.

A pessoa que uma parte de mim ainda queria impressionar.



Ela estava ali.

A banheira.

Em toda a sua glória vintage.

Tão linda e convidativa quanto eu tinha imaginado, só que maior. Bem maior. Grande o suficiente para acomodar duas de mim. Ou eu e minha mala, o que já era alguma coisa.

Soltei um suspiro, abri a torneira e ajustei a água para que ficasse o mais

quente possível.

– Eu e você vamos nos conhecer em um minutinho – prometi. – Mas primeiro…

Fui até o quarto e abri a mala, usando o tempo que a banheira ia demorar para encher para colocar as minhas coisas no armário e pegar os vários itens de banho que havia levado comigo. Aquele sempre tinha sido o plano. Ainda mais depois de encontrar Turner, eu precisava aproveitar qualquer oportunidade possível de relaxar.

Eu não estava orgulhosa de mim mesma por ter fugido daquele jeito na recepção nem dos minutos que antecederam a fuga, mas não havia como jogar tudo fora e reescrever a cena, como eu fazia nas minhas histórias. Aquela era uma reviravolta inesperada na trajetória da minha personagem, uma reviravolta com a qual eu teria que lidar. Foi por isso que prometi a mim mesma que seria a última vez que faria isso com ele.

Turner estava de coração partido, pelo amor de Deus. Cancelar o noivado podia até ter sido uma decisão conjunta, mas não queria dizer que ele não estivesse sofrendo – ou que Mia não estivesse.

Pensar nos dois passando por aquela dor sem que eu soubesse me fez sentir um aperto no peito. Sempre me senti culpada pelo jeito como me afastei, e essa culpa parecia ter dobrado. Era estranho que eu estivesse aliviada. Na época, me perguntei como eu me sentiria se Turner acabasse não casando. Como eu me sentiria se ele percebesse que não podia seguir em frente com o casamento? Como eu me sentiria se Mia percebesse isso e terminasse tudo?

A resposta era: exatamente como sempre. Não mudaria nada.

Porque eu sempre, *sempre*, estive lá, e ele nunca me viu como nada além de uma amiga.

E eu não podia mais ser isso para ele.

Mas eu continuava incomodada por não ter ficado sabendo do término. Por que ninguém me contou? Admito que eu tinha passado os últimos três meses ocupada me preparando para o meu lançamento mais recente, o último volume de Lobos da Noite, a série que me definiu como escritora, e depois remoendo o fracasso que tinha sido. Admito que acabei me isolando um pouco. Mas eu teria atendido se alguém tivesse me ligado. Respondi a todas as mensagens de parabéns e votos de bom lançamento. Mandei uma mensagem de voz quando recebi as flores que Leo enviou no dia da publicação. Também respondi à selfie que Ric mandou com um dos meus livros, que ele encontrou no aeroporto. Naquele dia mesmo, passei quase uma hora conversando com ele.

Mas ninguém pensou em me contar que Turner e Mia tinham terminado.

Será que foi por causa do modo como eu fui embora? Ou porque eles tinham suas suspeitas sobre o motivo da minha partida?

O calor subiu pelo meu rosto, me fazendo perceber que estava parada em frente à mala, perdida em pensamentos. Peguei meu nécessaire e balancei a cabeça.

Não importava. O fato de eu não saber não fazia diferença. Turner e Mia não estavam juntos. Marcia tinha mandado o filho para uma convenção literária como forma de superar o término ou algo do tipo, por algum motivo com a intenção de que ele me encontrasse. Mas por quê? Por quê…?

– Para com isso – falei para mim mesma, e soltei um gemido.

Eu precisava muito parar de pensar.

Peguei dentro do nécessaire a bolsinha que continha meus óleos essenciais e já ia em direção ao banheiro, mas parei de repente quando me lembrei do aplicativo de atenção plena que tinha baixado justamente para aquele momento.

Atenção plena. Meditação. Acalmar os malditos pensamentos acelerados.

Equilibrando os itens de higiene pessoal em um dos braços, peguei o celular e

fui até a cômoda que ficava no canto do quarto, onde eu tinha largado a minha bolsa com os fones de ouvido. A decoração do quarto era tão bonita quanto a da recepção, e eu devia estar bem distraída pensando em encher a banheira porque deixei escapar alguns detalhes ao entrar. O primeiro era um mapa antigo e deslumbrante de Manchester, que meu pai adoraria ter. O outro era uma caixinha em cima de um bilhete sobre a cômoda.

Meus olhos se fixaram no pedaço de papel que parecia ter sido arrancado de um bloquinho. Dizia:

Ao tempo que perdemos.

Escrito à mão. Sem assinatura. A caixa era pequena, não tinha marca, e, quando tirei a tampa, encontrei quatro trufas de chocolate dispostas sobre caminhas quadradas de papel.

Havia alguma coisa nas pequenas imperfeições dos chocolates, no fato de serem parecidos mas não idênticos, algo que gritava… caseiro.

– Turner? – me ouvi murmurar.

Ele jamais diria ser confeiteiro ou *chocolatier*, mas na minha mente surgiu uma imagem dele na cozinha, despejando chocolate numa fôrma. Turner era *padeiro*, no fim das contas. Padeiros também fazem doces às vezes. E, embora ele tivesse uma empresa especializada em pães de fermentação natural sofisticados – e maravilhosos –, que era fornecedora de restaurantes finos na região do Maine, não era raro que se aventurasse em outras áreas no tempo livre.

Será que era o caso?

Será que ele tinha pedido à equipe da pousada que deixasse os chocolates no meu quarto enquanto fazia o check-in e eu me escondia no banheiro?

– Ao tempo que perdemos – li, em voz alta desta vez.

Aquele arrependimento inicial me invadiu de novo, me obrigando a largar o bilhete sobre a cômoda.

Um sentimento familiar obstruiu a minha garganta quando me virei de volta para o banheiro. Despejei a minha mistura favorita de óleos essenciais na banheira, coloquei o apoio de cabeça na extremidade mais larga e tirei as roupas, que deixei cair no chão. Foi só quando já estava com o corpo imerso na água escaldante que me permiti reconhecer a causa do nó na minha garganta.

Esperança.

Uma esperança idiota.

Brotando daquelas raízes idiotas.

Ao tempo que perdemos.

Senti um frio na boca do estômago.

– Ah, não – sussurrei.

E deslizei, deixando a cabeça mergulhar na água perfumada.



3

Frankie

Logo avistei Turner no térreo.

Ele estava sentado numa banqueta no bar vazio, como um farol no meio de um mar de móveis rústicos e poltronas acolchoadas.

Eu tinha levado horas tentando reunir a coragem necessária para deixar a segurança do meu quarto. Quando finalmente tirei o roupão, vesti uma legging e uma blusa de lã de tricô que deixava o ombro à mostra e calcei minhas boas e velhas botas Doc Martens surradas, o sol já tinha se posto.

Temi que fosse tarde demais. Que, apesar de ainda ser início da noite e de não haver motivação nenhuma para sair da pousada dado o tempo rigoroso lá fora, ele já estivesse no quarto.

Parte de mim *torcia* para que ele já estivesse no quarto.

Assim eu não precisaria levar meu plano adiante. *Desça. Converse com ele. Agradeça pelos chocolates. Diga que vocês não podem ser amigos.*

Mas ele estava lá. Vestindo um suéter creme no lugar da flanela verde-escura desbotada e a mesma calça jeans escura e gasta, com o corpo levemente inclinado para o lado para acomodar os joelhos.

O bar vazio chamou minha atenção, considerando que uma convenção literária estava para acontecer ali. O lugar já não deveria estar mais movimentado? Talvez, mas isso parecia irrelevante, já que eu estava focada em rogar ao meu coração que desacelerasse enquanto eu ia até Turner.

O cabelo dele estava bagunçado, despenteado daquele jeito que faz a gente se perguntar no que a pessoa está pensando. No término? No nosso malfadado reencontro? As mangas do suéter dele estavam arregaçadas meio que de qualquer jeito, como se ele estivesse distraído quando as puxou. Não era do seu feitio. Turner fazia tudo com intenção. Ele estendeu a mão para pegar o copo à sua frente, mas desistiu quando percebeu que estava vazio.

Fazia quanto tempo que ele estava ali?

Tempo suficiente para beber um copo inteiro de cerveja, pelo menos.

Eu me perguntei se ele estaria esperando por mim, passando o tempo. Mas, assim como veio, esse pensamento foi embora, e murchei. Meu corpo se lembrou do que costumava acontecer depois desse tipo de especulação. Não era justo com a nossa amizade, que tinha sido incrível, mas eu já tinha me decepcionado vezes demais. Principalmente no final.

Muito antes disso, eu encontrava consolo no simples fato de vê-lo. De tê-lo por perto. De saber que eu era especial de alguma forma, ainda que não fosse como eu queria. Eu costumava ser a pessoa para quem ele contava as coisas que o incomodavam de verdade. E a primeira a quem ele mostrava suas tatuagens novas, toda vez. Meu corpo pareceu se lembrar disso também, porque meu olhar já estava procurando por elas.

O gato preto, que ocupava a parte interna do braço. O pãozinho minúsculo,

que sempre me fazia rir. A mariposa batendo as asas nas costas da mão, a primeira e, até hoje, minha favorita. Mas, ah. Também havia tatuagens novas.

Turner nem sempre me contava o significado das suas tatuagens, como a mariposa, por mais que eu tivesse perguntado um milhão de vezes, principalmente sobre essa. Mas elas sempre, sempre, significavam alguma coisa.

Tatuagens novas significavam novos marcos na vida dele, e eu não sabia o que aquela adaga significava. Eu nem sabia que ela existia, para começo de conversa.

Senti um peso de tristeza dentro de mim.

Turner virou a cabeça para trás, como se conseguisse sentir meu olhar vidrado nele.

Seus olhos se arregalaram quando encontraram os meus, e ele levantou da banqueta tão rápido que ela quase caiu.

– Oi – falei, parando ao lado dele. – De novo.

Aqueles olhos castanhos familiares percorreram todo o meu rosto, então desceram até minhas botas e voltaram a subir pelo meu corpo.

– Você está aqui mesmo.

– Estou. Eu estava procurando você, na verdade. Então, a não ser que já esteja cansado de ficar no bar e queira ir para o quarto, eu adoraria beber alguma coisa e jogar conversa fora. Se você quiser.

Ele estendeu o braço atrás de mim na mesma hora. Ouvi uma banqueta arrastando no chão.

– Senta. Por favor.

Uma risada rouca me escapou quando me sentei.

– Isso é novidade. Acho que você nunca puxou a cadeira pra mim. Na verdade, eu me lembro de você fazer o oposto.

– Está dizendo que eu não tenho educação?

Dei de ombros, feliz de ver o brilho que surgiu no rosto dele.

– Estou dizendo que eu talvez sofra episódios leves de estresse pós-traumático em situações que envolvem cadeiras e música. Ao mesmo tempo.

Turner deixou escapar um suspiro.

– Eu fui um babaca que deveria ter tomado mais cuidado perto de você.

– Ei, eram dois babacas, se não me falha a memória. E você claramente já superou essa fase. Já o Ric… Ele tentou aprontar comigo de novo no último Natal. A vovó quase o estrangulou com um pano de prato.

Turner franziu o cenho, como se a cena fosse desagradável, e não engraçada, como era minha intenção.

– Não vamos falar sobre o Ric – pediu ele. – O Ric não está aqui. A gente pode falar sobre qualquer coisa. Ou… pode só jogar conversa fora. Como você sugeriu.

A fala foi um pouco confusa, principalmente vindo de Turner. Mas será que eu podia culpá-lo por isso? Reencontros às vezes eram meio constrangedores. E eu estava sentindo meu coração bater na garganta de tão pertinho que ele estava de mim.

– Combinado – concordei.

Um instante de silêncio.

– Bebidas, então – falei, desviando o olhar da rosa de caule longo que espreitava por baixo da manga do suéter dele, e fiz um sinal para o barman.

Essa tatuagem eu conhecia. Ele fez a rosa quando saiu da casa de Marcia. Significava recomeço.

O barman veio na mesma hora.

– Um Negroni, por favor. E…

– Dois – interveio Turner. – E pode colocar na minha conta, por favor.

– Obrigada – falei, assim que o homem se afastou. Então virei de frente para Turner. – Eu me lembro de você bebendo só cerveja. Artesanal. De cervejarias pequenas, se possível. Mas o Negroni combina com você, eu acho.

Ele franziu os lábios por um instante, o que me distraiu. O gesto fez seu bigode também se mexer. Era incrível como aquele bigode caía bem com o corte de cabelo que ele tinha adotado.

– Por quê? – perguntou ele. – Por que você acha que combina comigo?

– Porque não é comum como um gim-tônica, mas também é amargo. Porque é rico em sabor e profundidade… Então a gente nunca mais olha pra trás depois que ele desce do jeito certo. É um drinque que queremos repetir. Sólido.

Uma expressão de surpresa e algo mais, algo que eu não soube definir, surgiu no rosto dele.

– Isso fez muito mais sentido na minha cabeça – expliquei, um pouco corada. – É difícil colocar em palavras. Até para uma escritora. Ou *principalmente* para uma escritora. Enfim. Parece coerente que alguém como você peça esse drinque. Só isso.

– Acho que faz muito sentido. Mas eu não saberia explicar. Eu só pedi porque quis experimentar algo que você ama.

Senti um calor intenso percorrendo meu corpo.

– Como sabe que eu amo Negroni? Eu poderia ter pedido a primeira coisa que veio na minha cabeça.

– Seus lábios – respondeu ele. Então ergueu a mão, aquela mariposa linda alçando voo, e apontou para o canto direito da própria boca. – Você mordeu o lábio inferior bem aqui. Você sempre faz isso quando pede algo que está ansiosa para comer ou beber.

Abri a boca.

Tentei falar, mas não saiu nada.

Eu não esperava que ele dissesse uma coisa dessas. E foi como… um choque.

Por sorte nessa hora o barman colocou os copos no balcão à nossa frente, o que me deu a desculpa perfeita para não alimentar o sentimento que estava me consumindo. Peguei meu Negroni e bebi um gole um pouco maior que o necessário. Estava precisando daquela coragem líquida.

– Como vão as coisas? – perguntei, largando o copo na superfície de mogno. – Tirando a notícia da vida pessoal de que não precisamos falar? Como vai o trabalho? Como vai Portland? Como vai *você*, em geral?

Turner bebeu um gole mais cuidadoso do que o meu e franziu o cenho enquanto largava o copo.

– Nada bem? – perguntei, em tom de provocação. – Ou só não está a fim de responder ao interrogatório?

– A bebida é exatamente como você descreveu – respondeu ele, voltando a olhar em meus olhos. – Exatamente. E acho que é a melhor coisa que bebo em um bom tempo.

Dei risada.

– E é por isso que está fazendo careta?

– Estou fazendo careta porque tenho certeza de que sempre vou pensar no que você disse quando beber um Negroni. E ainda não sei se isso é bom ou ruim.

Meu coração disparou.

Turner 2 × Frankie 0.

Não era um jogo, mas eu definitivamente estava perdendo.

Bati meu copo no dele, e o tilintar soou alto demais no bar vazio.

– Bom, um brinde à expansão de seus horizontes alcoólicos.

– Um brinde – repetiu ele, mas, ao contrário de mim, não fez menção de levar o copo aos lábios.

Ignorando a queimação do álcool que eu estava bebendo rápido demais, me ajeitei na banqueta, endireitei a coluna e abordei um assunto seguro:

– Me fale sobre a Padeiro da Meia-Noite.

A resposta foi curta:

– A padaria está indo bem. Me mantém ocupado.

– Sua voz está fazendo aquilo… Você está sendo humilde.

Ele deu um suspiro.

– Agora temos lista de espera. Para os clientes.

Ergui as sobrancelhas, uma expressão feliz de surpresa, e fiz um gesto com o dedo, pedindo a ele que continuasse. Eu sabia que tinha mais.

– E…?

– E esses clientes estão espalhados por todo o estado, não só na região de Portland.

– Isso é incrível! – exclamei, com toda a sinceridade. – Maravilhoso. Mas eu sempre soube que você ia chegar lá. Nunca duvidei.

O rosto dele se iluminou por um instante, mas não durou muito. Sua expressão ficou pesada e sombria bem rápido.

– Que foi? – perguntei, preocupada. – Parece que não são só boas notícias. Quer dizer, imagino que isso tudo tenha um preço. O estresse de expandir um negócio que começou pequeno e para uma demanda local deve ser assustador. É isso que está te afligindo?

Turner deu de ombros, sem se comprometer com uma resposta. Então desviou o olhar, encerrando o assunto.

Desanimei na hora. A conversa entre nós dois sempre foi fácil. A mais fácil, para ser sincera. Turner nunca foi do tipo que resumia a amizade a compartilhar segredos, mas sempre amou conversar sobre a Padeiro da Meia-Noite comigo. Sempre pareceu à vontade ao falar sobre o negócio, e foi por isso que toquei no assunto. Agora ele parecia quase melancólico. Será que eu estava tagarelando demais? Fazendo perguntas demais? Nunca tive medo de fazer isso com ele. De ter que me encaixar no papel da pessoa fria e distante, ou da tagarela excêntrica. Eu podia ser as duas coisas, porque ele era a constante.

A solidez. A rocha.

Não era assim que ele estava se comportando naquele momento. Ninguém deixa um bilhete como aquele no quarto de alguém e depois se fecha quando a pessoa tenta dar o que lhe foi pedido. E ninguém se afasta de uma amizade de longa data com a facilidade com que eu fiz isso. Mas ele *deixou* o bilhete no meu quarto. E os chocolates.

Era uma saia justa. E o momento perfeito para acabar com aquilo tudo, dizer o que eu tinha planejado e voltar para o quarto.

– Foi alguma coisa que eu disse? – perguntei, fazendo o oposto disso. – Eu não deveria ter falado de estresse ou perguntado o que te aflige…

Turner se virou para mim na mesma hora. Seus olhos ficaram fixos nos meus por um bom tempo.

– Você não disse nada de errado.

– Então o que aconteceu? Achei… achei que você quisesse colocar o papo em dia. Achei que quisesse conversar. Foi por isso que desci. Do contrário, teria ficado escondida no quarto. Acredite, sair daquela banheira me custou anos de vida.

– Você odeia ficar com os dedos enrugados.

– Quando estou escrevendo, o que não está rolando muito no momento.

– Você não está escrevendo?

Ignorei a expressão de preocupação em seu rosto.

– Eu sei que estou meio estranha hoje, mas você… Você foi meio babaca agora.

Turner piscou de maneira dramática e deixou escapar uma gargalhada.

– Você me chamou de babaca?

– Pelo visto – falei, dando de ombros.

Ele balançou a cabeça, dando um riso forçado.

– Eu… Meu Deus. Estou estragando tudo.

Ele não estava. Nós estávamos. E os últimos cinco segundos foram a interação mais normal que tivemos naquele dia. Eu não sabia se queria normalidade, mas pelo menos sabia o que fazer com ela.

Meus ombros relaxaram, e o aperto no peito se dissipou um pouco.

– O que exatamente você acha que está estragando, Turner Reece?

– Isso. Nós dois. A mim mesmo, também. Esse drinque, por exemplo. É amargo e saboroso e eu amei. Também é forte. Eu sei por que eu estava bebendo antes de você aparecer. Mas, meu Deus, Frankie, por que *você* está bebendo? Pra que você precisava de uma bebida? Pra conversar comigo?

– Beber costuma ser uma atividade social. E estamos socializando. Minha escolha não precisa ter um significado profundo.

– Talvez não. Mas não ter certeza está me deixando incomodado.

– Bom, supere – falei, como teria feito em qualquer situação, por instinto, para protegê-lo de mim e dos meus sentimentos. – Porque eu não preciso de álcool para conversar com você. Nunca precisei. Nós dois… éramos amigos. Como você disse.

– Certo – murmurou ele. – É por isso que você está agindo como se o último

ano não tivesse acontecido?

Senti o rosto queimar. Turner parecia mais confuso do que frustrado. Parte de mim quis se explicar, mas não havia ponto de partida seguro para isso. Eu não conseguia encontrar um. Como sempre acontecia quando eu dizia a mim mesma que devia uma explicação a ele.

– E por que você está bebendo? – perguntei, desviando da pergunta dele. – Você disse que tinha um motivo.

Ele olhou bem para mim. Um olhar que dizia: *É sério isso, Frankie?*

– É por causa da Mia? Do término? Seria compreensível.

– Não é por causa da Mia.

– Aconteceu alguma coisa com a Marcia? É por isso que você está aqui? Para me contar pessoalmente?

– O quê? Não. Não aconteceu nada com a minha mãe.

– Então o que houve? Porque você…

– Porque a ideia de ver você me deixou ansioso pra caralho, tá?

Meu coração quase saiu pela boca.

O maxilar dele relaxou, e percebi como ele estivera tenso antes.

– Porque eu tinha medo que acontecesse exatamente isso.

Por um instante, fiquei só olhando para ele. Por causa daquelas palavras, claro, mas também por causa do jeito que ele estava me olhando. Era diferente. Eu não sabia por que ou como, mas havia… uma vulnerabilidade estranha nele. Nova.

Isso me deixou curiosa. E também fez com que eu me sentisse um lixo.

Desviei o olhar.

– Justo. Eu acho que… – Fiz um gesto indicando nós dois. – Eu já estava um

pouco nervosa antes de encontrar você. Acho que essa situação toda me deixou apreensiva.

– Estar num bar de hotel? – perguntou ele, em tom de brincadeira.

– A convenção – expliquei, com um sorrisinho, voltando a olhar para ele. – A sessão de autógrafos, as palestras e… bom, tudo que isso envolve. Então, não é só a gente, eu acho.

Turner se aproximou mais um pouco, com o cotovelo ainda apoiado no bar, casual, mas interessado.

Como se eu tivesse acabado de oferecer uma isca que ele não queria morder tão rápido.

– O que nesta convenção te deixa assim?

– Não é só esta. São todas.

– Por quê? Eventos públicos nunca te deixaram ansiosa.

Deixei escapar uma risadinha amarga.

– Você saberia se tivesse ido ao lançamento do meu último livro.

Foi quase imperceptível, mas a distância entre nós era tão pequena, e eu estava olhando para ele com tanta atenção que seria impossível não perceber que ele se encolheu.

– Isso não é uma bronca – acrescentei. Porque não era mesmo. – É que as coisas não são mais como antes. Eu explicaria melhor, mas é uma história longa que começou faz um bom tempo, e não acho que a Marcia te mandou pra Vermont pra eu despejar meus dramas em você.

Ele me olhou sério, com os olhos castanhos cheios de… Caramba, eu nem sabia mais de quê. Aquele Turner era um pouco diferente do cara que eu tinha deixado para trás um ano antes.

– Pode despejar assim mesmo.

– Não é isso que você quer.

– Eu que sei o que eu quero – retrucou ele, com a voz suave e cheia de confiança. Meu coração disparou mais uma vez. – Quero ouvir a história. E também quero levar a bronca. Mereço uma. Eu poderia ter ido, mas decidi não ir até Nova York com o Ric.

– Você estava terminando um relacionamento. E… – *E não tinha motivo nenhum para aparecer depois de eu ter te chutado da minha vida*, pensei. Dei de ombros. – Não importa. O Ric também acabou nem indo, mas não espero que minha família largue tudo de tempos em tempos para me ver responder às mesmas perguntas e autografar o mesmo número reduzido de livros. É só um trabalho.

– Como assim, o Ric não foi? Ele me disse que…

– Achei que a gente não fosse falar sobre o meu irmão. E não teria mudado nada. Ninguém da minha família pôde ir ao evento, também não foram em outros, e tudo bem. Vamos encarar a realidade: acho que os meus irmãos e os meus pais nunca passaram do primeiro livro da série. Acho que só a vovó passou. Mas está tudo certo. Como eu disse, é só um trabalho.

Turner pareceu tão chocado que por um instante achei que tivesse falado demais. Provavelmente tinha mesmo. Então ele disparou:

– Que bobagem.

– O quê?

– Isso tudo que você disse.

Bufei.

– Por quê?

– Por quê?

– É.

Ele me encarou chocado, como se estivesse irritado por ser obrigado a responder.

– Porque seu trabalho é importante. Para os seus leitores, claro. Mas para você também. E você deve querer compartilhar isso com alguém.

Merda.

Merda, merda, merda.

Senti uma pressão atrás dos olhos.

Eu não ia chorar. Não podia fazer isso. Não ia confessar para ele que ultimamente parecia que eu não tinha ninguém. Nem meus parentes, que estavam ocupados com as próprias vidas; nem Mia, com quem eu não sabia mais conversar; nem as pessoas da minha área, que não acreditavam mais em mim; nem meus leitores, que tinham perdido o interesse; nem ele, de quem eu tinha aberto mão por não poder tê-lo como gostaria.

Eu só tinha a minha agente. Que eu amava, mas, *aff*, ela era só uma pessoa, e não ter mais ninguém fazia com que eu me sentisse invisível às vezes.

Dei um suspiro profundo.

– O que eu faço não me torna alguém especial. Sou só uma escritora. É um trabalho como outro qualquer.

Turner foi se inclinando devagar na minha direção, como se quisesse que eu ouvisse suas palavras com atenção. Senti o meu corpo gritando, implorando para que ele me tocasse. Para que fizesse com que eu me sentisse vista. Como nos velhos tempos. Como um mau hábito que acreditamos ter superado, mas que parece voltar, e então lembramos que ele sempre esteve ali, independentemente do que fizemos para superá-lo.

– Frankie – disse ele, e engoliu em seco. – Para mim você sempre foi especial.

Eu me deleitei na sensação que essas palavras me causaram. No modo como

ele as disse. Como se estivesse disposto a injetá-las na minha corrente sanguínea se eu ousasse questioná-las. Desconfiei que aquele era um hábito que eu nunca ia superar. Que eu sempre ia querer isso de Turner. Que o tempo e a distância não tinham mudado nada.

Que eu precisava de mais uma bebida.

Peguei o copo e virei o que restava do Negroni. Então, chamei o garçom, que se aproximou em uma fração de segundo.

– Mais uma rodada, por favor. E desta vez pode colocar na minha conta – falei, repetindo as palavras de Turner. – Obrigada.

– Então é isso que vamos fazer agora? – perguntou ele. – Vamos ficar bêbados? Não me entenda mal; fico feliz por querer fazer isso comigo, só quero ter certeza de que é isso mesmo.

– É – confirmei, ainda sem olhar para ele. Eu estava mais frustrada comigo mesma do que com ele, mas, meu Deus, por que ele tinha que dizer que eu era *especial*? – A gente está em um bar, e nós dois temos motivos pra beber, como já ficou claro. Então é o que vamos fazer.

– Tudo bem. Eu é que não vou negar.

– Maravilha.

– Ótimo.

– Agora que isso foi resolvido… – concluí, com um sorriso forçado do qual ele só viu a metade. – Acho que a gente não é muito bom nesse negócio de colocar o papo em dia, então é melhor falar… do tempo. Ou da condição das estradas. Pode escolher.

– Não gosto de conversa de elevador. Nunca gostei. Esqueceu?

– Esqueci – menti.

Eu não tinha esquecido. No passado, eu costumava fazer perguntas ou

comentários totalmente aleatórios quando estávamos em ocasiões sociais e tínhamos que aguentar a conversa de elevador. Deixava-os escapar com a maior naturalidade e Turner fazia o assunto render enquanto os outros nos olhavam confusos. Era como uma piada interna. Mas meu humor não estava dos melhores depois de ele ter me chamado de *especial* com toda aquela ousadia.

– Desculpa. Esqueci completamente.

– Essa vai ser a segunda vez que vou te acusar de estar mentindo…

– Não é mentira.

– Você me conhece muito bem, Frankie.

Finalmente olhei para ele.

– As pessoas mudam.

– Pode até ser. Por fora. Mas não a gente. – Ele deu um tapinha no peito. – Não aqui dentro.

– Isso… – Hesitei. Pareceu um golpe baixo. – Isso não é verdade.

– Você pede bebidas sofisticadas e usa o cabelo bem mais curto – rebateu ele. – Agora tem franja e faz uma maquiagem ao redor dos olhos que eu não sei o nome, mas que faz com que seja impossível desviar o olhar. Está magoada com alguma coisa e não quer me dizer por quê. Continua preferindo me esconder a verdade a deixar que eu carregue um pouco do peso por você.

Fiquei olhando para ele boquiaberta, com o pulso acelerado.

Dois copos foram colocados no balcão à nossa frente. Nenhum de nós dois olhou para eles.

Ele se aproximou ainda mais. Com cuidado, como se estivesse querendo testar alguma coisa. Isso fez com que eu sentisse seu cheiro, de verdade – não apenas um vestígio suave de perfume, mas o cheiro dele. Suas pernas tocaram meus joelhos de leve, e eu afastei as minhas para acomodá-lo. Eu já tinha

experimentado aquela proximidade com Turner no passado, mas não assim. Havia intimidade no jeito como ele inclinou o tronco na minha direção. Uma intimidade misturada com cautela, uma prudência gentil. Fiquei sem fôlego.

– No fundo eu também não mudei, Frankie – disse ele, tão perto desta vez que senti o seu hálito na minha pele. – Continuo o mesmo, mas agora estou tentando consertar os meus erros.

– Como? – sussurrei.

Ele acariciou a pele exposta do meu ombro com o dorso dos dedos. Uma onda de arrepios se espalhou pelo meu corpo. Respirei fundo.

– O como não é importante. O que importa é por quê.

– Por que então? Por que está tentando consertar o que quer que seja?

Turner umedeceu o lábio inferior com a pontinha da língua e eu me perguntei se ele sentiu o sabor do Negroni ali. O amargor do Campari. Eu sentiria o aroma da bebida se me aproximasse só um pouco mais.

– Um dia eu me vi sentado na cadeira do barbeiro, olhando para o meu reflexo, novinho em folha. Eu não me lembro de ter pedido esse corte, nem do Johnny cortando. Só sei que aconteceu e eu acabei assim. Foi a primeira vez que fiz alguma coisa sem pensar em um bom tempo. A primeira vez que fiz algo por mim. Foi libertador.

– Corte de cabelo pós-término – comentei baixinho. – Ficou ótimo.

Ele deixou escapar um "hmm". E as palavras que disse depois fizeram cócegas nos meus lábios.

– Acha mesmo?

Era inebriante ter algo que desejei por tanto tempo ao alcance dos meus braços. A sensação era a de que ele finalmente podia ser meu. Talvez tenha sido por isso que toquei o cabelo de Turner. Talvez aquela proximidade nova tenha

me encorajado. No passado, eu jamais teria tocado o cabelo dele sem uma desculpa. E naquele momento a única desculpa que eu tinha era a vontade de sentir os fios entre os dedos. Seu cabelo era incrivelmente macio. E aquele gesto pareceu inocente, como um primeiro beijo. Como um estudo. Uma teoria sendo testada. Deixei a mão cair até a lateral da cabeça dele, então fechei os dedos nas mechas mais compridas na parte de trás. Senti o calor da sua pele, como uma fornalha.

Turner deixou escapar um suspiro, as pálpebras semicerradas.

– É tão gostoso quanto eu imaginava – me ouvi dizendo.

Eu não sabia o que estava fazendo. Não conseguia lembrar sobre o que estávamos conversando. Só conseguia pensar no que estava sentindo – o coração acelerado, eufórico – e em como Turner olhava para mim, percorrendo todo o meu rosto, os lábios entreabertos, fascinado.

– Frankie – disse ele, em um tom grave e íntimo que nunca tinha usado comigo antes. Então engoliu em seco mais uma vez, finalmente fixando os olhos nos meus. – Por que você não abriu a porta aquele dia? Por que não quis me ver?

A pergunta me atingiu como um balde de água fria.

Minha mão caiu para o espaço quase inexistente entre nós dois. Meu corpo inteiro pareceu corar.

– Não quero falar sobre aquele dia.

O rosto dele também estava vermelho, mas não de choque ou vergonha como o meu.

– Então me diga como consertar isso. Porque houve um tempo em que você jamais deixaria de abrir a porta pra mim, e não sei como fazer esse tempo voltar.

Eu me ajeitei na banqueta, tentando recuperar o ar que parecia não chegar aos pulmões.

– Você não precisa consertar nada. Não tem o que consertar. Naquele dia, eu estava me sentindo sozinha e triste, e o Ric não deveria ter te mandado atrás de mim. Fiquei com vergonha quando percebi que ele tinha feito isso, e foi por isso que não abri a porta. Mas deveria ter aberto. Foi grosseria da minha parte, e me arrependo disso.

Turner ruminou as minhas palavras em silêncio. Atento. Como se houvesse algo escondido nelas.

– Não sei se você está dizendo isso pra que eu me sinta melhor ou pra que você mesma se sinta melhor – comentou ele, balançando a cabeça. – Antes eu sabia a diferença. Melhor do que ninguém.

– Você precisa parar de dizer esse tipo de coisa.

– Por quê?

Fechei os olhos.

– Porque assim eu vou me arrepender de ter ido embora de Portland.

– Eu odiei quando você se mudou – respondeu ele, com a voz mais firme. – Odiei ver você juntar suas coisas e ir embora. Odiei não ter feito nada para impedir.

– Por que está falando isso?

– Porque você precisa ouvir. E porque eu quero. Você precisa saber como senti sua falta e como sou egoísta por só dizer isso agora.

Soltei um suspiro sibilante, com os lábios entreabertos.

Tentei com todas as minhas forças dizer alguma coisa – qualquer coisa –, mas meus dentes começaram a bater, e era impossível falar ou até me mexer enquanto tentava conter aquela reação.

Era um tique meu.

Isso acontecia quando eu sentia que algo importante estava prestes a

acontecer. Meu corpo inteiro começava a tremer, e sempre, *sempre*, começava com os dentes, então descia pelo meu peito, tomando toda a minha caixa torácica. Eu chamava de Maldita Tremedeira.

Meu corpo fez isso quando digitei a palavra FIM no primeiro manuscrito que terminei e quando me ofereceram o primeiro contrato de publicação. Também aconteceu naquela noite, tantos anos antes, quando Turner beijou minha testa enquanto eu fingia estar dormindo.

Meus irmãos tinham nos deixado para trás, e estávamos sentados no sofá da casa dele, tão próximos um do outro que o seu quadril tocava o meu. Turner tinha colocado um filme de terror e, enquanto tirávamos sarro dos efeitos péssimos, ele colocou o braço sobre os meus ombros e me puxou mais para perto. Bem pertinho. Tão perto que eu sentia o formato das suas costelas no meu braço. Tão perto que a minha cabeça poderia se aninhar perfeitamente na curva do seu braço. Tão perto que, quando ficamos em silêncio, percebi que ele estava travando uma batalha consigo mesmo, alternando o olhar entre a TV e meu rosto. Ele passou tanto tempo assim que acabou percebendo que eu tinha notado. Passou tanto tempo assim que acabou ficando vermelho, e eu também, e então sorriu, e eu sorri de volta. Eu tinha tanta certeza de que Turner queria me beijar que quase entrei em combustão espontânea esperando. Passei cento e oitenta minutos à beira daquele precipício, a Maldita Tremedeira cada vez pior, a ponto de Turner me cobrir com um cobertor. Quando percebi que os créditos estavam prestes a rolar na tela e Turner não ia me beijar, enterrei o turbilhão de decepção e vergonha o mais fundo possível e fechei os olhos.

Os lábios de Turner roçaram a minha testa, e naquele momento eu soube que deveria ter tomado a iniciativa de beijá-lo. Eu não deveria ter fingido que estava dormindo para nos poupar do constrangimento. Eu tinha deixado o momento escapar, e tudo o que me restava era um monte de "e se". E se ele tivesse me beijado? E se aquele tivesse sido o início de alguma coisa? E se ele fosse só um

cara de 18 anos e estivesse com tesão e eu por acaso estivesse lá? E se eu tivesse tomado a iniciativa e ele tivesse me rejeitado? E se aquilo tudo tivesse sido fruto da minha imaginação?

Não tive coragem de descobrir. De tomar a iniciativa. De perguntar.

Exatamente como agora no bar.

Aquele exato instante parecia importante. Imenso. Transformador, como aquele dia no sofá da casa dele. Mas, ao contrário da minha versão mais jovem, que era apenas uma adolescente apaixonadinha, naquele momento a rejeição seria uma ferida fatal.

Turner Reece estava dizendo que sentia saudades de mim, que odiava que eu tivesse ido embora, que não estivesse mais na vida dele, e isso tinha mais de uma interpretação, assim como o fato de ele não estar mais noivo de Mia. E se eu estivesse alimentando a esperança de ter aquilo que sempre desejei e entendendo tudo errado? E se ele só quisesse dizer que sentia falta de mim como amiga?

Eu não ia suportar. Não naquele momento. Não em um fim de semana que já estava me deixando tão sensível.

Eu…

Levantei da banqueta de repente. Tão bruscamente que Turner se afastou para abrir espaço.

– Isso não foi uma boa ideia – falei.

Turner assentiu, devagar e com firmeza, como se aquele gesto simples exigisse um esforço excruciante.

– Eu… Eu sinto muito, Turner. A gente se vê amanhã. Eu… Obrigada pelos chocolates. E pelo bilhete. Mas não posso fazer isso. Não neste fim de semana.

Turner franziu o cenho.

– Que chocolates? Que… – Ele soltou um suspiro de frustração. – Que

bilhete, Frankie?

– O que você mandou entregar no meu quarto.

– Não fui eu.

– Mas…

– Eu adoraria levar o crédito, acredite. Mas não fui eu. Por que achou que fosse?

– O bilhete diz "Ao tempo que perdemos" – expliquei. – E não tem assinatura. Achei que… Não importa.

– Importa, sim – rebateu ele. – Porque você queria que o bilhete fosse meu.

Fiquei vermelha, da cabeça aos pés.

Turner continuou, resoluto. Alguma coisa parecia incomodá-lo.

– Será que foi um ex? Um amigo? Alguém que você conhece vai participar da convenção?

– Não, acho que não.

– Pode ser um fã? Você comeu os chocolates, Frankie? Fala a verdade, tudo bem se tiver comido, mas eu preciso saber.

– Não – respondi, bufando. – E por que parece que você estaria disposto a fazer uma cirurgia em mim se eu tivesse comido?

– Porque estou considerando essa hipótese.

– Turner – falei, impaciente. – Para de se preocupar. Até parece que alguém está tramando alguma…

Minha voz foi sumindo aos poucos.

Merda.

– Frankie? – disse Turner, e parecia que ele tinha crescido uns trinta centímetros de tão alarmado. – Palavras. Agora.

Pensei em mentir, mas eu conhecia Turner. Ele não ia deixar passar.

– Lembra quando eu perguntei se o Ric tinha te mandado aqui?

– Lembro.

– Bom, é que eu tinha acabado de contar pra ele sobre a possibilidade de, hã, talvez, provavelmente, uma pessoa que lê os meus livros ter uma leve tendência a me stalkear e… foi por isso que…

– Frankie? – Aquele músculo na sua mandíbula se retesou, e ele ficou branco como um fantasma. – Me leva até o seu quarto agora.



4

Turner

Me leva até o seu quarto agora.

Não era bem por esse motivo que eu me imaginava dizendo essas palavras para Frankie naquele fim de semana.

Mas pelo amor de Deus.

Um stalker?

Eu ia perder a cabeça. Na verdade, talvez já tivesse perdido.

Deve ser por isso que não me lembro de nenhum detalhe desde o momento em que saímos do bar até o instante em que pisamos para fora do elevador. Só sei que fui seguindo Frankie como um espantalho rígido, em silêncio, sem nem ousar me movimentar mais do que o necessário. Lutando com todas as minhas forças para não fazer algo imprudente como jogá-la por cima do ombro e levá-la para bem longe daquele lugar.

Um stalker.

Como é que uma das pessoas mais inteligentes, espertas e atrevidas que eu conhecia podia ter tanta dificuldade em cuidar da própria segurança? A imprudência involuntária de Frankie sempre me deixou louco. Como naquela noite. Ela simplesmente sentou naquele bar comigo e não começou a conversa com "a propósito, tem uma pessoa me perseguindo". Apenas achou que ficaria tudo bem se não me contasse. Confiou na situação, como confiava nas pessoas. Entregava a elas sua confiança e esperava que não a quebrassem.

Eu sabia bem disso.

Eu…

– Turner – chamou Frankie.

Eu me concentrei nela. Estávamos de frente para a porta, e ela olhava para mim com incerteza. Seus olhos castanhos estavam semicerrados, e o cabelo curto e escuro emoldurava uma boca que eu tinha passado a noite toda tentando ignorar. Ela ficava tão linda de franja e…

– *Turner.*

– Oi.

– Você está rangendo os dentes e me encarando. Está me deixando um pouco assustada.

– Desculpa – resmunguei. Dei uma sacudida leve, tentando me livrar da rigidez. – Melhorou?

Seu olhar percorreu o meu corpo de cima a baixo.

– Quase nada. Está parecendo aquela vez que o Troye Hargrove roubou o meu suco no recreio e você e o Ric perseguiram o coitado até a casa dele no dia seguinte.

– Fui eu que persegui.

– Exatamente. E o Troye ficou traumatizado pra sempre. Você já foi seguido por um adolescente muito maior do que você por mais de um quilômetro?

– Não, nunca. Mas não era minha culpa se eu era maior que a maioria dos garotos. E ninguém mandou aquele babaca mexer com você. Foi por isso que ele foi perseguido.

Frankie balançou a cabeça, o que fez seus cachos escuros se movimentarem ao redor do queixo. O cabelo dela estava mesmo bem mais curto. Eu adorava essas coisas novas a seu respeito, mas elas me deixavam apavorado na mesma medida.

– Me promete uma coisa? – pediu ela.

– Você vai parar de brincar com esse cartão e abrir a porta?

– Se você prometer…

– Eu adoraria, mas é muito provável que eu não consiga cumprir.

Ela soltou um suspiro.

– Isso não me deixa mais tranquila.

– Não é para deixar – admiti, me aproximando do cartão. – Mas é a verdade. Porque você vai me pedir para não perder a cabeça quando entrar no seu quarto, e tenho quase certeza de que já perdi a cabeça lá no bar.

Ela pressionou os lábios um contra o outro, e essa linha teimosa fez meu olhar se concentrar na sua boca por mais tempo do que o necessário.

– Não era isso que eu ia pedir.

– Ótimo. – Arranquei o olhar dos seus lábios. – Então a gente pode finalmente abrir a porta.

– Primeiro prometa que não vai me obrigar a ir embora da pousada nem cancelar minha participação na convenção.

Como resposta, arqueei as sobrancelhas.

– Não posso te obrigar a fazer nada.

– Então você não vai fazer disso um problema maior do que é? – insistiu ela. – Não posso simplesmente ir embora, tá? Eu já sabia que tinha alguém me stalkeando e vim assim mesmo.

Eu estava prestes a explodir.

Eu tinha tantas perguntas. Meus olhos voltaram para o cartão nas mãos de Frankie. Será que ela ficaria muito irritada se eu o pegasse? Era melhor pedir desculpa ou permissão?

– Por que não diz nada? – insistiu ela, escondendo os dedos que seguravam o cartão embaixo do braço. – Você está agindo daquele jeito assustador de novo.

Eu estava pendendo para um pedido de desculpa. Embora isso envolvesse arrancar aquele maldito cartão da mão dela, o que seria um choque para o meu corpo que já não estava segurando as pontas. E se eu de fato jogasse Frankie por cima do ombro?

– *O-oi?* Para de olhar pro cartão e promete que não vai exagerar. Por favor? Estou disposta a implorar ou te subornar se for preciso. Só… me diz o que preciso fazer pra que você não faça tempestade em copo d'água. E para de ficar quieto e esquisito assim.

Eu me aproximei dela com a cabeça baixa, até a ponta das minhas botas tocar as dela.

– Estou decidido a fazer tempestade em copo d'água.

– Mas…

Antes que eu pudesse me conter, coloquei a mão no rosto dela. Frankie prendeu a respiração, e meu coração disparou.

– Sinto muito se estou te assustando por ficar quieto em vez de gritar o quanto estou furioso com essa pessoa te perseguindo. Quer que eu fale? Tudo

bem. Estou a segundos de arrombar essa porta e entrar no quarto. Posso fazer isso sozinho, ou você pode me ajudar a não deixar um buraco com o formato do meu corpo, pelo qual vou ter que pagar depois. Por mim tanto faz, desde que a gente saia deste corredor.

Frankie ficou me olhando boquiaberta.

Seus lábios sugeriam que ela queria me beijar e depois me dar um soco.

Eu aceitaria qualquer coisa que ela quisesse me dar, para falar a verdade.

– E aí? – perguntei. – Como vai ser?

Ela deixou escapar um suspiro, então se virou e passou o cartão na fechadura.

– Tá.

Quando a porta se abriu, eu não agradeci.

Não sentia gratidão alguma.

A coisa toda tinha levado uma pequena eternidade e eu era um homem na droga de uma missão. Uma missão que começou comigo pegando Frankie pela cintura e erguendo-a no ar para colocá-la atrás de mim, em segurança. Nem mesmo a distração que era o cheiro dela – também novo, uma mistura de frutas vermelhas – ou o som produzido por sua garganta – quando inspirou fundo com um arquejo – me detiveram.

– Fica atrás de mim – ordenei.

– Eu já estive aqui – resmungou ela. – Duvido que tenha alguém no quarto.

Eu discordava.

– Cadê o bilhete e os chocolates?

– Em cima da cômoda. Perto da janela.

Entrei pisando firme, batendo as botas com força no carpete. Eu estava torcendo para que fosse exagero da minha parte, mas, se havia alguma possibilidade de alguém estar escondido no quarto, eu queria que essa pessoa

soubesse que Frankie estava acompanhada. Andei pelo quarto e acendi todas as luzes, abri todas as portas, não deixei nenhum canto intocado. Armário, banheiro, atrás das cortinas, até embaixo da cama; tudo isso enquanto Frankie observava em silêncio. Quando terminei a inspeção, antes de analisar os itens sobre a cômoda, não tinha encontrado nada de estranho.

Só que nenhum de nós parecia aliviado. A busca seguiu um ritmo crescente que culminou no bilhete e nos chocolates. Ver Frankie inquieta daquele jeito estava me matando.

Mas se eu a tocasse naquele momento, se tentasse confortá-la, como queria tanto fazer, perderia o foco. Eu já tinha passado o dia todo no piloto automático.

Peguei os itens. O bilhete fora escrito à mão e estava sem assinatura, como Frankie dissera. A caixa continha quatro bombons quadrados. Sem marca. Sem selo. Sem nada.

– Tem certeza de que não comeu nada? – perguntei, olhando para ela por sobre o ombro. Meu Deus, Frankie parecia tão desolada que era torturante permanecer onde eu estava em vez de ir até ela. – Pode me dizer se tiver comido, sabe disso, né?

– Não estou mentindo, se é isso que você quer saber.

Eu me virei de frente para ela.

– Não é isso. Mas eu sei que, se mentisse, seria para me proteger. E não precisa fazer isso.

Ela revirou os olhos sem muita convicção. A bravata estava se esvaindo e, embora eu estivesse feliz por isso, dadas as circunstâncias, não gostava de vê-la chateada.

– Te proteger de quê, exatamente?

– De mim mesmo. Porque, se você tivesse pegado ou comido um desses bombons e eles tivessem sido adulterados, eu revistaria essa pousada inteira até

encontrar a pessoa que deixou essa caixa aqui. Então faria essa pessoa se arrepender amargamente de um dia ter ousado mexer com você. Mesmo que isso me colocasse numa cela ao lado da dela.

A expressão de Frankie se inundou de surpresa e… *Merda*. O tipo de fogo que sempre me fez acreditar que eu era capaz de mover montanhas. Isso me lembrou de que cuidar dela era um privilégio a que eu não dava o devido valor.

Ela engoliu em seco.

– Não precisa fazer isso.

– Mas eu faria assim mesmo.

Um suspiro escapou de seus lábios.

– Eu não toquei neles. Eu juro. A propósito, é *ele*. O… stalker. É um homem. Eu sei pelas… hã, mensagens e coisas que ele deixou.

Tudo ficou vermelho.

Juro, foi como se uma cortina cor de vinho tivesse coberto meus olhos, bloqueando meu campo de visão.

– Turner, você prometeu.

Mas eu não tinha prometido.

– Não importa. A gente vai sair daqui.

– Eu esperava isso dos meus irmãos – disse ela, bem baixinho, como se estivesse exausta de tanto brigar comigo. – Mas você não é meu irmão. Nem meu amigo, agora. Não tem o direito de me dizer quando devo ir embora de um lugar. E de onde surgiu essa postura? Isso é algo que o Leo faria. Ou o Ric, num dia ruim. Você não. Você nunca saiu me atropelando assim. Você ouvia.

Ela tinha razão. Tinha mesmo. Mas…

– Tem um cara stalkeando você.

Frankie bufou de leve.

– Eu sou escritora, não presidente dos Estados Unidos. Além do mais, como você sabe que eu não estou imaginando coisas? Você nem conhece a história inteira. Tenho uma imaginação fértil, então posso ter tirado conclusões precipitadas. As coisas que ele disse nunca foram ameaçadoras. Isso pode ter vindo de um leitor bem-intencionado que quis me fazer uma surpresa e acabou ultrapassando alguns limites sem querer. Nada indica que um stalker me seguiu até Vermont. Nada. Por que você não está questionando isso?

Um momento de silêncio ensurdecedor.

Então saiu de mim com tudo:

– Porque pra mim sua palavra basta.

Frankie piscou fundo, parecendo atônita.

– Você não precisa se explicar – continuei. – Não pra mim. Se está dizendo que tem um stalker, então tem a merda de um stalker. Por que eu não acreditaria em você?

O fogo nos olhos castanhos de Frankie cintilou, depois foi se apagando aos poucos. Tudo o que restou foi exaustão. Rendição. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas o lábio inferior dela começou a tremer, e seus dentes começaram a bater. Ela levou as mãos ao rosto de repente, tentando conter a represa que ameaçava se romper. Não conseguiu.

Uma lágrima escapou e desceu pelo seu rosto, e eu soube que também não ia conseguir me conter.

Em um segundo eu estava perto da cômoda, e no seguinte já estava com Frankie nos braços.

Sua testa encostada no meu peito, seu cheiro preenchendo minhas narinas, aquela familiaridade que nunca pareceu suficiente quando éramos jovens, ou páreo para o turbilhão que acontecia dentro de mim sempre que eu a tocava… tudo isso me deixou rendido. Eu estava *finalmente* me permitindo sentir tudo, e

foi uma confirmação daquilo que eu suspeitava. Era o meu fim, eu sabia disso. E foi paralisante sentir como era bom abraçar Frankie depois de tanto tempo sem ela.

– Não estou chorando – resmungou ela entre um soluço e outro, sem que eu tivesse perguntado nada. – Não precisa me abraçar.

– Vou abraçar assim mesmo.

– Eu não sou de chorar – acrescentou ela. – Eu só…

Minhas mãos se movimentaram por conta própria, percorrendo as costas delas com as palmas, encorajando-a, confortando-a.

– Você só… o quê?

Ela deixou escapar mais um soluço.

– Eu senti tanta saudade de você.

Ela soltou mais um som de partir o coração, e senti um aperto no peito. Uma das minhas mãos deslizou até o seu cabelo, pressionando a sua cabeça contra a minha clavícula, sem saber como tirar o melhor proveito daquele momento depois de vê-la tão distante no bar. Os braços de Frankie me envolveram, e ela agarrou o meu suéter, puxando o tecido de leve.

– Eu não vou a lugar nenhum – sussurrei. Balancei com ela de um lado para o outro, como tinha feito poucas vezes antes, ao longo dos anos. Mas de um jeito diferente, muito diferente. – Estou aqui, Frankie. Está tudo bem, amor. Nada vai te machucar.

Aquele "amor" ficou pairando no ar entre nós dois. Foi a primeira vez que deixei aquela palavra escapar dos meus lábios, libertando-se da minha cabeça. Eu me preparei para a reclamação que viria, ou a pergunta. Como eu ousava chamá-la de qualquer coisa que não fosse seu nome?

Mas Frankie agarrou o tecido com mais força, os soluços persistentes, uma

desculpa para que simplesmente existíssemos naquele abraço. O estranho era que quanto mais tempo ficávamos assim, menos meu corpo reconhecia a Frankie com quem eu tinha crescido. Minhas mãos, meus braços e meu peito perceberam todas as curvas e reentrâncias que nunca me permiti notar. Minha cabeça repetia o mantra que tinha me acompanhado até Vermont. *Faça tudo ficar bem de novo. Faça tudo ficar bem de novo.*

Mas será que algum dia esteve tudo bem?

Eu não tinha levado em consideração que tocá-la assim, e ser tocado por ela, acabaria com os meus planos tão rápido.

Abraçá-la assim foi como acordar de um pesadelo. E me fez querer abraçá-la sempre que eu pudesse. Meu Deus, precisávamos falar sobre tantos assuntos antes que qualquer coisa acontecesse. Eu tinha tanto a explicar. Tanto a pedir dela.

– Acho que agora estou bem – murmurou Frankie.

Olhei para baixo e vi um leve sorriso no seu rosto. Ela tinha apoiado o queixo no meu peito e suas bochechas estavam coradas, mas não havia mais lágrimas nos seus olhos. Ela estava tão linda.

– Você não está chorando.

– Você me atacou com um abraço pra que eu parasse. Era o mínimo que eu podia fazer.

– Você disse que sentiu saudades de mim – acrescentei, resoluto. Ela ficou ainda mais corada. – Também senti saudades, Frankie.

Ao contrário das outras vezes que eu disse isso, ela pareceu receber bem a declaração. Isso era bom. Mais do que bom, até. Eu ainda precisava fazê-la entender a extensão desse sentimento. Precisava explicar tudo, para que ela visse o quadro completo. A história inteira. Era importante. E precisávamos dar um jeito naquele maldito psicopata.

– Estou mais assustada do que admiti antes, Turner – revelou ela, parecendo ler minha mente. – Mas não posso ir embora. Não posso cancelar minha participação na convenção. Estou falando sério.

– Então me diga por quê. E vamos pensar no melhor plano de ação juntos.

– Vamos? A decisão é minha.

Minha garota independente. Ela ia me matar assim.

– Mas eu estou aqui com você. E você me deixou apavorado. O mínimo que pode fazer é fingir que estou participando da decisão.

Ela soltou uma risada pelo nariz, acompanhada de um sorriso.

Um sorriso verdadeiro.

Finalmente. Finalmente voltamos a ser nós dois. Não estávamos mais pisando em ovos.

Relutante, soltei Frankie, deixando os braços caírem, mas segurei a mão dela. Depois, a arrastei até o lado da cama, me ajoelhei e comecei a tirar as botas.

– Ei! – exclamou ela, então hesitou, olhando para mim. – O que você está fazendo?

– Ficando mais à vontade – respondi, passando para o outro pé. Quando terminei, me levantei e deixei o calçado pesado cair ao lado. – Quer que eu tire a sua?

Frankie arregalou um pouco os olhos. Só por um instante. Então tirou as botas com facilidade, deixando-as ao lado das minhas.

Quando sentei na cama, ela fez o mesmo, cruzando as pernas enquanto eu me acomodava apoiado na cabeceira.

Seus olhos percorreram o espaço que eu ocupava, hesitantes.

– Vou começar dizendo que você não vai gostar nada disso – declarou ela.

– Já estou *detestando*, então não vai ser um problema.

Frankie soltou um suspiro.

– Então… o primeiro, é, bilhete que ele deixou na minha porta era inofensivo.

Um barulho estridente soou na minha cabeça, como um disco arranhado.

Meu Deus.

Tinha um psicopata deixando coisas na porta da casa dela. E ele…

– Turner?

Pigarreei.

– Aham?

Frankie respirou fundo, mais constrangida do que cautelosa, e isso me fez voltar à realidade.

– Eu sabia que isso era uma péssima ideia – disse ela.

– Me dá o seu pé.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

– Me dá o seu pé – insisti. E entreguei um dos travesseiros para que ela apoiasse as costas e ficasse mais confortável. – Preciso de alguma coisa pra me concentrar enquanto você fala. Algo que ocupe minhas mãos. Então me dá o seu pé e continua. Vou me comportar se fizer isso. Por favor.

Demorou um tempinho, mas ela pegou o travesseiro e mudou de posição, esticando a perna sobre a minha.

Segurei seu tornozelo, puxando-a para mais perto. Ela soltou um grunhido que me obriguei a ignorar.

– Não tenho mais muito o que contar – afirmou ela, com um suspiro. Meus dedos entraram em ação, pressionando levemente o peito do pé coberto pela meia. – Ele me deixa presentes e mensagens com elogios e demonstrações de

emoção intensa. É estranho ele saber o meu pedido no restaurante chinês ou deixar minha flor favorita na caixinha do correio ou no capacho. Mas são coisas de que já falei nas redes sociais, ou em entrevistas. Ficou meio preocupante quando o barracão de um dos meus vizinhos foi vandalizado depois que reclamei do cheiro que vinha de lá. Mas todo mundo reclamou.

Ela confia tanto nos outros, pensei, mudando a posição das mãos para massagear o calcanhar.

– O que ele fez? Com o barracão.

– Ele… tacou fogo.

Minhas mãos pararam de repente.

Sendo bem sincero? Meu coração meio que parou também.

– Como você sabe que foi ele?

Ela entreabriu os lábios por um instante, bem na hora que massageei seu dedão com o nó de um dos dedos. Pareceu distraída, e ser capaz de colocar aquela expressão no seu rosto era o lado bom daquele pesadelo.

– Ele admitiu – respondeu ela. – Pra falar a verdade, tinha um estoque de drogas naquele barracão. *E* pombos mortos. Meu vizinho sempre pareceu meio suspeito, então de certa forma isso tudo até que veio a calhar.

Senti um aperto no estômago, uma vontade enorme de arrancá-la daquela cama, guardar suas coisas e ir até a delegacia mais próxima. Eu não conseguia acreditar que ela ainda não tinha feito isso. Ou talvez conseguisse. Eu nem imaginava como devia ser difícil processar uma merda dessa quando acontece com a gente.

– Ele sabe onde você mora, Frankie. Taca fogo nas coisas. Eu nunca gostei do quanto esse trabalho te deixa exposta. Sei que não está tentando minimizar a situação, mas o que mais ele precisa fazer até você enxergar o perigo disso tudo? Eu já estaria apavorado.

– O que eu posso fazer? – resmungou ela, como se estivesse mesmo perguntando a si mesma. – Eu não podia deixar isso me impedir de vir até aqui. Preciso muito participar desta convenção. É uma droga, mas talvez fosse inevitável. Eu publico com o meu nome verdadeiro, não um pseudônimo. E não tenho mais como mudar isso.

Cerrei o maxilar, rangendo os dentes em silêncio.

– E pelo menos não são mensagens de ódio – continuou ela. – Podia ser muito, muito pior. Acredite.

Soltei um gemido.

– Já é péssimo.

– É só… um cara que se apaixonou pelos meus livros e pela minha persona. Frankie Rossi, autora do "suspense sangrento que vai fazer você se apaixonar pelo assassino. O triângulo amoroso perverso que você não sabia que precisava ler". Ele só fala dos meus livros, que são muito importantes pra ele. Eu vejo isso nas palavras dele. Sinto isso. Até cheguei a…

Ela parou de falar.

– Chegou a fazer o quê? – insisti, com a voz suave.

Algo me dizia que eu não ia gostar do final daquela frase.

– Nada – resmungou ela. Então tirou o pé das minhas mãos, tão rápido que fui pego de surpresa. – A massagem foi incrível, obrigada.

– Até que ponto o Ric sabe dessa história?

– Menos que você.

Mas sabia de alguma coisa. E não me telefonou imediatamente. Ele ouviria poucas e boas depois daquele fim de semana.

– E o Leo? – perguntei. – Pra quem mais você contou? Alguém em Boston? Sua agente? Sua editora?

Ela fez que não com a cabeça.

– Mais ninguém.

– Por quê?

– Tenho meus motivos – respondeu ela, dando de ombros. – E são importantes, sabe? Os mesmos motivos que me impedem de cancelar minha participação agora que já estou aqui. Não vou fazer isso. Vou ficar.

Ela sempre foi incrivelmente teimosa.

– Então só eu sei?

Frankie assentiu.

Eu me senti meio honrado, meio sortudo – o que era burrice – por estar no lugar certo na hora certa. Mas as circunstâncias não importavam. Meu foco era a segurança de Frankie.

Tinha alguma coisa que ela não estava me contando. Isso era evidente. Alguma coisa por trás daquilo tudo, e por algum motivo Frankie não queria confiar em mim. Não totalmente, pelo menos. Eu não podia culpá-la. Houve uma época em que ela confiava, mas não era mais o caso. Se eu quisesse reconstruir essa confiança, reconquistar o privilégio que vinha com isso, precisava mostrar a Frankie que eu era digno.

Que eu podia ser digno.

– Assim que a convenção acabar – falei –, vamos sair desta pousada e ir até a delegacia mais próxima registrar um boletim de ocorrência. Depois, vamos contar para sua agente e sua editora. E depois você vai deixar que eu te leve até Boston, registre mais um boletim e o que mais for necessário e tire você daquele apartamento.

Alguma coisa nos meus pedidos pareceu incomodá-la. O fato de que eu estava me intrometendo? Ter que deixar o carro dela em Vermont? Eu ter dito

que pretendia fazer parte da vida dela quando aquele fim de semana acabasse? Nada disso parecia mais importante que a segurança de Frankie.

Felizmente, ela concordou com um:

– Tá.

– Tá – repeti. – Tenho mais uma condição.

– Qual? – perguntou ela, desconfiada.

– Não ache que vou esquecer isso quando a gente chegar em Boston. Eu vim para ficar, Frankie. E não estou falando só desta noite ou deste fim de semana. Eu vou reconquistar meu lugar na sua vida.



5

Frankie

Então, ao que parecia, Turner estava falando sério quando disse que ia passar a noite comigo.

No meu quarto.

E, portanto, na minha cama.

Eu gostaria de poder dizer que fiquei mexendo no cabelo de um jeito provocante, imaginando mil maneiras de acabarmos nos enroscando sem querer, mas estava assustada demais para isso.

Não menti quando falei sobre o vandalismo e os presentes deixados na minha porta, mas também não contei toda a verdade sobre como eu estava me sentindo com tudo aquilo. Com medo, claro. Mas também dividida. Por algum motivo, quando eu ainda estava em Boston, tinha sido fácil inventar desculpas. Talvez por aquilo tudo ter acontecido aos poucos, e não de uma vez. Mas eu não conseguia mais parar de pensar na possibilidade de aquele cara ter me seguido

até a pousada. De ter mandado entregar coisas no meu quarto. Como ele sabia o número? Era possível descobrir essa informação com um simples telefonema?

Um arrepio percorreu a minha espinha.

Turner percebeu.

Abri um sorriso para tranquilizá-lo, o que funcionou, e ele voltou ao que estava fazendo: procurando o controle da TV no lado do quarto que lhe fora designado. A pedido meu. Eu deveria estar procurando do meu lado, mas não estava sendo fácil.

A Frankie de 16 anos estaria gritando, histérica. Já a Frankie do presente? Ela estava se esforçando para gritar o mínimo possível. Por dois motivos: o stalker e o fato de Turner estar invadindo o meu espaço. Foi um acontecimento quando ele tirou o suéter, ficando apenas com uma camiseta branca justa com as mangas curtas arregaçadas. Ou quando tirou o cinto, o que provocou uma sensação estranha na minha barriga. Mas o que eu podia fazer? Turner Reece sempre foi alto, grande e forte, o que fazia meu coração disparar. E uma parte bem primitiva de mim estava se deliciando com o fato de ele estar lá para me proteger.

A maioria das pessoas achava que ele era brigão. Um homem de aparência rústica, tatuado e grande o bastante para atravessar uma porta, como tinha ameaçado fazer quando ainda estávamos no corredor. E aposto que ele conseguiria se quisesse, mas Turner Reece não se resumia a isso. Quem o observava com atenção e o conhecia o suficiente sabia que ele era sensível em muitos aspectos. Ele era atencioso demais para um brigão, era tranquilo, carinhoso.

Na infância e na adolescência, por exemplo, tinha um talento especial para atividades que a maioria dos garotos da idade dele consideraria coisa de menina. Como cozinhar, fazer trabalhos artísticos, artesanato. Qualquer coisa que não fosse costurar. Para isso ele não tinha paciência e colocava a culpa no tamanho

dos seus dedos. Ric demorou anos para finalmente aceitar que Turner nunca tentaria entrar para o time de hóquei. E o fato de Turner nunca ter se deixado influenciar – nem pelo melhor amigo, nem pelo fato de que seu tamanho e sua desenvoltura no gelo garantiriam um nível de sucesso pelo qual a maioria precisava se dedicar durante anos – fez com que eu o amasse ainda mais. Porque, mesmo quando jovem, ele tinha o tipo de confiança que os garotos costumavam confundir com arrogância.

A mesma confiança que ele havia demonstrado quando disse que ia reconquistar seu lugar na minha vida.

Era o pior momento possível para reatar uma amizade, para falar a verdade. Parecia impossível para mim, considerando o que eu ainda sentia. Mas depois de vê-lo ali, naquele quarto, de abraçá-lo, de confiar nele… parte de mim queria tentar. Queria dar a ele o que ele fora procurar. Apesar de tudo.

Caramba, essa mesma parte de mim teria concordado em ser a daminha do casamento dele se ele pedisse.

Eu era mesmo masoquista. Isso me ajudava na escrita, mas, pelo amor de Deus, dificultava muito a minha vida.

– Achou? – perguntou Turner, a alguns metros de distância, me trazendo de volta para o presente.

Fechei a última gaveta da cômoda e me virei para ele.

– Não…

Ele se aproximou. Minha cabeça se inclinou para trás e meu rosto corou em reação à proximidade repentina do seu corpo.

– N-não achei – falei gaguejando, e percebi que os olhos dele estavam fixos na minha boca. Umedeci os lábios, constrangida. – Acho que vamos ter que pedir outro, ou nos contentar com outra distração.

Os olhos de Turner voltaram até os meus. Semicerrados.

– Tipo conversar – falei depressa. – Ou jogos de tabuleiro. Ou… ficar olhando pra parede. Em silêncio.

Opções seguras. Nada de coisas que envolvessem falar sobre os meus sentimentos, stalkers, ou a cama que íamos compartilhar.

Ele deixou escapar um "hmm" e ergueu as mãos. Tocou as pontas do meu cabelo com o dorso dos dedos, acompanhando o movimento com o olhar.

– Você trouxe algum?

– É… o quê?

Ele repetiu o movimento, inclinando a cabeça, concentrado. Mais arrepios se espalharam pelo meu corpo.

– Jogo de tabuleiro.

– Não – sussurrei.

A mão dele subiu até onde a minha franja tocava a testa. E ele deu um sorrisinho de canto de boca quando tocou a minha têmpora.

– Isso nos deixa poucas alternativas.

Fechei os olhos, trêmula.

Eu nem sabia do que estávamos falando.

O que estava acontecendo?

Por que ele parecia analisar tão atentamente a sensação de tocar meu cabelo? Vingança pelo que eu tinha feito com ele? Meu corpo parecia estar pegando fogo. E ele nem estava me tocando de verdade. Aquela parte de mim que não estava nem aí para esse detalhe tentava atravessar os muros que eu havia erguido para contê-la, testando os limites. E se eu abrisse os olhos e visse a expressão no seu rosto? E se eu retribuísse o que quer que fosse aquele ato? Meu Deus, eu queria fazer isso. Queria tanto. Porque Turner não parava de brincar com meu cabelo,

tocando sem querer meu pescoço, meu queixo, minha têmpora, como se não tivesse nada melhor para fazer além dessas carícias fugazes.

Minhas costas bateram de leve na cômoda, e o contato me fez abrir os olhos.

E *meu Deus*.

O rosto de Turner. Os olhos dele. Ele parecia fascinado.

Ele estava fascinado.

Mas por quê?

Meu peito afirmou em alto e bom som que reconhecia aquele olhar, que reconhecia a sensação de ser observada assim, tão de perto, por ele. Mas meu cérebro descartou a ideia, considerando-a uma fantasia. Uma esperança. Não uma lembrança. Turner nunca tinha me olhado assim. Como se estivesse se segurando para não… Para não fazer o quê, exatamente?

Pigarreei. O som não o pegou de surpresa, nem o deteve, mas ele abaixou a mão.

– A gente deveria ligar para a recepção. Como planejamos. Estou pronta para fazer isso, então vamos parar de adiar e perguntar logo sobre o bilhete. E pedir outro controle remoto.

Ele assentiu devagar, ainda com aquela expressão que vinha mexendo com os meus sentidos.

– Eu ligo – ofereceu, e se afastou. Felizmente. Infelizmente? Eu estava confusa. – Me deixa ligar.

Antes mesmo que eu pudesse perguntar por quê, ele já estava ao lado da mesinha de cabeceira, pegando o telefone e discando o número da recepção.

– Oi – cumprimentou, virando para mim. – Aqui é do quarto 214. Será que você pode me dar alguma informação sobre a pessoa que mandou um presente de boas-vindas? – Uma pausa. – Frankie Rossi. Ela é uma das autoras da

convenção de livros. Isso. – Mais uma pausa. – O bilhete está sem assinatura, e minha esposa não sabe quem enviou.

Meu estômago se revirou, meus olhos se arregalaram.

Minha esposa.

Esposa dele?

– Pois é – continuou Turner, fitando os meus olhos. – Então você vai precisar verificar com a equipe do turno da manhã? – Ele ficou sério enquanto esperava. – Vou ser bem sincero com você, Sharon. Estou um pouco preocupado com o fato de a pousada deixar que *qualquer coisa* seja entregue num dos quartos. Minha esposa costuma minimizar a situação, dizendo que "essas coisas acontecem", mas eu levo a segurança e o bem-estar dela muito a sério. Ela está exposta demais para o meu gosto.

Fui até a lateral da cama como um zumbi; todas as conotações daquilo que estávamos descobrindo pareciam rodopiar na minha cabeça.

– Seria ótimo, Sharon – concordou Turner, distraído, me acompanhando com o olhar. Um minuto se passou com Sharon falando, imagino, e Turner ouvindo. Então ele disse: – Serviço de quarto pelo aborrecimento?

Ele estava perguntando para mim. Eu não estava com fome, mas minha última refeição tinha sido o almoço. Dei de ombros para confirmar que aceitava o jantar.

– Isso não vai me tranquilizar, mas aceitamos a gentileza – disse ele. – Dois sanduíches Philly e uma torta de maçã com calda artesanal? – Arqueei as sobrancelhas, surpresa. Um lanche típico da Filadélfia em uma pousada pitoresca em Vermont? – O chef é da Filadélfia – acrescentou Turner. Meu interesse aumentou. Turner piscou para mim. – Perfeito. Obrigado e… – Ele franziu o cenho enquanto recebia outra informação. – Ah, bom. Vamos ter que esperar pra

ver. Espero que não seja tão grave quanto parece. Mais uma vez, obrigado. Boa noite.

Turner desligou e foi até a janela.

– Algum problema? – perguntei.

– Uma nevasca – anunciou ele, puxando a cortina grossa para o lado. Já era tarde da noite e estava tudo escuro, exceto pelas luzes do pátio. Os postes mal conseguiam resistir às rajadas de vento. – Eles não têm certeza de quanto vai nevar e se as estradas da região vão ser afetadas, mas ela está confiante de que não vai ser nenhum grande desastre. Tem cobertores extras no armário caso a gente fique com frio.

Assenti devagar. Uma nevasca. Mais uma coisa que eu não esperava para aquele fim de semana. Será que iam cancelar o evento? Nesse caso, eu voltaria à estaca zero, e tudo teria sido em vão.

– Frankie? – chamou Turner, ainda à janela. – Tudo bem?

– Sua esposa? – rebati, em vez de responder.

Ele deu de ombros.

– Você preferia que eu dissesse "minha amiga de infância de quem eu senti muita saudade e com quem espero me reconectar neste fim de semana"?

Droga.

Ele ficar repetindo o quanto tinha sentido saudade de mim estava me matando. No melhor sentido possível. Mas também tinha a coisa de nos reconectarmos. O que me fazia lembrar de todo o resto.

– Seria explicar demais, até para mim – dei um jeito de dizer. – Mas obrigada por ter ligado para a recepção. Eu não sei se teria conseguido. Acho… acho que vou colocar uma roupa mais confortável, se não se importar, antes que a comida chegue.

Ele assentiu, e eu levantei da cama de um salto, peguei uma camiseta e um short da mala e fui até o banheiro. Parei à porta quando me dei conta de uma coisa.

– Ei, Turner?

– O quê?

– Esqueceu o controle remoto. Caso queira ligar de novo enquanto eu tomo banho e troco de roupa.

Uma pausa. Então ele disse:

– Eu perdi um ano inteiro da sua vida, Frankie. A última coisa que quero fazer agora que a gente está no mesmo quarto é ver TV.



O sanduíche estava incrível.

Sabe o que mais era incrível? Minha capacidade de remoer tudo o que estava acontecendo.

Eu tinha passado uma hora – o tempo entre a comida chegar e nós dois devorarmos o lanche como goblins – repassando todas as possibilidades de aquele fim de semana dar errado. Ou será que já tinha dado? Enfim, as possibilidades eram muitas.

Turner pegou a embalagem vazia que estava no meu colo, chamando minha atenção.

– A torta estava gostosa, né?

– Torta é sempre bom. Essa estava excelente. Por que a pergunta?

Ele estendeu aquele braço comprido e colocou as duas embalagens na mesinha de cabeceira. Sem sair de onde estava na cama queen. Fiquei com inveja.

– Você estava com uma carinha… fofa.

O calor com que eu estava me acostumando bem rápido voltou a surgir no

meu rosto. Eu não estava habituada a ouvir esse tipo de coisa vindo de Turner. Sempre fomos próximos, mas nunca… nesse tom de flerte. Ele estava flertando?

– Acho que a calda artesanal de Vermont virou minha favorita no mundo inteiro. O que achou da comida?

– Amei que você mandou ver. Você sempre comeu como se ninguém estivesse olhando.

– Rá, rá – respondi, forçando a risada. – Muito engraçado. Ótimo jeito de desviar da minha pergunta. Isso significa que tem algo a dizer a respeito da comida.

Ele semicerrou os olhos.

– Não tenho, não.

– Ah, tem, sim. É o seu lado gourmet. Aposto que já deu uma nota para a comida na sua cabeça. Você sempre gostou de deixar sua avaliação.

Ele deu de ombros.

Apoiei as mãos na cama e inclinei a cabeça.

– E aí? Que nota você dá para a torta? Eu dou um milhão de estrelas.

– Quatro de cinco – respondeu ele, bufando. – A massa estava úmida demais pro meu gosto.

– E o sanduíche?

Ele soltou um suspiro.

– Estava bom. Não preciso dar nota.

– Ah, então o problema foi o pão. Estava *tão* ruim assim?

Ele deixou escapar uma risada irônica, mas não negou nem confirmou.

– Eu achei delicioso – falei, para provocá-lo. – Fazia tempo que não comia um tão bom, na verdade. Não consigo entender qual poderia ser o pro…

– O pão foi congelado por tempo demais e foi tostado depois – disse ele, explodindo do jeito mais fofo que um cara de quase dois metros de altura, com um corte mullet, tatuagens e um bigode poderia explodir. – Eu jamais serviria um pão que não fosse fresco.

Meu sorriso se libertou, e me senti estranha. Como se meu rosto estivesse se dividindo em dois e eu estivesse sem prática. Fazia tanto tempo que eu não ria assim, que alguém não me fazia rir assim. Chegava a ser deprimente. Não estaríamos ali, sentados em cima do edredom, compartilhando aquela refeição, se Turner não soubesse do stalker. E, se Turner não tivesse aparecido em Vermont, eu não estaria rindo da reclamação de um amigo, ou enchendo o saco dele por ser um esnobe quando o assunto era pão. Estaria sozinha, vendo TV sem prestar atenção no que estava passando. Estaria… solitária.

– Eu só fiz dois amigos – declarei, meio que do nada. – Nesse ano que passei em Boston. Eles têm o dobro da minha idade e são meus vizinhos.

– E isso te fez se sentir solitária? – perguntou Turner, verbalizando com facilidade o turbilhão de sentimentos borbulhando dentro de mim. – Você sempre deu mais valor à qualidade que à quantidade.

– Acho que eles só fizeram amizade comigo porque eu moro sozinha e pareço uma das filhas deles. Eles têm duas meninas e um menino, que é o mais velho. Jornalista. Pelo que a Sra. Flanagan me contou, está noivo de uma garota da Carolina do Norte e está muito feliz com ela. Senão, ela nos apresentaria. – Dei uma risada. – Segundo ela, sou bonita demais pra passar tanto tempo sozinha em casa. Ela deve achar triste eu não ter com quem sair. Nem que seja um amigo.

– Ela tem razão.

Soltei um suspiro.

– É meio triste mesmo.

– Não – disse ele, balançando a cabeça. – Você é bonita. Ilumina tudo à sua volta quando está feliz. E é o que você merece.

Meus lábios se entreabriram, e aqueles dois pontos de calor no meu rosto ficaram ainda mais quentes.

– Quanto ao filho dela – acrescentou ele –, fico feliz por ele, mas ele seria muito sortudo de sair com você se você quisesse isso. Seria sortudo de ficar em casa com você, se você quisesse isso também. Qualquer um seria.

Meu coração batia em todas as direções.

– Que foi? – perguntou Turner, com uma cara sedutora demais para que tudo aquilo fosse fruto da minha imaginação. – Acha que nunca percebi que você é bonita? Você é deslumbrante, Frankie. Um arraso.

– Como é que é?

– Você me ouviu.

Você me ouviu, disse ele. Como se não fosse nada de mais.

– O que você está fazendo? – perguntei, com a voz fraca.

– Derrubando as barreiras que você ergueu quando foi embora e que insiste em manter de pé.

– Isso… – Hesitei. – Isso está errado. Tudo isso. Você não pode simplesmente dizer que sou bonita. Que sempre achou isso. Que… percebeu. Não pode dizer esse tipo de coisa.

Ele pareceu parar para pensar nas minhas palavras. Então deu de ombros.

– Você deve ter razão. Mas pelo menos estou fazendo você falar a respeito disso. De nós dois.

Pensamentos – furiosos e incrédulos e, sim, também bobos – começaram a se formar na minha cabeça. Rodopiando, vertiginosos. Questionando toda e

qualquer coisinha que ele pudesse querer dizer com aquilo e sem chegar a lugar nenhum que fosse real.

– Eu… eu… – Minha voz falhou, carregada de frustração. – Você estava *noivo*, Turner. Da Mia. Minha amiga. Não tem isso de nós dois. Nunca teve.

– Vou dizer uma coisa agora e isso faz de mim um canalha – começou ele, calmo, indiferente ao peso das minhas palavras. – Mas acho melhor esclarecer tudo e me humilhar para reconquistar sua confiança do que continuar escondendo isso de você.

Franzi o cenho.

– Eu nunca deveria ter ficado noivo – declarou ele. O silêncio se impôs, e eu seria capaz de jurar que ouvia o meu coração batendo nas têmporas. Turner engoliu em seco antes de continuar: – Quando pedi a Mia em casamento, as coisas estavam complicadas, mas não justifica.

Eu gostaria de poder dizer que não sabia o dia exato do pedido, mas estaria mentindo. Eu lembrava perfeitamente porque eles contaram a novidade em um jantar de família, no Dia de Ação de Graças.

– Complicadas? Não me lembro de nada de diferente, só que foi o último Natal antes de o pai da Mia…

Eu me contive.

– Ela só contou que ele estava doente *depois* do Natal – confirmou Turner. – Mas já fazia dois meses que ela sabia. Ela… As coisas ficaram muito difíceis quando ela soube do diagnóstico.

Algo dentro de mim se partiu em dois pedaços afiados.

– Eu nem imaginava. Ela nunca me contou nem deixou transparecer que algo estava acontecendo. Isso quer dizer que, quando a gente ficou sabendo…

– Ela já tinha tido tempo para processar – completou Turner. – Durante esse

tempo, só eu sabia. Ela se afastou de todo mundo para ninguém desconfiar. Principalmente você.

Meu peito apertou ainda mais.

– Deve ter sido tão difícil para ela ter que passar por isso. E para você, por testemunhar tudo.

– Foi, sim – respondeu ele, soltando um suspiro. – Mas você sabe como ela é. No início, ela tentou fingir que não estava abalada, mas era uma atitude insustentável. Quando finalmente se deu conta de que o pai estava com câncer, ela sofreu muito. Foi doloroso ver. Principalmente por saber que o que mais a deixava mal era não poder dar ao pai algo com que eles sempre sonharam.

Turner ficou em silêncio por um instante, e eu prendi a respiração. Já sabia o que era.

– Ela sempre falou tão abertamente sobre tudo – seguiu ele, com uma risada amarga. – Como se as palavras fossem ilimitadas, como se não acabassem. Como se não houvesse mal nenhum em falar. E eu sempre fui o oposto. Por mais que eu esteja tentando falar mais sobre o que estou pensando, prefiro demonstrar quando se trata de algo importante.

– Ah, Turner – falei com um suspiro.

– A Mia me disse que partiria o coração dela se o pai não a levasse até o altar. E partiria o dele também.

Fiquei imóvel. Parecia que meu coração tinha simplesmente desaparecido.

Ele balançou a cabeça.

– Não me olhe como se eu tivesse feito algo honroso. Olha só onde todos nós estamos agora. Acabei partindo o coração dela de qualquer forma. O pai dela está em remissão, mas também está de coração partido com tudo isso. E a culpa é minha. Não consegui cumprir minha palavra. Sempre cumpro, e dessa vez não consegui. Não consegui.

– Isso não faz de você o vilão – falei, querendo protegê-lo. Era terrível que o coração de todo mundo estivesse partido por causa dessa situação, mas Turner estava esquecendo que ele também tinha sofrido. – Não tem nenhum vilão nessa história. A vida é assim mesmo, e o que você fez foi muito humano.

– Eu também não sou o mocinho.

– Foi bom quando você fez o pedido? Pareceu a coisa certa?

– Por um tempo, sim – respondeu ele. E mais dor inundou sua voz. Remorso. Culpa. Eu detestava que a vida tivesse tomado aquele rumo, mas não era justo que ele se culpasse por tudo. Todos erramos. – Foi bom fazer a Mia feliz. Ajudar alguém que eu amava a sair daquela escuridão. Cuidar dela era minha responsabilidade, e me senti bem fazendo isso.

Meu homem lindo e carinhoso.

– É um peso e tanto para se carregar. Talvez não tenha dado certo no final, mas você tentou dar para ela algo que só você podia dar. Colocou a felicidade dela acima da sua. Isso mostra como você a amava.

Eu, por outro lado, fui um monstro egoísta. Quando eles anunciaram o noivado e semanas depois contaram sobre a doença do pai de Mia, quase desisti de ir embora. Mas ela parecia tão centrada, tão focada em falar sobre tudo que queria no casamento. Aquilo foi demais para mim. Pela primeira vez, senti que tinha o direito de me colocar em primeiro lugar, ao contrário de todas as vezes que não agi. Escolhi acreditar que ela não precisava de mim, e que, se precisasse, eu estaria lá. Ric ou minha mãe me chamariam, e eu largaria tudo e voltaria para Portland. Isso não aconteceu. E continuei sentindo que precisava manter distância. Até que, depois de um tempo, desaprendi a conversar com ela.

– Você faz um juízo tão bom de mim – afirmou Turner. – Eu sempre disse que esse era seu maior defeito.

– Eu nunca vou deixar de achar que você é o melhor homem que conheço,

Turner. Você é.

– Então como foi que eu afastei você?

A pergunta me pegou tão desprevenida que tive uma reação física.

Ele insistiu no assunto:

– Por que parou de responder às minhas mensagens e atender minhas ligações? Por que foi embora sem se despedir? Por que não abriu aquela porta se estava sofrendo? Eu tinha tanta certeza de que você precisava de mim.

Senti uma dor no peito, e desta vez por motivos totalmente diferentes.

– É difícil explicar.

– Tenta, por mim – pediu ele. – Para que eu possa entender o que preciso consertar entre a gente.

Aquela onda avassaladora de emoção subiu pelo meu esôfago. Não havia nada a consertar. Ele não enxergava isso? Nunca tinha acontecido nada entre nós dois, e agora carregávamos tanta bagagem que era impossível que viesse a acontecer.

– Você não está traindo a Mia – disse ele. – Não por falar sobre nós dois, ou por estar neste quarto comigo. E eu também não estou, Frankie. Foi por isso que eu terminei tudo.

Meu corpo inteiro gelou. Já minha cabeça estava acelerada, preenchendo as lacunas, os espaços deixados por tudo que Turner não estava dizendo.

Eu estava ouvindo direito?

– Eu carrego culpa suficiente por nós dois, acredite. Mas não me entenda mal, porque fico feliz que isso tudo tenha me trazido até aqui. Eu vou me casar com o amor da minha vida, e não é a Mia.



6

Frankie

Eu vou me casar com o amor da minha vida.

Ele afirmou isso com tanta certeza. Como se soubesse sem sombra de dúvida quem era o amor da sua vida.

Já eu sabia sem sombra de dúvida que ia vomitar. Aquelas palavras eram como uma facada no estômago. Eu não sabia o que era capaz de fazer se ele continuasse. Como ia reagir. Não podíamos ficar ali sentados conversando sobre o amor da vida dele, sendo que eu estava olhando nos olhos do amor da minha.

Porque ele sempre foi o amor da minha vida. Por mais que eu tentasse reprimir ou esquecer esse sentimento, por mais que tentasse superá-lo. Turner foi o primeiro garoto que amei, e meus sentimentos mudaram e evoluíram, cresceram com o tempo. Mas nunca saíram de dentro de mim.

Em alguns momentos no passado, alimentei a ideia de que poderia estar errada. Deixei que um garoto da escola me desse o meu primeiro beijo e

entreguei a outro a minha virgindade. Aceitei a ideia de namorar, fazendo questão de dar uma chance a mim mesma. Mas, em todas essas situações, desejei que o cara fosse Turner. Eu sonhava com o momento em que ele ia acordar e me ver. Mas a vida manteve meus pés no chão. Eu não podia me dar ao luxo de ser uma romântica incurável. Na melhor das hipóteses, eu era só… incurável.

Turner não me queria. Mesmo antes de Mia aparecer.

Se quisesse, eu seria dele.

– Desculpa – sussurrei. – Preciso de um ar. É isso ou…

Balancei a cabeça, incapaz de terminar a frase, então me levantei da cama e me desviei do homem que para mim era ao mesmo tempo um purgatório e um refúgio, tentando me concentrar no som dos meus pés no carpete para que eu não saísse correndo daquele quarto.

– É isso ou o quê? – perguntou Turner.

Parei.

– É isso ou o quê? – repetiu ele. O colchão rangeu, e ouvi passos vindo na minha direção. – Por que você precisa de ar, Frankie? O que nesta conversa está te deixando com tanto medo que precisa fugir de mim de novo?

Meus dentes voltaram a bater. De leve, um tremor quase imperceptível, mas era o início de alguma coisa. Ou o fim, como sempre. Cruzei os braços, me protegendo, me recusando a virar para ele.

– O motivo que te fez terminar seu relacionamento não é da minha conta.

– Eu quero que seja da sua conta. Próximo argumento.

– Isso não é uma brincadeira pra mim, Turner.

– Olha pra mim – disse ele. – Olha pra mim e me diz se acha que eu estou brincando.

Me virei para ele. Tive que fazer isso; o tom de sua voz era tão… suplicante.

Como se eu fosse partir o seu coração se não atendesse ao pedido. Ele deu um passo à frente, determinado, na minha direção. A proximidade era avassaladora. Como nunca antes. Fechei os olhos, meio trêmula, e disse:

– Eu fui embora pra não estragar nossa amizade, e pra que eu pudesse ao menos manter boas lembranças. E é o que estou tentando fazer agora.

A voz dele saiu embargada:

– Por que você acha que isso vai acontecer?

Deixei escapar uma risada carregada de amargura.

– Porque eu não quero ser sua amiga – explodi. Meu corpo inteiro tremia. – E, se eu não sair daqui, vou te dizer isso. Você não entende? Eu quero que você não seja nada pra mim, eu…

Mãos quentes tocaram o meu rosto, desesperadas. Com uma delicadeza inimaginável. Como se ele estivesse ao mesmo tempo furioso comigo e com medo de me estilhaçar.

– Retire o que disse.

Voltei a sentir aquela pressão atrás dos olhos, a emoção sufocando meu peito, minha voz, minha mente. Tudo. Mas eu me recusava a chorar. Estava cansada de chorar.

– É a verdade, Turner. Por isso eu fui pra Boston. Pra não fazer mais parte da sua vida. Pra ser apenas alguém que você conheceu um dia, e de quem guardaria boas memórias.

– Mas você faz parte da minha vida, Frankie – rebateu ele, quase cuspindo as palavras. Seus dedos pressionaram meu cabelo, inclinando minha cabeça para trás. – Não importa pra onde você vá. Você sempre vai ser parte de mim.

– Você. Não. Entende – retruquei. – E eu não vou te explicar. Você deveria ter percebido, deveria ter visto…

Turner me beijou.

Ele diminuiu a distância – que já era curta – entre os nossos lábios e me *beijou*.

O mundo ficou em silêncio quando os seus lábios tocaram os meus, e por uma fração de segundo o meu corpo inteiro pareceu cair em um vácuo cheio de paz. Minha mente, meu coração, meus membros, minha alma, tudo paralisou. Turner Reece estava me beijando. Os lábios dele tinham tocado os meus, e ele estava me beijando como se fosse morrer se não fizesse isso.

Um gemido escapou e ressoou nos meus ouvidos, me trazendo de volta à realidade. Era meu. O menor traço de surpresa que ainda havia em mim evaporou. Minhas mãos agarraram os punhos dele e retribuí o beijo com toda a felicidade que invadiu o meu corpo. Euforia. Eu estava eufórica. O tipo de euforia que faz os joelhos bambearem.

– Caramba – disse Turner, parando para respirar. Seus lábios voltaram, me beijando com força. Com mais força. – *Caramba*. Não era esse o plano. Não agora. Eu tinha um plano, Frankie.

Meus ombros estavam pressionados contra a parede atrás de mim, prensados pelo corpo. Ele tinha me beijado. Eu tinha sido beijada por Turner Reece. Com os lábios umedecidos pela minha boca, ele parecia uma alucinação.

– Você tinha um plano pra me beijar? – perguntei finalmente, sem fôlego, tentando entender.

– Eu estava louco pra te beijar. Desde o momento que te vi.

Meu coração disparou ainda mais.

– Estava?

– Eu posso te mostrar quanto. Posso te mostrar o que você faz comigo.

Segurei seus punhos com mais força. Eu queria aquilo. O toque da sua pele

era tão quente e macio. Ele estava tão lindo. Era tão meu. Eu não conseguia me concentrar. Não conseguia pensar com clareza. Ele era tudo o que eu sempre quis.

– Frankie, eu também não quero ser seu amigo. – Ele franziu o cenho quando ouviu as próprias palavras, e senti um aperto no peito. – A não ser que a gente seja amigos que fazem isso. – Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. – Meu Deus. Estou fazendo tudo errado – resmungou. – Frankie, quando você me encontrou no saguão, e eu te vi ali, parecendo… uma miragem, pra falar a verdade, eu… A última coisa que pensei foi em amizade. Eu só conseguia pensar nisso, em me aproximar e beijar a sua boca, porque…

Eu me aproximei, calando suas palavras.

Que se dane.

Que se danem as palavras. Que se danem os pensamentos. Que se danem as explicações.

Eu só conseguia pensar em uma coisa. Turner queria me beijar. Turner me queria. Como eu poderia não mostrar que sempre o quis também?

Turner deixou escapar um suspiro profundo, e a pressão dos seus lábios foi ficando cada vez mais intensa. Fiquei na ponta dos pés, chegando ainda mais perto, e ele tomou os meus lábios, roçando a língua na minha. Nós dois soltamos um gemido, ou talvez tenha sido só eu, mas quem se importava? Turner Reece estava me beijando.

Ele soltou um palavrão baixinho.

– Você tem gosto de…

Calei suas palavras mais uma vez. Não me importava qual era o meu gosto. Minhas mãos saltaram dos seus punhos para a sua nuca, e eu o envolvi, puxando-o para mais perto. Eu queria Turner o mais perto possível de mim. E se eu perdesse aquilo? E se aquela fosse a minha única chance?

Eu sentia que precisava aproveitar aquele momento. Fazer valer a pena, porque e se não durasse?

Turner parou mais uma vez para respirar. Mais uma vez tentou falar, visivelmente se contendo.

Mas eu falei antes:

– Você falou sério? – perguntei. Ele franziu o cenho, com os lábios vermelhos entreabertos. – Você me quer assim?

O som que escapou dos seus lábios era indescritível.

– Mais do que qualquer outra coisa.

– Então me mostra – sussurrei. – Para de tentar ser gentil e me mostra.

Sua mandíbula se retesou, talvez uma hesitação, ou um aviso.

Então Turner me beijou com uma ferocidade que não estava ali um segundo antes. Um desespero até, que me lembrou do desejo que eu sentia havia tanto, tanto tempo. Sua língua roçou a minha de novo e eu soltei um gemido alto.

Ele colocou o joelho entre as minhas pernas, abrindo-as com um movimento rápido. Arquejei, e ele aproveitou a oportunidade para aprofundar o beijo. Uma das suas mãos pousou na minha cintura, a outra se entrelaçou no meu cabelo, me segurando ali. Seus dedos agarraram minha camiseta, puxando o tecido com um gemido de frustração.

Por mim, ele podia rasgá-la ao meio.

Turner soltou um grunhido baixinho, como se talvez fosse fazer isso mesmo. Então ele impulsionou o quadril contra o meu, e meu sangue ferveu.

– Foi intenso o bastante pra você, amor? – perguntou ele, sem afastar os lábios dos meus. Respirei fundo antes de responder com um SIM bem alto. Seus lábios foram descendo pelo meu pescoço, mordiscando minha pele. – Posso fazer melhor que isso.

Eu mal podia esperar.

Ele passou o braço pelas minhas costas, me erguendo só o suficiente para que o meu peso caísse sobre aquela perna que ele tinha encaixado entre as minhas. Seus lábios voltaram aos meus, e ele movimentou meu quadril lentamente sobre aquela perna.

Turner repetiu o movimento, como se quisesse ter certeza de que fizera certo da primeira vez.

Era gostoso demais. Incrível. E eu estava tão carente, com tanto tesão, que o meu corpo inteiro pulsava. Como se eu fosse um fio desencapado.

– Mais – implorei. – Por favor.

– Mais – repetiu Turner, sem fôlego. Seus olhos me percorreram de cima a baixo. Como se aquela palavra o deixasse confuso. Como se ele não soubesse o que fazer com ela. – Não me peça mais quando eu quero te dar tudo o que eu tenho.

Algo perigoso derreteu dentro de mim. Beijei o queixo dele com delicadeza. Então a mandíbula. A lateral do pescoço. Sem pressa, para que ele pudesse se recompor, porque parecia que ele precisava disso. Como se ele também estivesse sentindo que aquilo era demais. Mordisquei o seu pescoço.

Turner soltou um suspiro trêmulo, o peito largo acompanhando o movimento.

Ter tanto poder sobre ele era algo novo. Isso me fez avançar. Deslizei as mãos pelo seu peito, deixando as unhas arranharem a pele embaixo do tecido. Chegando à bainha, enfiei as mãos sob a camiseta. Turner arquejou quando sentiu o contato, mas não se mexeu. Seu corpo continuava me prendendo contra a parede. Era eu que estava presa, então por que parecia que ele estava ao meu dispor?

Descansei as mãos na sua pele. Turner era tão quente, tão macio, tão firme.

Fui subindo pelas laterais, sem tirar a camiseta dele, apenas tocando o seu corpo. Sentindo. Como se fôssemos dois adolescentes provocando um ao outro. Quando voltei até o abdômen e deixei os dedos descerem até o cós da calça, Turner deixou escapar um palavrão que me fez sorrir.

– Você é tão linda – sussurrou.

A sinceridade na sua voz me deixou vulnerável.

Minhas mãos voltaram até a nuca de Turner, puxando-o para mim. Ele grunhiu mais uma vez quando aprofundei o beijo, assumindo o controle. Então retribuiu meu entusiasmo impulsionando o corpo contra o meu, fazendo meu corpo pesar na sua perna.

Caramba, era tão gostoso.

Arqueei as costas, e a mão dele deslizou por baixo da minha camiseta. O prazer aumentou com o contato dos seus dedos na minha pele, subindo pela lateral do meu corpo. Dedos que pararam quando encontraram o meu sutiã, e de repente me arrependi de não tê-lo tirado.

Eu me entreguei ao toque de Turner, incentivando-o, chegando até mesmo a suspirar um "Isso" baixinho. E deixei escapar um gemido quando o polegar de Turner subiu e puxou a renda fina.

Arrepios percorreram o meu corpo, deixando-o mais atiçado. Turner roçou o dedo no meu mamilo sensível, inclinando a minha cabeça para aprofundar o beijo, me fazendo derreter em suas mãos.

Meu quadril ondulou em resposta.

Ele repetiu o gesto, um pouco mais forte.

Gemi nos seus lábios e continuei me movimentando contra a sua coxa. Era tão bom. Eu precisava de mais fricção. Precisava entrar no ritmo. Precisava…

– Me usa – falou Turner. Ainda havia aquela rouquidão na sua voz, como se

fosse feita de pedra. – Me usa pra gozar.

Um momento de hesitação. Antes eu estava no piloto automático, mas chegou a hora de mudar de marcha.

– Quero que você goze assim – disse Turner, abaixando a cabeça até a minha orelha. Sua respiração fez cócegas na minha pele, e a sensação do seu corpo sobre o meu embaralhou os meus sentidos. Fechei os olhos, trêmula. Ele mordiscou a minha orelha. – Prometo retribuir depois.

A imagem que se formou em minha cabeça diante dessas palavras definitivamente me fez pegar fogo. Significava que eu teria mais de Turner. Mais beijos, mais do seu toque, mais daquilo, mais de tudo.

Rebolei o quadril, não em busca de alguma coisa, mas já tomando-a para mim.

– Meu Deus – falei num sussurro. Turner voltou a me provocar com o polegar no meu seio e roçando os lábios no meu pescoço. – Meu Deus, isso é tão bom.

– Continua – disse ele, ainda com os lábios no meu pescoço. O êxtase que eu buscava parecia tão perto que perdi o ritmo. – Um pouco mais rápido agora, amor – murmurou ele. – Você está quase lá, não tá?

Eu estava. E se Turner continuasse me chamando de "amor" enquanto eu me masturbava na perna dele, eu ia sair do meu próprio corpo.

Um braço de Turner me envolveu, e ele assumiu o controle, guiando meus movimentos, exigindo aquele orgasmo.

Estrelas começaram a brilhar atrás dos meus olhos. Ondas e mais ondas de prazer invadiram o meu corpo. Era demais. Demais. Eu nunca tinha experimentado aquela intensidade com ninguém antes. Parecia que ia explodir, e ele nem estava me tocando.

– Não consigo… – murmurei. – Estou quase, mas…

– Consegue, sim – incentivou Turner, quase com um rosnado. Ele colocou a outra mão na minha bunda, me puxando para a frente. Pressionando o meu corpo contra a sua coxa em um outro ângulo. – E vai ser desse jeitinho. Porque se eu te tocar… Se eu te tocar, acabou. Se eu te tocar, vou te jogar naquela cama e fazer tudo o que sempre quis fazer com você.

O prazer veio em uma onda deliciosa, torturante, e perdi a cabeça. Saí deste mundo, ali mesmo, e por um bom tempo, um tempo doce, meu corpo ficou mole nos braços de Turner. Porque ele me fez gozar. E me beijou. Disse que eu era linda.

Aquilo só podia ser a felicidade.

Um momento da alegria mais pura.

Era isso que eu queria. Que eu esperava. Desejava.

– Você fica tão linda quando sente prazer, Frankie – sussurrou Turner. – Como eu sempre sonhei.

Sempre.

Era uma palavra engraçada.

Eu sabia que *sempre* o tinha desejado, mas Turner?

Ele não podia ter me desejado.

Podia?



7

Turner

Eu estava caidinho por ela.

Não. Vou reformular.

Eu ia *me casar* com ela.

Precisava acertar os detalhes. Mas, sim, eu ia me casar com Frankie Rossi.

Dar meu sobrenome a ela. Pegar o sobrenome dela. Isso não importava.

Estava disposto a implorar, a passar o resto da vida me humilhando só para tê-la.

A noite anterior só cristalizou as intenções que eu levara comigo até Vermont. Agora que eu tinha sentido o sabor dos seus lábios? Agora que ela havia molhado a minha calça? Pedido que eu fosse firme com ela? Reagido ao meu toque de um jeito com que até então eu só tinha sonhado?

Eu não ia conseguir voltar a ser como éramos antes. Definitivamente não ia

conseguir voltar a não tê-la. Depois de uma noite inteira com ela nos meus braços, vendo-a pegar no sono com um sorrisinho no rosto, com lábios inchados de tanto beijar os meus, fui consumido por um desejo incontrolável de ocupar cada canto da existência dela. E implorar que ela ocupasse a minha.

Talvez fosse a coisa do stalker, alimentando uma necessidade primitiva de protegê-la. A história tinha mesmo me deixado agitado, um pouco impulsivo, e acabei insistindo até que ela abaixasse a guarda quando encontrei resistência. Mas, meu Deus, eu tinha passado a vida inteira me convencendo de que ela não podia ser minha, de que talvez não me quisesse, e veja só aonde isso me levou.

Encoste um dedo nela e eu arranco os seus testículos.

Foram as palavras exatas de Ric quando éramos apenas dois garotos que não faziam ideia das consequências de ultimatos como aquele. Foi seu primeiro e único aviso. Tínhamos 21 anos e estávamos bêbados, em uma festa a que Frankie foi com a gente. Ela tinha prometido que não ia beber, que seria a motorista da rodada, e acabei cedendo. Como sempre acontecia. Ela estava tão linda naquela noite, com uma daquelas camisetas de banda que sempre usava, enfiada dentro de uma saia tão curta que fez meu coração disparar. Eu nunca tinha visto Frankie dançar como naquela noite, rodopiando, sorrindo, com os braços abertos sob o globo de espelhos brega que um amigo nosso tinha pendurado num porão imundo. Ela parecia tão livre, de outro planeta. Como uma luz que eu queria tocar, mesmo sabendo que ia me queimar.

Não foi a primeira vez que olhei para ela daquele jeito.

Mas foi a primeira vez que Ric me pegou no flagra.

Meu melhor amigo tratou de acabar de uma vez com o que quer que tivesse visto no meu rosto.

Nunca o culpei por isso. Nem mesmo agora. Frankie Rossi sempre foi muita areia para o meu caminhãozinho, terreno proibido. Por isso ele nunca tinha me

flagrado antes daquela noite. Eu afastava aquele sentimento como se a minha vida dependesse disso. Três anos não eram uma diferença de idade muito grande depois de adultos, mas na adolescência? Naquela noite ela tinha acabado de se formar no ensino médio, pelo amor de Deus. Tinha a vida inteira pela frente e eu não passava de um padeiro grandalhão cheio de sonhos e com nenhuma perspectiva. Eu nunca tinha me sentido inferior por não ter ido para a faculdade como Ric ou por ter que trabalhar à noite enquanto guardava dinheiro para abrir a padaria. Sempre fui feliz com quem eu era, com o homem que estava me tornando. Mas isso não significava que eu fosse o cara certo para Frankie Rossi.

O aviso de Ric foi o lembrete perfeito.

No momento em que meu coração começou a se contorcer com aquela lembrança agridoce, Frankie se mexeu ao meu lado.

Um suspiro discreto deixou os seus lábios e pousou no meu peito, aquecendo o tecido da camiseta com que eu tinha me obrigado a dormir. Assim como a calça jeans, aberta, mas ainda ali.

Olhei para baixo e vi quando ela colocou o braço no meu abdômen. Ela puxou o algodão que cobria meu peito enquanto resmungava alguma coisa.

Tínhamos muito o que conversar. Muitas coisas sobre as quais deveríamos ter falado antes que eu a prensasse contra a parede e a beijasse.

Mas eu queria *muito* fazer isso de novo. Beijar seu rosto, seu pescoço, seus ombros. Então tirar seu pijama e descer pelo seu corpo inteiro. Eu mal pude explorá-la na noite anterior, vê-la, tocá-la; e o amanhecer fez minha paciência começar a cobrar caro por isso.

Frankie jogou a perna sobre a minha, se aconchegando um pouco mais, e resmungou quando se deparou com a resistência do edredom. Com um sorriso, abracei a cintura dela, puxando-a para mais perto, ajudando-a a chegar aonde ela queria um pouco mais rápido.

Ela deixou escapar um dos meus novos sons favoritos. O que eu não faria por aqueles gemidos, pensei. Loucuras. Como esquecer o bom senso. E, se ela deslizasse aqueles dedos por baixo da minha camiseta, eu ficaria bem perto de fazer tudo isso.

Foi o que ela fez, no mesmo instante.

Um suspiro trêmulo me escapou diante do contato, e ela soltou mais um gemido baixinho.

– Frankie? – perguntei. – O que está fazendo, amor?

Sua resposta foi deixar que a mão seguisse aquele caminho tortuoso. Seus dedos roçaram o meu quadril, delicados. Vagarosos. Então ela desviou para o lado, ao longo do cós da minha calça. Parou quando encontrou a linha de pelos que levava ao meu umbigo. Brincou com o botão, já aberto, e com o zíper.

Merda.

Eu já estava duro como pedra embaixo daquele zíper.

– A gente precisa conversar – falei, mais para mim do que para ela.

Havia muito a ser dito. Explicado. Eu já tinha ganhado na loteria quando ela deixou que eu a beijasse sem exigir as respostas que eu lhe devia.

– A gente não terminou a conversa que começou – insisti.

Ela traçou um círculo leve com os dedos na minha pele, o toque como o de uma pena, roçando o meu pau com a palma através do tecido. *Meu Deus*.

– A gente já conversou bastante – comentou ela, irreverente.

E inclinou a cabeça para trás, como parecia ter feito havia uma eternidade, embora tivesse sido na noite anterior. Com um sorriso travesso. De tirar o fôlego.

Será que ela vai deixar que eu me case com ela? Vai aceitar ser minha?

– Viu? – disse ela, quando percebeu que eu não tinha falado mais nada. – Quem precisa de palavras?

Eu não precisava. Quer dizer, precisava, sim. Quer dizer…

Ela deslizou a mão por baixo do cós e envolveu o meu pau duro por cima da cueca com os dedos.

Empurrei o quadril para cima enquanto soltava um palavrão.

– Tudo bem? – perguntou ela, meio ofegante. – Ontem a gente não… Eu não toquei você.

Impulsionei o quadril na palma dela.

– Você me quer?

Ela assentiu.

– Sou todo seu.

Ela me segurou com mais firmeza, me arrancando um gemido em reação à onda de prazer que percorreu todo o meu corpo. As cobertas que estavam amontoadas na nossa cintura foram empurradas até os nossos pés, e Frankie mexeu a mão. Ela fez uma carícia só, com convicção, da base até a cabeça, mordendo o lábio, atenta.

Eu ia gozar rápido demais se…

Ela passou a perna que estava entre os meus joelhos por cima das minhas coxas e montou em mim. Com aquele olhar penetrante que fazia com que eu me sentisse nas alturas, ela me soltou e engatou os dedos no cós da minha calça. Seu olhar saltou do volume óbvio debaixo do jeans para os meus olhos, e ela mordeu o lábio inferior de um jeito sexy.

Cerrei o maxilar para não vociferar que ela arrancasse logo aquelas camadas de roupa de mim, para que me tocasse, para que eu sentisse sua pele na minha.

– Vá em frente – foi o que falei em vez disso.

Ela puxou o zíper, abrindo o tecido grosso. Depois passou os dedos no

elástico da minha cueca e também a tirou, me devorando com os olhos como se estivesse abrindo um presente.

Eu me senti tão indigno daquele olhar. Ela é que era o meu maior presente.

– Repete – pediu ela, engolindo em seco. – Me chama de amor. Diz que é meu.

Respirei fundo e me agarrei ao seu quadril, segurando-a para que ela não escapasse do meu alcance.

– Eu sou todo seu, amor. Tudo que sou é seu, se você me quiser.

Os olhos de Frankie se encheram de uma emoção tão poderosa quanto o desejo que aquecia a sua pele. Como se ela estivesse ao mesmo tempo extasiada e apavorada. Como se quisesse se deliciar com o momento e aproveitá-lo antes que acabasse. Mais palavras subiram até a ponta da minha língua diante da necessidade de tranquilizá-la, de exigir que ela me dominasse, ao mesmo tempo que eu queria afastar aquele vestígio de medo de seu olhar. Mas ela agarrou o meu pau e qualquer resquício de racionalidade me abandonou.

Frankie me acariciou com vontade. A mão deslizando de cima a baixo, o polegar acariciando a cabeça de tempos em tempos, me deixando com a visão embaçada e fazendo palavrões escaparem dos meus lábios.

– Que delícia – me ouvi sussurrar. Ela tinha voltado a morder o lábio, igualzinho a como tinha feito antes. Todo o seu corpo estava corado num tom rosado lindo, como se eu tivesse passado horas roçando os lábios nela. Eu queria fazer isso. Precisava fazer isso. – Pode ir com mais força. Não tenha medo de ser um pouco bruta. Eu gosto.

Frankie soltou um gemido, e a sua outra mão entrou em ação, fazendo exatamente o que pedi.

Soltei o ar com vontade, revirando os olhos, forçando o quadril na direção das suas mãos. Meu. Deus. Do. Céu. Eu estava tão pronto para me entregar com

ela me olhando. Sentei, tirei a camiseta e voltei a me deitar. Frankie arregalou os olhos por uma fração de segundo e formou um "O" com os lábios enquanto percorria todo o meu corpo com olhos frenéticos.

– Suas tatuagens – sussurrou ela, ainda com o olhar agitado. – Tem tantas novas. São lindas. Você…

– Eu sou seu – falei, e segurei o rosto dela para puxá-la até a minha boca. – Vou repetir mil vezes – sussurrei nos seus lábios. – Vai me fazer gozar até me lambuzar todo?

Frankie assentiu, retomando o movimento das mãos e mexendo o corpo sobre o meu como se não conseguisse se conter e também buscasse aquele alívio. Eu a segurei onde ela estava, beijando-a com força, acompanhando suas carícias com o movimento ainda mais acelerado do meu quadril, deixando que ela me jogasse daquele precipício no qual eu mal tentava me segurar.

– Caramba – murmurei, sem afastar os lábios dos dela, inchando cada vez mais até me estilhaçar em mil pedaços. – Frankie, amor. Que delícia, que perfeito.

Ela relaxou o corpo sobre o meu, guiando o meu orgasmo com gemidos suaves, e me permiti simplesmente abraçá-la. Mantê-la ali, no meu peito, sentindo o seu peso sobre mim, como se estivesse no paraíso.

– Estou lambuzando você também – sussurrei finalmente, com um sorrisinho presunçoso.

– Não estou reclamando – respondeu ela, rindo.

Eu tinha sentido tanta saudade daquele som. Uma saudade louca. Queria mais. Ergui a cabeça e dei um beijo estalado entre o pescoço e o ombro dela. Frankie arquejou e, quando repeti o gesto, deu uma risadinha. Foi o incentivo final para cobri-la de beijos. Pescoço, ombros, cabeça, rosto. E, quando já não

alcançava mais nenhum pedaço do seu corpo, nos virei e pairei acima dela, invertendo as nossas posições para ter mais acesso.

Frankie parou de rir, e eu também.

Aquele fogo em que eu estava me viciando reacendeu nos seus olhos, que saltavam dos meus até a minha boca.

Beijei os lábios dela com delicadeza, saboreando o momento em que ela derreteu abaixo de mim. Coloquei a mão no seu queixo, depois fui descendo pelo pescoço, pelo peito, pelo abdômen. Puxei a barra da camiseta, e ela assentiu. Eu a ajudei a tirá-la.

Vê-la assim, de sutiã, com o cabelo espalhado sobre o travesseiro em que eu tinha dormido, era o tipo de visão pela qual as pessoas lutam uma vida inteira. O tipo de visão que guardamos para sempre.

– Você é linda – falei. – Eu já disse isso?

Ela assentiu de leve.

– Ontem à noite. Antes de me beijar.

– Pensei nisso tantas vezes que parecia que eu estava gritando as palavras pra você.

O lábio inferior dela começou a tremer, mas eu sabia que não eram lágrimas ou apreensão. Era ansiedade. E algo que ela insistia em manter trancado, longe de mim, infelizmente.

Apertei seu quadril antes de seguir deslizando minha mão. *Quero te tocar pra sempre*, parecia dizer. Frankie assentiu mais uma vez, como se tivesse entendido que não era só naquele momento.

Meu coração acelerou com a possibilidade, e meus dedos ficaram impacientes, meu toque minucioso, passando por sua barriga, seu quadril, sua cintura, as laterais e as curvas dos seus seios, com carícias leves. Apesar da

urgência que sentia, fiz tudo sem pressa, e Frankie foi ficando cada vez mais impaciente. Foi só quando ela soltou um arquejo que deixei que a mão descesse pela sua barriga.

– Abre as pernas pra mim – pedi.

Ela ergueu e separou os joelhos.

– Boa garota.

Deslizei a mão para dentro de seu short, onde encontrei sua calcinha molhada. Frankie deixou escapar um gemido maravilhoso.

Um sentimento possessivo tomou conta de mim.

– Isso tudo é pra mim. Só pra mim. Quero ouvir você dizer.

– É tudo pra você – sussurrou ela.

Frankie parecia sem fôlego, seu peito subia e descia com dificuldade. Ela ia gozar de um jeito tão doce – e tão rápido. Estava difícil ir com calma e provocá-la como eu queria.

Afastei o tecido com os dedos, e o corpo de Frankie imediatamente se curvou contra o meu.

– Vai me deixar entrar? – perguntei, olhando o seu rosto de perto.

– Por favor – sussurrou Frankie. – Senão…

– Com todo o prazer – falei.

Empurrei a calcinha para o lado e deslizei os dedos para dentro dela num movimento rápido. Ela estava encharcada, e ver o seu rosto se contorcendo de prazer fez com que eu me sentisse como um animal.

– Diz o meu nome – exigi, tocando o seu clitóris com o polegar. Frankie deixou escapar um gemido delicioso, alto, mas ainda não era o meu nome. – Quero ouvir. – Ela estava tão apertada, tão perto, enquanto movimentava o

quadril ao ritmo da minha mão. – Diz o meu nome com os meus dedos dentro de você, Frankie. Vamos, amor. Quero ouvir.

Frankie teve um espasmo. Quando gozou, ela gritou o meu nome.

Linda, pensei.

Eu faria qualquer coisa para ouvir aquele som de novo. Para ouvi-lo todos os dias. Faria qualquer coisa para guardá-lo em segurança em algum lugar dentro de mim. Para que Frankie ficasse em segurança. Para que ela ficasse, na verdade. Ponto-final.

Não havia nada que eu não faria para ter Frankie Rossi.



8

Frankie

Puta merda.

O cara que amei a vida inteira tinha acabado de me proporcionar um orgasmo incrível. Dois, na verdade.

Era errado eu querer erguer os braços e fazer uma dança da vitória ao redor do quarto?

Acho que era. Parecia um retrocesso. Como se eu tivesse voltado no tempo, para aquela versão mais jovem de mim mesma que teria perdido a cabeça com a mera possibilidade de Turner Reece encostar os lábios nos dela.

Porque Turner Reece tinha me beijado. Além de ter me proporcionado dois orgasmos. Ele me prensou contra a parede. Me usou. Deixou que eu o usasse. Me chamou de linda.

Linda.

Eu tinha espelho e dois olhos com os quais conseguia enxergar o meu reflexo, então sabia que não era nenhum patinho feio. Tinha lá meus defeitos, como todo mundo, mas sabia que era bonita. Só que Turner nunca dissera isso em voz alta. Eu lembraria.

Não quero ser seu amigo. A não ser que a gente seja amigos que fazem isso.

Como aquilo tinha acontecido? Quando vi Turner na recepção da pousada, eu jamais teria imaginado nós dois na cama juntos. Nem em um milhão de anos eu teria imaginado que o beijaria – seja para fazê-lo parar de falar, seja por qualquer outro motivo.

Meu corpo estava relaxado, ainda ecoando aqueles orgasmos. Mas meu coração estava disparado. Minha cabeça estava cheia de perguntas. Eu tinha conseguido distrair Turner – e a mim mesma – duas vezes, evitando, assim, a conversa que com certeza precisávamos ter. Naquele momento, porém, ela parecia vital.

Também parecia vital reconhecer a realidade. Não só dentro daquele quarto, mas fora dele também. Sexo era um jeito gostoso de não pensar na situação do stalker ou no fato de que a nevasca da noite anterior poderia fazer com que as pessoas não fossem à convenção. E acho que… Acho que parte de mim sabia muito bem disso. Parte de mim se desapegou de tudo naquela noite e naquela manhã, só para viver o momento. Só para me sentir feliz e cuidada – desejada – como não acontecia havia muito tempo.

Tenho quase certeza de que Turner percebeu. É muito provável que ele tenha deixado isso acontecer e que não tenha insistido nas palavras que eu não queria ouvir – ou dizer – exatamente por ter percebido.

Senti um aperto no peito, que reverberou uma pergunta: *Mas o que isso significa?*

Turner, sempre tão perspicaz, roçou o nariz no meu rosto, exigindo minha

atenção.

– Hmmm? – murmurei, sorrindo e me esparramando no peito dele, apesar do turbilhão dentro da minha cabeça.

Não tínhamos saído da cama. Não tínhamos tomado banho ou escovado os dentes. Não tínhamos sequer nos mexido.

– Pronta pra conversar agora? – perguntou Turner, baixinho.

Fiz menção de responder, mas pensei melhor. Eu era covarde, e meu coração que aguentasse.

– Na verdade, não.

– Não precisamos falar sobre nós dois, por mais que eu queira isso – disse ele. – Mas você prometeu que a gente ia reavaliar a situação quando amanhecesse.

– Não me lembro de ter prometido isso. Aliás, me lembro de você dizendo que a decisão era minha.

– Mudei de ideia.

Eu me afastei dele, me apoiando em um cotovelo. Ele estava quase fazendo beicinho. Era tão fofo ver um homem adulto, de bigode e mullet, fazendo beicinho. Era tão fofo ver Turner fazendo isso.

– Sobre o quê, exatamente? – perguntei, me fazendo de boba.

– Sobre a gente ficar aqui – respondeu ele, sério. – Não quero ficar. E, como nevou, acho melhor ir embora antes que o tempo piore e a gente fique preso aqui. Eu…

Ele se interrompeu com uma bufada.

– Você…? – insisti com um sorriso, em tom de provocação.

Turner franziu o cenho.

– Eu não posso permitir que você se machuque, Frankie. Nunca, mas principalmente agora que ficamos juntos.

Ah, droga.

Caso não tenha ficado claro, eu obviamente ainda amava Turner Reece.

Nunca deixei de amar.

Eu gostaria que fosse uma espécie de revelação. Mas não era. A sensação era de que o peso do passado tinha se multiplicado.

Por que agora, Turner? Por que você não me enxergou em nenhum momento antes deste fim de semana? Por que eu não era capaz de me permitir simplesmente aceitar isso, agora que estava ficando claro que ele me via de um jeito diferente? Será que eu tinha passado tanto tempo sofrendo que não sabia viver de outro jeito? Será que eu estava tão amargurada com a minha carreira que não era capaz de simplesmente aceitar uma coisa maravilhosa como essa? Será que eu estava tão… envergonhada com a situação toda do stalker que não conseguia nem expressar em voz alta o que estava sentindo?

Será que eu poderia aceitar ficar em segundo lugar para o homem que sempre coloquei em primeiro?

Soltei um suspiro e me joguei na cama de barriga para cima. Lágrimas pressionaram os meus olhos. De novo. Meu Deus, eu não conseguia acreditar que ia chorar na frente dele pela segunda vez em poucas horas. Eu não era de chorar.

– Frankie, amor – disse ele na mesma hora. Era tão estranho ouvir Turner me chamando assim, mas ao mesmo tempo parecia… natural. Certo. Como deveria ter sido desde sempre. – O que está te deixando assim? Me conta.

– Tudo – respondi, reprimindo aquela emoção avassaladora. Olhei para o teto e pisquei demoradamente, tentando me acalmar, então me virei e olhei para ele. Ele parecia arrasado. Eu detestava isso. – Estou apavorada, Turner.

Ele assentiu, com aquele par de olhos cor de chocolate fixos em mim. Ele ia me deixar falar.

– Está tudo errado – falei de uma vez. – Eu deveria ter deixado você me levar pra longe daqui ontem à noite. Eu deveria ter pedido isso, pra falar a verdade. Ou devia ter ficado em Boston. Mas não fiz isso. E não quero abrir a cortina e ver como está o tempo lá fora. E não quero falar sobre o homem que está me perseguindo, porque estou tão… perdida.

Ele ponderou minhas palavras antes de falar.

– E quais são os motivos? – finalmente perguntou. – O que é tão importante que fez você vir pra convenção e não querer ir embora?

Eu tinha dito isso. Na noite anterior. Quase palavra por palavra. Ele lembrava. Porque tinha prestado atenção. Ele se importava. Talvez não me amasse, mas sempre se importou comigo. E eu sentia tanta, tanta falta dessa parte da nossa amizade. Sentia falta de ter alguém com quem conversar, com quem desabafar.

– As coisas não estão bem – falei, com a voz meio fraca. Eu estava tão envergonhada. Ele continuava sendo o homem que eu queria impressionar. – Estão péssimas, pra falar a verdade. As vendas. Estou basicamente lutando pra sobreviver. E precisava dessa convenção pra provar uma coisa.

O rosto de Turner foi tomado pelo choque, depois pela preocupação.

– *Mel negro*?

Meu último livro. O último volume da série que já não era mais um best-seller, Lobos da Noite.

– Um tiro na água. Um fiasco. Um fracasso.

– Frankie – disse ele, estendendo a mão para me tocar. Aquela mariposa que eu tanto amava pousou suavemente na minha barriga. – Isso…

– Você precisava ver – falei, interrompendo-o, segurando seu punho com força.

Como eu desejei ter alguma coisa – alguém – em que me agarrar nos últimos meses.

– Tinha tantas cadeiras vazias no lançamento, Turner. Nem sei como consegui ir até o fim, nem me lembro do que falei. Só lembro que mal consegui me controlar na frente das poucas pessoas que apareceram. Tentando não passar vergonha na frente da minha assessora, da minha editora, da minha agente. Não passar vergonha na frente daquela plateia pequena. Que tipo de bebê chorão perde a compostura por causa de cadeiras vazias?

Ele levou a mão ao meu rosto, ergueu a minha cabeça, olhou nos meus olhos e me beijou. Foi o beijo mais intenso da minha vida.

– Você não é um bebê chorão. Nem mesmo quando chora porque alguma coisa te deixou mal.

Deixei escapar uma risada estranha.

– Talvez você tenha razão. Ou talvez não, e eu seja mais sensível do que você pensa.

– E daí se você for sensível? – perguntou ele, acariciando o meu lábio inferior com o polegar. Depois, abaixou o braço. – Não diga isso como se fosse um defeito.

– Mas é. Quer dizer que eu deixo as coisas me magoarem. Quer dizer que eu deixo as coisas me afetarem. Como ficar envergonhada por publicar um livro ruim, mesmo depois de ter me dedicado tanto. Quer dizer que dói quando as pessoas que um dia me amaram se decepcionam comigo.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Quer dizer que você é corajosa, Frankie. Quer dizer que é a pessoa mais corajosa que eu conheço, por fazer o que faz, mesmo sabendo que pode se magoar no processo.

– Isso é… – Era um jeito lindo de encarar aquilo. – É uma idealização. De

mim. Da escrita. Eu não sou corajosa. São só livros. Eu não deveria ficar arrasada quando alguém diz que não sentiu nada com a leitura, ou que sou uma escritora de um sucesso só, ou que nunca quis tanto que um livro acabasse logo. Eu deveria ser forte o bastante para não deixar isso me magoar.

– Você não faz ideia mesmo, né? – perguntou Turner, balançando a cabeça. – Lembra quando decidiu ser escritora? Naquele dia você teve *certeza*. Absoluta. Você entrou em casa depois da escola e fez todo mundo parar o que estava fazendo pra te ouvir declarar que ia escrever o melhor livro de todos os tempos.

– Eu tinha 15 anos – murmurei, soltando um suspiro. – E o Ric disse que primeiro eu precisava aprender a escrever o meu nome. Fiquei tão brava que fui para o meu quarto e comecei a escrever um romance com um vilão que se chamava Alaric. Ele tinha uma personalidade corrosiva e uma verruga no nariz. – Soltei uma risada. – Eu era uma criança.

Os lábios de Turner se curvaram, como se ele tivesse gostado de ouvir a parte da história que não sabia porque tinha ficado no andar de baixo com os meus irmãos.

– Quer ouvir o que eu deveria ter dito antes que o Ric abrisse a boca e falasse merda? – Ele não esperou minha resposta. – "Caramba, além de linda, ela é tão corajosa!" Porque foi isso que eu pensei.

Senti a boca seca, e qualquer resquício de nostalgia desapareceu. Eu teria caído morta se ele tivesse dito isso. Teria confessado que o amava. Teria pedido Turner em casamento.

– Por que não fez isso?

– Porque, ao contrário de você, eu sou covarde.

Engoli em seco.

– Não é. Você também foi atrás do seu sonho. Exatamente como eu fiz.

– A Padeiro da Meia-Noite não é o meu sonho, é só uma coisa que eu gosto

de fazer. Acabei de começar a ir atrás dos meus sonhos e acho que não sou muito bom nisso. Você é a corajosa aqui. Olha só tudo o que já conquistou.

Como?, era o que eu queria perguntar. *Que sonhos são esses que Turner Reece quer realizar?*

Mas a pergunta parecia frágil demais. Vulnerável demais. Parecia que, se eu a fizesse, estaria revelando algo sobre mim, e não sobre ele. E se ele me devolvesse a pergunta e eu tivesse que confessar que continuava deixando que aqueles sonhos escapassem por entre os dedos? Seja porque não estava à altura deles, seja porque tinha desistido?

– Se eu fosse tão corajosa assim – falei, balançando a cabeça –, não estaria enrolando nesta cama pra não abrir a cortina e descobrir se a pousada está ou não coberta de neve. Se eu fosse corajosa como você diz, não estaria desejando que a convenção seja cancelada pra eu não acabar confirmando minhas suspeitas de que não faço diferença alguma.

– Você faz, sim.

Suspirei.

– Que fofo.

– Não estou sendo fofo – respondeu ele. Então segurou o meu queixo de um jeito delicado e firme ao mesmo tempo, para que eu não desviasse o olhar. – Não estou sendo fofo. Você é importante, Frankie Rossi. Sempre foi.

Minha emoção cresceu, e também a necessidade de resistir a ela.

– Turner…

– Não. Não me diga que você não é importante, porque desde aquele dia você é minha heroína, tá?

Algo se agitou no meu peito, e senti um solavanco na barriga.

Meu coração se encheu, e as lágrimas voltaram.

– Não só por escrever livros – continuou Turner. – Mas por todo o resto. Você se arrisca, não só com as palavras, mas com todo o seu ser. Você se permite ser vulnerável de todas as formas que um ser humano pode ser. – Ele cerrou os dentes por um instante. – Quando assinou o primeiro contrato e todo mundo foi até Nova York pro seu primeiro evento, eu estava com tanto medo, Frankie. Estava apavorado. Acho que fiquei horas sem dizer uma palavra. Como assim, eu ia ter que ver você se expondo pra dezenas de pessoas? E se você se magoasse? E se algum idiota dissesse alguma coisa que te ofendesse? E se você estivesse cheia de expectativas e acabasse se decepcionando? E se levasse isso pro lado pessoal? Achasse que a culpa era sua, hein? Eu não poderia fazer nada pra te proteger. E isso acabou comigo.

Quando falei, minha voz estava trêmula de emoção:

– Eu não fazia ideia de que você se sentia assim. Eu teria dito pra você parar de agir como se eu estivesse sendo enviada pra Marte, e não indo a uma festa de lançamento.

– Você disse o que precisava dizer. E esses medos de que você falou? Eu tenho desde sempre. São humanos, Frankie. Significam que você vive no planeta Terra comigo. O que importa é que você seguiu em frente mesmo assim. Com aquele livro, e todos os que vieram depois dele. Você continua fazendo isso, veio até aqui pra provar algo que acha que precisa provar. Então, sim, você *é* corajosa. Sempre foi. E pra mim você sempre, sempre vai ser importante.

Turner fazia com que fosse impossível não amá-lo.

Quero você comigo, assim, pra sempre, pensei. *Não quero estragar tudo com os meus sentimentos feridos*.

Pensei isso tão alto que fiquei com medo de que ele ouvisse.

– Senti tanta saudade sua, Turner. Tanta.

Ele me puxou para o peito, me envolvendo nos seus braços.

– Fico feliz de ouvir isso, amor. Fico muito feliz.

Será que eu era capaz de ser corajosa? Será que era capaz de ser a garotinha que era pura esperança e zero medo? A heroína de Turner?

– Vamos abrir a cortina – falei, com o rosto no pescoço dele. – Aí a gente pode reavaliar a situação. Reavaliar tudo. Juntos.

Turner se levantou de repente em um turbilhão de mãos e lençóis, de algum jeito comigo nos braços. Ele me levou até a janela e me colocou no chão.

– Vamos ficar bem – disse, e beijou a ponta do meu nariz. – Não importa o que esteja do outro lado dessa janela. Vamos dar um jeito juntos.

Eu amava ouvi-lo falando no plural assim. Fazia parecer real. Que eu ia ficar bem se estivesse com ele.

– Tá bom – respondi, assentindo.

Depois, segurei uma das cortinas grossas e a empurrei para o lado.

Neve.

Muita neve. Em toda parte. Cobrindo cada árvore e cada encosta e cada ponto turístico ao redor da pousada.

– Banho – disse Turner ao meu lado, antes que eu pudesse me dar conta de que aquilo mudava absolutamente tudo. – Vamos colocar você naquela banheira enquanto eu falo com a recepção. Você amou a banheira, lembra?

Antes mesmo que eu pudesse pensar em uma resposta, ele segurou a minha mão e me levou até o banheiro. Abriu a torneira o mais quente possível. O vapor começou a preencher o espaço, grudando na minha pele, deixando a dele brilhante. A camiseta de Turner havia ficado no chão do quarto, e ele tinha muitas tatuagens novas espalhadas pelas costas. Parecia arte. Parecia o que eu fazia nos livros, com a escrita. Deixando pedacinhos de mim em cada página daquelas histórias.

Será que eu seria capaz de continuar fazendo isso? Será que a convenção tinha sido cancelada? Será que estávamos presos lá com…?

– Vai ficar tudo bem – repetiu Turner. – E eu estou aqui. Pra enfrentar isso com você.

Fiquei sem ar. Assenti.

– Pode ligar pra recepção pra mim? Como disse que ia fazer.

– Claro – respondeu ele, depois me beijou e voltou para o quarto.

O jeito como ele me beijou melhorou tudo por um instante.

Soltei o ar pela boca e, quando me virei, vi meu reflexo no espelho.

Meus lábios estavam um pouco inchados, meu cabelo um emaranhado que era melhor eu desfazer antes de entrar embaixo da água. Olhei em volta, procurando a escova que tinha deixado no banheiro no dia anterior. Encontrei-a e voltei a me virar para o espelho, pronta para o exercício que seria desembaraçar aqueles nós.

Mas a escova caiu no chão.

Toda a calma que Turner tinha infundido em mim se estilhaçou.

Todos os músculos do meu corpo ficaram tensos, paralisados. O jeito como berrei o nome dele teria feito o grito de qualquer protagonista de filme de terror parecer insignificante.

Os braços de Turner surgiram de repente ao redor dos meus ombros e, antes mesmo que eu pudesse piscar, ele me empurrou para trás de si.

Não perguntou o que tinha acontecido.

Ele tinha visto. Estava bem ali, no espelho.

VOCÊ ME TRAIU, MINHA DOCE EDEN.

Eu não saberia dizer se, como eu, ele reconheceu aquelas palavras.

Mas no fundo isso não importava.

Alguém tinha estado ali. Enquanto estávamos dormindo.

E deixou uma mensagem no espelho.

Uma mensagem que só podia ser para mim.

Porque eu tinha escrito aquelas seis palavras em um livro.



9

Frankie

Turner se recusava a soltar a minha mão.

Desde que ele saiu *correndo* do quarto, me puxando junto, não me largou. Quando não estávamos de mãos dadas, ele colocava a mão nas minhas costas. Ou o braço ao redor da minha cintura. Ou acariciava o meu rosto com os dedos. Ou estávamos sentados com os joelhos se tocando, como naquele momento.

Era avassalador. No melhor dos sentidos.

Sharon – a recepcionista da pousada – reapareceu à nossa frente e se sentou à mesa da salinha para onde tinham nos levado para discutir o assunto delicado. Fazia uma hora que estávamos ali, e Sharon passara a primeira meia hora se desculpando.

– Peço desculpa pela espera – falou ela. – Mas hoje está tudo meio caótico. A boa notícia é que finalmente conseguimos entrar em contato com a polícia de Manchester. A má notícia é que a única estrada que nos liga à cidade precisa ser

desobstruída. Assim como todas as estradas de Manchester, então… – Ela pigarreou e abriu um sorrisinho tenso. – Eles nos aconselharam a tomar todos os cuidados até que possam, é… investigar a invasão e determinar se ela representa uma ameaça real.

– Uma ameaça real – repetiu Turner, com aquela voz calma e controlada que estava usando desde que chegamos à recepção. Desconfiei que ele estava se esforçando ao máximo para se manter naquele estado. – Como poderia não ser uma ameaça real?

Sharon ficou pálida.

– Estou apenas repassando o que a polícia disse, Sr. Rossi.

Tive vontade de corrigir Sharon, mas me contive. O fato de ela achar que éramos casados era o menor dos meus problemas.

– Obrigada – falei. Turner estava absolutamente imóvel ao meu lado. Eu sabia que isso queria dizer que a cabeça dele estava em outro lugar, o pensamento a mil. – Muito obrigada. Entendo que palavras em um espelho não exijam exatamente uma expedição de emergência enfrentando quilômetros cobertos de neve, mas juro que aquela mensagem não estava lá ontem, Sharon. Eu tomei banho. Eu teria visto.

Sharon ficou ainda mais pálida. Ela parecia perdida, e me senti péssima por ela. A pousada estava debaixo da neve, assim como toda a região. Nenhum dos funcionários podia entrar ou sair, o que devia ser uma droga para os que estavam lá. Ela precisava resolver a situação da convenção, considerando que nenhum dos participantes conseguiria chegar até lá. E nós estávamos levando até ela uma complicação ainda maior: havia um maluco perseguidor preso lá também.

Um arrepio percorreu a minha espinha, fazendo o meu corpo inteiro tremer.

De repente senti os lábios de Turner na minha têmpora.

Fiquei até assustada com a calma que isso me deu. Com quanto *ele* me

acalmava. Saber que Turner estava ali comigo me ajudou a não sucumbir ao pânico por um instante.

– Alguém invadiu o quarto – relatou ele com a voz baixa, séria, quase só para mim. E respirou fundo devagar. – É uma ameaça real. Eu não duvido disso, e ninguém deveria duvidar.

– A pousada não está duvidando de vocês, Sr. Rossi – respondeu Sharon, depressa. – Pra ser sincera, estamos horrorizados com a possibilidade de isso ter acontecido em nosso estabelecimento. Mas tudo o que podemos fazer no momento é pedir desculpas, como estamos fazendo, e tentar proporcionar uma estadia o mais confortável e segura possível. – Ela virou para o teclado à sua direita. – O que começa mudando vocês de quarto, então se puderem…

– Isso não vai ser necessário – disse Turner, interrompendo-a. – Vamos para o meu. Eu tinha reservado outro quarto pra fazer uma surpresa pra Frankie este fim de semana.

Sharon tirou as mãos do teclado e as cruzou na mesa à sua frente.

– Tudo bem. De qualquer forma, por favor, fiquem à vontade pra pedir refeições e bebidas durante a estadia, Sr. Rossi. Por nossa conta.

Durante a estadia parecia um jeito estranho de descrever a situação. Aquela parecia mais uma prisão bizarra em que eu tinha me enfiado. Nos enfiado. Eu, Turner e todos que estavam ali. Meu Deus, fui tão burra. Tão tola. Eu não tinha o poder de controlar o clima, mas como não pensei na possibilidade de arrastar um psicopata comigo até lá?

Ao meu lado, Turner soltou um grunhido. Me virei para ele, que já me olhava fixamente. Ele estava franzindo tanto o cenho, expressando uma preocupação tão profunda que senti meu estômago se revirar. Sorri para ele. Por ele. E o vinco entre as suas sobrancelhas ficou ainda mais profundo. Ele não se deixou enganar

pelo sorriso. Na verdade, aposto que conseguia ver dentro de mim. Tinha percebido como eu estava apavorada.

Ele se virou para Sharon.

– Calçados de neve – disse. – Vocês têm?

– Senhor – advertiu Sharon, tão alarmada que tinha os olhos arregalados. – Imploro que…

– Eu consigo percorrer o trajeto – insistiu ele. Então se virou para mim. – Posso carregar você.

– Sr. Rossi – insistiu Sharon com a voz aguda. Turner continuou olhando para mim, e eu para ele, enquanto Sharon falava. – Tem muita neve lá fora. Fomos aconselhados a permanecer abrigados. Eu imploro, nem pensem em fazer isso. Nevascas assim são raras, mas já tiraram vidas no passado. Eu sou daqui, sei do que estou falando. As autoridades competentes estão trabalhando para restabelecer…

Sharon continuou falando, mas suas palavras se embaralharam. Eu só conseguia olhar para Turner, que me encarava como se estivesse mesmo pensando em ir embora andando. Ele estava levando aquilo muito a sério. Eu conhecia aquela expressão no seu rosto. Eu conhecia Turner. Será que Sharon estava em pânico? Se deixássemos aquele homem amadurecer a ideia por mais um minuto que fosse, ela teria que lidar com um hóspede abrindo caminho na neve até Manchester. Comigo no ombro.

– Não – sussurrei.

Então, sem pensar, me aproximei e beijei Turner.

O roçar dos nossos lábios foi breve e completamente inadequado, mas funcionou.

– Não – repeti, agora que tinha a atenção dele. – Vamos ficar aqui. Como a

Sharon aconselhou. Vamos esperar que limpem a estrada e que a polícia venha. Depois você pode me levar embora.

Turner fechou os olhos por um instante, como se ainda estivesse um pouco atordoado. Então assentiu.

– Pra casa – sussurrou. – Vou levar você pra casa.

– Isso – respondi, embora não soubesse exatamente o que ele queria dizer com "pra casa".

– Tá. Tudo bem, posso fazer isso.

Fui tomada por uma sensação de alívio, que logo foi substituída pela culpa. Pelo medo. Se Turner – ou qualquer outra pessoa – se machucasse por minha causa, não sei se ia suportar.

– Graças a Deus! – exclamou Sharon do outro lado da mesa.

E, antes que ela pudesse falar mais alguma coisa, alguém entrou no escritório às pressas.

A mulher fez um aceno rápido de cabeça, se desculpando, e colocou a mão no ombro de Sharon. As duas murmuraram algumas palavras e pareceram chegar a uma conclusão.

– Peço desculpas mais uma vez, mas preciso resolver algumas coisas – disse Sharon, levantando. – Como devem imaginar, o pessoal do turno da manhã não conseguiu chegar, mas pedi a uma pessoa que localizasse a lista de que falei ontem à noite ao telefone. Geralmente recebemos alguns pedidos especiais quando acontecem eventos como este, principalmente convenções literárias. O presente da Sra. Rossi deve estar entre esses pedidos. Não sei como isso vai ajudar, mas talvez eu consiga um nome e um número de telefone. Mas isso é tudo o que posso fazer no momento.

– Obrigado – disse Turner, percebendo que eu não ia responder. Para falar a verdade, eu nem conseguiria. Um nome e um número de telefone? Era uma boa

notícia, mas por que eu estava sentindo que ia vomitar de tanta ansiedade? – Agradecemos muito.

Com um gesto, Sharon nos convidou a sair da sala com ela.

– É o mínimo que posso fazer. – Ela balançou a cabeça, nos acompanhando. – Agradeço se puderem manter o assunto entre nós, para não assustar os hóspedes. – A porta que separava o escritório da recepção foi aberta. A expressão de Sharon se transformou, e um sorriso largo iluminou seu rosto. – Estou trabalhando com os organizadores da convenção para divulgar a informação de que os eventos de hoje foram cancelados, mas informaremos vocês a respeito da programação de domingo ao longo do dia. E, Sr. Rossi? – Ela passou a falar entredentes. – *Por favor*, não saia da pousada. Temos uma parte coberta no pátio que foi poupada da neve, caso precisem de ar fresco, mas imploro que não se aventurem a sair da pousada. Obrigada.

Dito isso, ela se virou e desapareceu na recepção caótica.



– Quer conversar sobre o que acabou de acontecer? – perguntou Turner, me guiando enquanto passávamos por um casal de idosos e um cara que parecia pronto e equipado para se aventurar na neve.

– Na verdade, não.

– Vamos dar uma olhada no pátio – sugeriu ele, segurando minha mão e levando-a aos lábios. O beijo suave aqueceu minha pele. – Estou me sentindo meio preso. Depois, vou guardar suas coisas e fazemos a mudança pro meu quarto.

– Eu posso guardar minhas coisas – reclamei, uma reação quase automática.

Ele apertou os meus dedos de leve.

– Também pode ficar assistindo enquanto eu guardo. Até vou deixar você me dar ordens.

Tentei pensar em uma resposta. Algo inteligente ou engraçado. Não consegui. Eu podia deixar que ele guardasse minhas coisas se quisesse. Sem dar ordens. O que não era do meu feitio. Pensar em Turner mexendo nas minhas roupas íntimas devia ter me deixado em pânico. Mas deduzi que já não importava, considerando que ele tinha colocado a mão embaixo da minha calcinha naquela manhã. Deduzi que, considerando que estávamos lidando com uma crise, realmente não importava.

Uma crise do tipo possivelmente-tem-um-stalker-na-pousada.

Provavelmente.

Ou certamente.

Meu Deus. Minha vida tinha virado um dos meus livros. Minha cabeça estava uma bagunça. A convenção fora cancelada, minha carreira estava arruinada, estavam deixando mensagens intimidadoras no espelho do meu quarto, e Turner, o homem que eu amava desde sempre, também estava lá. Beijando a minha mão e os meus lábios e me proporcionando orgasmos e dizendo coisas como "você é minha heroína" ou "você é tão linda" ou "vamos dar um jeito juntos" e eu… eu estava prestes a hiperventilar com tudo aquilo acontecendo ao mesmo tempo.

Eu mal conseguia respirar e estava exausta de tanto pensar.

– Ei – disse Turner, parando no meio do caos da recepção ao nosso redor. Ele colocou as mãos no meu rosto. – Não vou deixar que nada de mal te aconteça. Ouviu? Diz que confia em mim.

– Eu confio em você.

Mais do que isso, eu *amo* você.

Ele olhou para mim como se conseguisse enxergar isso, ouvir as três palavras que estavam na ponta da minha língua.

Parte de mim quis dizê-las. Deixar que escapassem, agora que eu podia fazer isso. Fazia tanto tempo que eu as guardava. Eu estava exausta. Mas não fiz isso.

Apesar de tudo, meu coração estava machucado e cansado. Eu não sabia se amar Turner seria suficiente. Não sabia se seria capaz de superar tudo o que tinha acontecido antes daquele fim de semana.

Eu me senti egoísta só de estar pensando no meu coração e me esquecendo do quadro geral. Era quase ridículo.

Mas a alternativa parecia tão perigosa quanto o rumo que aquela situação tinha tomado depois da mensagem no espelho.

Estava mais do que claro que Turner queria ficar comigo. Naquele momento. E eu queria ficar com ele. Sempre quis. Mas, quando saíssemos da nossa bolha romântica/pesadelo dramático, será que eu ia sobreviver à pergunta que queria fazer?

Por que agora, Turner?

Eu sempre estive bem ali. Ele nunca me enxergou. Eu deveria estar feliz por ele finalmente me enxergar, como me senti quando ele me beijou.

Mas não conseguia.

Não conseguia parar de pensar que nunca fui o mais importante para ele.

E não sabia como consertar isso.



– Quer ir conversar com eles?

Me virei para Turner, pega de surpresa com a pergunta.

– Com quem?

– Com aqueles escritores ali – respondeu ele, apontando discretamente com a cabeça. – Que você cumprimentou mais cedo. Você está olhando pra mesa deles, atrás de mim, desde que a gente sentou.

Eu nem tinha percebido que estava esquadrinhando o pátio onde

respirávamos aquele ar fresco tão necessário. A área tinha sido poupada pela neve graças à estrutura coberta de ferro.

Eu não conseguia me livrar da sensação de que alguém estava observando. Me observando. Nos observando. Observando todo mundo, na verdade, embora houvesse apenas poucos grupos dispersos ali fora. Um casal aconchegado numa espreguiçadeira, com drinques e um cobertor. Dois dos organizadores da convenção sentados ao lado de um dos aquecedores externos que os funcionários da pousada tinham ligado para nós. Um homem com um casaco laranja sentado sozinho, lendo um livro de não ficção. E a mesa atrás de Turner.

– A gente já se encontrou em algumas convenções – me ouvi dizer, baixinho, só para ele. – Nos seguimos nas redes sociais. Trocamos comentários e curtidas, algumas mensagens de vez em quando, mas não somos *amigos*-amigos.

Ele olhou para a mesa com o cenho franzido.

– Então quer dizer que não gosta deles?

– Ah, não, eles são ótimos – esclareci. – De verdade. Mas eles são amigos na vida real. Tipo, amigos de verdade. Saem juntos e têm um relacionamento para além das redes sociais e dos livros. Eu não tenho esse tipo de relação com eles. Meio que tentei me enturmar uma vez, mas… – Hesitei. Uma pontada familiar de constrangimento deixou a minha voz trêmula. – Tudo bem. Eu gosto deles, e eles gostam de mim. São simpáticos, maravilhosos.

– Se eles fossem tão maravilhosos assim, teriam te convidado pra sentar com eles. Ou teriam vindo até aqui e te cumprimentado pelo menos. Vocês estão todos presos aqui e não tem convenção nenhuma.

– Mas eu estou com você. Não estou sozinha.

– E se estivesse? Você acabou de dizer que tentou se enturmar uma vez. Não gostei do tom da sua voz.

Deixei escapar uma bufada.

– Somos adultos. Eles não precisam fazer de tudo pra me deixar à vontade. A gente não está na escola. Está tudo bem.

Turner não parecia convencido.

– Quem faz parte do seu grupo de amigos de escritores, então? Nunca te perguntei isso e gostaria de saber. Ler os livros deles também. Como forma de apoio.

Isso era tão gentil. Tão Turner.

– Não tenho um grupo – falei, desejando que a resposta fosse outra. Me obriguei a sorrir. – Encontro algumas pessoas aqui e ali, mas sou mais reservada. E tudo bem. Eu gosto assim. Mas posso fazer algumas recomendações. Conheço autores que você ia amar.

– E, se você tivesse um grupo – insistiu ele, mantendo o foco no assunto –, faria alguma coisa para que a pessoa que não para de olhar pra sua mesa se sentisse incluída?

Pressionei os lábios um contra o outro.

– Não sei dizer.

– Eu sei. Já vi você fazer isso. Muitas vezes. Passou um semestre inteiro convidando aquele garoto da Alemanha pra sentar com a gente. Vocês dois eram os únicos alunos do primeiro ano que sentavam com gente do último. E você até traduzia as merdas que o seu irmão dizia, o que não era nada fácil. – Ele fez uma pausa. – Também trouxe a Mia pro grupo quando ela se mudou pra cidade. Então, arrisco dizer que sim. Você faria alguma coisa.

– Talvez – resmunguei, afastando o incômodo que eu ainda sentia com menções a Mia. – Coitado do Fritz. Sempre me perguntei por que ele parou de andar com a gente.

– Ele se sentiu intimidado.

– Você acha?

– Tenho certeza. Fui bem babaca com ele.

– Não foi, não. Você nunca foi babaca.

– Com ele eu fui.

Arqueei as sobrancelhas.

– Por que você seria um babaca com o Fritz?

– Porque ele estava a fim de você. E eu não gostei disso. Ele era alemão.

– Você não gosta de alemães? – perguntei, deixando escapar uma risada irônica. – Desde quando? Você faz um pretzel incrível.

– Tá bom – disse ele, inclinando a cabeça para o lado. – Eu gosto de alemães. Só não gostava dele. Ele queria ficar com você. E sempre deixou isso bem claro. Mesmo que eu e o Ric estivéssemos bem ali.

Revirei os olhos.

– Se eu dissesse que lembro disso, estaria mentindo.

Turner olhou para a mesa atrás dele e ficou assim por um tempinho antes de voltar a olhar para mim. Como se tivesse decidido não engolir minha explicação. Parecia enxergar através da minha mentira e concluir que, sim, eu tinha tentado ser amiga deles – e fracassado. Que eles tinham o grupinho deles, do qual eu não fazia parte, e que para eles tudo bem porque quem precisa de mais amigos? Que fazer amizade na idade adulta é uma droga, mas ter amigos de profissão quando a gente é uma escritora que existe basicamente nas redes sociais é pior ainda. Que havia panelinhas, em todas as carreiras, em todos os gêneros literários, em todos os lugares, e por algum motivo eu não me encaixava em nenhuma delas. Até a minha editora teve dificuldade de me encaixar em um gênero. Apimentado demais para um thriller. Apimentado de menos para um suspense romântico. Sangrento demais para um thriller. Sangrento de menos para um terror. Adulto

demais para o mercado de jovens leitores. Juvenil demais para o de leitores adultos.

– Eu queria que eles vissem o que eu vejo quando olho pra você – disse Turner, de repente.

– O que você vê?

– Uma pessoa engraçada, inteligente e extremamente leal. Alguém com quem a gente quer passar o resto da vida.

– Turner – sussurrei. – Você não pode dizer esse tipo de coisa.

– Porque faz você se arrepender de ter ido embora de Portland?

– Porque me faz querer ir pra casa. Mas ainda é minha casa depois de tanta coisa ter mudado?

– É, sim – respondeu ele, sentando na beirada da cadeira. – Pode ser.

Fechei os olhos, balancei a cabeça e abri um sorriso frágil.

– Você é muito…

– Direto? É. Você sempre soube disso. Amava isso em mim.

– E continuo amando – falei, com um suspiro, a resistência em admitir meus sentimentos começando a ruir à menor pressão. – É uma das coisas que eu mais amo em você.

Isso só pareceu encorajá-lo ainda mais.

– Eu tenho seus livros. No meu quarto.

– Você não disse que prefere audiolivros?

– Prefiro, mas gosto de ver o seu nome na capa. Assim tenho um pedacinho de você na minha casa. Comigo.

Ele ia acabar me matando. E agora eu não conseguia parar de pensar nos meus livros decorando as prateleiras da casa dele. Prateleiras da sala ou do

quarto? Onde? No apartamento que ele alugou com Mia ou em outro lugar? Senti a garganta seca. Ainda tínhamos tanta coisa para conversar.

– Quer que eu autografe? – perguntei, me agarrando ao aspecto mais seguro daquele assunto.

– Eu adoraria – admitiu ele, ainda sério. Determinado. – Mas não foi por isso que vim pra cá. Pra Vermont. Pra convenção.

Meu coração disparou mais uma vez. Como sempre acontecia quando falávamos de nós dois. Continuei em silêncio.

– Eu preparei todo um discurso, sabia? – continuou ele, sem que eu perguntasse nada. – Decorei cada palavra.

– O que dizia?

Ele empurrou a cadeira para trás, veio até mim e se apoiou nos braços da minha. Então se inclinou, chegando tão perto que precisei afastar a cabeça para poder olhar para ele.

– Que eu queria beijar você. Que odiei te perder. Que você é linda. Que quero que autografe os meus livros. Que senti saudade. E quero você de volta.

Isso era tudo o que eu sempre quis ouvir. Tirando um detalhezinho quase imperceptível, mas que fazia toda a diferença.

– Eu nunca fui sua – falei. – Não pode ter de volta uma coisa que nunca foi sua. Não pode nem perder essa coisa, pra início de conversa.

– É o maior arrependimento da minha vida.

Senti meu corpo paralisar. Eu só conseguia olhar pra ele, seu corpo ocupando cada centímetro ao meu redor.

– Turner – murmurei. – Não brinca assim, por favor.

– Nunca brinco com o que é importante.

Você é importante. Sempre foi. Ele tinha dito isso.

– As palavras têm significado pra mim – dei um jeito de dizer. Ele se inclinou ainda mais, me prendendo na cadeira. Eu queria puxá-lo para mais perto e ao mesmo tempo impedi-lo de se aproximar. – E essas que você acabou de dizer têm um significado enorme. *Importante*.

Ele percorreu os últimos centímetros, tocou seus lábios nos meus, depois beijou meu queixo, minha orelha.

– Eu sei.

Mas ele não sabia. Sabia?

Dei risada. Uma risada estranha. Entrecortada.

Minhas mãos agarraram o tricô que cobria o peito dele. Como na noite anterior. Mas ao mesmo tempo diferente. Ele voltou a olhar nos meus olhos.

Turner me olhou como se estivesse esperando que eu me estilhaçasse para poder juntar os pedaços.

Puxei aquele suéter, implorando a ele que não me pressionasse. Se ele me obrigasse a me abrir daquele jeito, todas as palavras seriam despejadas. Eu inundaria aquele lugar, bagunçaria tudo. Parecia impossível não alertá-lo.

– Não sei se posso fazer isso – sussurrei. – Não sei se posso ser algo que você se arrepende de não ter tido só porque teve uma revelação. Eu… eu não sei se posso ficar em segundo lugar na sua vida.

– Não desista de mim, Frankie – respondeu ele, com a voz suave. Um apelo doce. Gentil. Mas inabalável. Como ele. – Me mata saber que eu sempre erro o timing. Mas você precisa me deixar consertar isso. Deixar eu te mostrar. Te recompensar por tudo. Prometo que vou fazer isso. Amor, por favor.

Um choramingo escapou dos meus lábios sem que eu pudesse contê-lo.

Turner respondeu com um beijo nos meus lábios. E, quando aquele som dolorido subiu pela minha garganta mais uma vez, ele abriu a minha boca e me

beijou com mais vontade. Primeiro para provar o que estava dizendo, reafirmar suas palavras, tenho certeza; mas logo transformando aquele beijo em promessa. Oração. Prelúdio.

– Eu vou te mostrar – disse ele quando se afastou. – Não importa como. Eu vim aqui pra te reconquistar e vou fazer isso, está me ouvindo?

Eu estava atordoada.

Desorientada por causa daquele beijo.

Zonza com as palavras de Turner.

Abri a boca, e juro por Deus que foi para fazer uma pergunta – *Como?* –, mas meu celular vibrou.

Nós dois olhamos para o meu colo, onde o aparelho estava.

A notificação era uma solicitação do AirDrop.

– Frankie – disse ele.

Um alerta.

Mas eu já estava clicando em aceitar.

A imagem preencheu minha tela.

Nós dois, eu sentada e Turner exatamente onde ele estava. Na minha frente. Na cadeira do pátio. E uma legenda em letras vermelhas em negrito:

"Com quem será que o Elliott vai casar? Vai depender se a Eden vai querer."

Turner endireitou a coluna e soltou um palavrão, me fazendo levantar com ele. Olhando em volta enquanto eu arquejava.

– Está tudo bem – disse ele, me abraçando. – É só uma foto.

Assenti, embora pressentisse que ele sabia que não era só uma foto. Era uma foto de nós dois, de segundos antes, enviada por AirDrop para o meu celular.

Meu stalker estava nos observando. E fez questão de que soubéssemos disso.

Alguém pigarreou ao nosso lado.

Nós dois estremecemos.

– Desculpem interromper – disse um homem, parecendo tão surpreso quanto nós dois. Era um funcionário do hotel que ainda não tínhamos visto. – Finalmente conseguimos a informação que pediu, Sra. Rossi.

Ele nos entregou um envelope.

– Obrigado – murmurou Turner, pegando o envelope.

Esperei que Turner dissesse alguma coisa sobre a foto, mas não disse.

Eu também não. O que a gerente da pousada poderia fazer? Sharon já tinha deixado a situação bem clara. A polícia não tinha como ir até lá e, considerando que eu nunca havia registrado um boletim de ocorrência, devia estar achando que era uma pegadinha ou coisa da imaginação fértil de uma escritora.

Ficamos vendo o homem se afastar como quem pede desculpas, alheio ao que tinha acabado de interromper e, quando ele desapareceu pela porta que levava ao pátio, ficamos um tempinho imóveis, sem dizer uma palavra. Turner continuou me abraçando, e eu continuei deixando. Eu sabia que ele ainda estava observando o local, procurando o stalker. Também sabia que estava adiando o inevitável: a abertura daquele envelope ia me oferecer mais uma peça do quebra-cabeça que eu nunca quis montar.

– Turner? – chamei, implorando para que ele voltasse a atenção para mim.

Seus olhos saltaram para o meu rosto, depois para o envelope. Ele esperou que eu dissesse o que precisava dele. Percebi que aquilo o tinha abalado tanto quanto a mim.

– Me leva pro seu quarto. Não quero abrir isto aqui fora.



10

Frankie

Quando tive a ideia de escrever *Lobos da noite*, eu queria me desafiar.

Escritores às vezes fazem isso em algum momento da carreira. Mas nem sempre. E definitivamente não todos os escritores.

Alguns preferem começar com algo confortável. Terminar um manuscrito já é bem difícil, e a pressão da estreia dificulta ainda mais. Se, por acaso, você consegue passar por esse obstáculo, o que vem pela frente é um campo minado de desafios.

Infelizmente, comecei ambiciosa. E digo infelizmente porque fiquei quase maluca com aquele primeiro manuscrito e a dúzia de versões que vieram na sequência. Cheguei tão perto de desistir tantas vezes que me perguntava como tinha chegado até ali, com uma série de seis livros concluída, independentemente do desempenho de vendas dos últimos volumes.

A parte da ambição veio do fato de que eu queria testar meus limites. Romper

as fronteiras. Dos gêneros literários, da moralidade, do assassinato e, sim, também do amor. Por isso coloquei meus personagens em um triângulo. Um triângulo nos faz questionar de que lado estamos. Se bem-feito, nos joga de um para o outro sem que percebamos. Nos faz amar e odiar aqueles personagens tanto por concordar quanto por discordar da maneira como agem. Até eu, que estava orquestrando a história, sentia que às vezes mudava de lado.

O mocinho. O bandido. O herói. O vilão. Será que ela devia mesmo escolher um deles, ou era melhor ficar sozinha?

É quase engraçado pensar em quantas regras não ditas existem no mundo da escrita. O vilão deve conquistar a garota. Mas o herói também deve, porque é ele quem levamos para conhecer nossos pais no mundo real. Vilões que a gente ama só existem no papel. Mas, ah, como é sexy escapar para um mundo onde alguém é capaz de quebrar as regras só para você.

Eu só bati o martelo sobre o desfecho da história depois de escrever várias versões de *Mel negro*.

Dei a protagonista a Elliott. Enzo era um assassino. A crítica achou previsível, chato. Algumas noites acho que foi aí que tudo desandou para mim. Não se brinca com as expectativas dos leitores. Elas são feras indomáveis. Imprevisíveis. Impiedosas. As coisas já tinham começado a desandar alguns livros antes. Mas talvez eu não fosse tão esperta quanto imaginava. Talvez meus leitores já esperassem aquela conclusão sem graça. Talvez a Frankie que foi elogiada por vários editores no início da carreira tivesse perdido aquela ousadia toda. Talvez ela nunca tenha sido ousada.

Na primeira versão de *Mel negro*, Eden ficava com Enzo. Ela não o salvava. Ela o amava exatamente por sua escuridão, não apesar dela.

Como Eden, eu sempre tive uma quedinha por ele. Pelas rachaduras que o

constituíam. É quase impossível passar seis livros construindo um vilão e não aprender a amá-lo. Por isso me desafiei e tirei Eden dele.

Tirei Enzo de *mim*. Porque nunca fiquei com o cara que eu queria.

Uma mão acariciou levemente o meu ombro, aliviando um pouco daquele peso que crescia no meu estômago.

– Como está sua cabeça?

– Girando como a rodinha de um hamster que tomou esteroides.

Turner colocou a mão no meu pescoço, e fechei os olhos, trêmula.

– Ele já tinha assinado como Enzo antes?

Olhei para a lista impressa em minhas mãos. Todos os nomes estavam riscados, exceto um.

Enzo Romano.

Ao lado, um número de telefone. O meu.

Deixei escapar um suspiro. Era tudo tão confuso que eu estava com dor de cabeça.

– Não. Ele nunca fez isso. Isso tudo é novidade. Eu não menti quando disse que achava que era inofensivo. Ele nunca mandou imagens para o meu celular ou usou o nome dos meus personagens pra brincar assim comigo.

Era essa a sensação.

Que estávamos em um jogo cujas regras eu não conhecia.

Eu só sabia quais eram os papéis que ele tinha atribuído a cada um de nós. A mim, a Turner e a si mesmo.

Aquele homem não estava mais se escondendo atrás de presentes e cartas. Ele estava ali perto, em Vermont, e eu tinha incentivado aquilo. Eu era um monstro, exatamente como Enzo.

– Tem uma coisa que não te contei – falei, soltando um suspiro.

Turner ergueu levemente as sobrancelhas. Estávamos sentados no sofá do quarto dele, que era bem maior que o meu, depois de termos juntado todas as minhas coisas e levado para lá.

– Isso tudo é minha culpa – falei. – Eu deveria saber que ele era perigoso. Que isso podia acontecer. Não sei como não pensei nisso. Como pude achar que estava tudo bem e…?

As mãos firmes e gentis dele seguraram as minhas.

– Não é sua culpa – disse Turner. – Agora comece. Do começo. Me conte tudo.

Soltei o ar pela boca, sentindo a tensão aumentar.

– Ele me escreveu cartas. Longas. Muitas.

Turner ficou imóvel, mas então os seus polegares acariciaram os meus punhos, me incentivando. Massageando a minha pele de um lado para o outro. Me consolando.

– O que as cartas diziam?

– Muita coisa – respondi. – Não eram cartas de amor ou coisa do tipo. Pareciam mesmo cartas de um fã. Algumas um pouco confusas, neuróticas. Pensando agora, percebo que… que eu deveria ter ficado mais preocupada do que fiquei. Mas… – Balancei a cabeça. – Não sei como contar sem parecer uma pessoa horrível. Doente. Perturbada.

– Você não é doente, perturbada nem horrível.

Soltei uma risadinha.

– Passei anos aterrorizando esses personagens, Turner. Escrevendo cenas de assassinatos com detalhes extremamente gráficos. Brincando com a moralidade e tentando deixar tudo isso sensual.

– Você não é as coisas que escreveu. Não é só a parte feia, sangrenta, perturbada. Você também é a parte bela. E tem beleza no horror. Tem esperança.

– Você é… – deixei a voz morrer.

Meu Deus. Onde você esteve nesse ano que passou, Turner? Por que não estava comigo, para me lembrar dessas coisas? Por que não me amou? Engoli em seco. Então confessei algo que nunca tinha dito em voz alta:

– Eu sei que pareço uma criança mimada dizendo isso, mas eu tenho me sentido decepcionada com o mundo. Abandonada. Não só solitária, mas… invisível.

– Ah, Frankie…

– Parte da responsabilidade é minha – continuei, porque precisava dizer aquilo. Precisava finalmente tirar essas palavras de dentro de mim. – E já me culpei muito por isso. Escrever é um trabalho bem solitário, e eu entendo. Sempre soube disso. Mas pelo menos eu tinha… meus leitores. Meus personagens. Minha equipe. Eu mesma. É bobagem, mas parecia que, se eu tivesse todas essas coisas, então não seria tão ruim assim.

Ele assentiu e, desta vez, me deixou simplesmente continuar.

– Por isso achei que ficaria tudo bem se eu fosse pra Boston. Mas nos últimos meses, desde o lançamento de *Mel negro*, o que começou com um medo bobo virou a confirmação de que eu não tinha mais nada disso. De que todos deram as costas pra mim porque eu não tinha mais valor. Não valia mais a pena…

O rosto de Turner se contorceu de preocupação, mas as carícias não pararam.

– Eu nem sei se sou capaz de escrever mais livros – admiti, soltando o ar, trêmula. – Parece que não faz mais sentido. Nem a editora acredita mais em mim.

Ele pareceu chocado.

– Não estão interessados em mais livros meus – continuei, antes que ele dissesse alguma coisa. Eu não ia conseguir ouvir as coisas boas que sabia que ele ia dizer a meu respeito. Ainda não. Não antes que ele soubesse a história toda. – Você precisava ter visto como reagiram às ideias que eu apresentei. Uma reação morna, no máximo. Parecia até que eles estavam me fazendo um favor de deixar que eu continuasse publicando com eles. – Fechei os olhos por um instante, relembrando o que senti quando a minha agente me ligou com a proposta deles. Irrisória. Como se eu fosse um fracasso. – Não sou orgulhosa, a questão aqui não é meu ego. Mas, meu Deus, o mundo estava gritando que eu não era boa o bastante. Que ninguém me queria. A recepção de um livro ou o modo como a indústria funciona não precisam definir quem eu sou como escritora, mas…

– Mas é impossível não deixar que definam – ele concluiu por mim.

– Isso. Não estou culpando a editora. Não estou culpando ninguém. Mas tive a sensação de estar desaparecendo. Ficando invisível. – Minha voz falhou, e levei a mão ao peito. – Sem importância.

– Frankie, meu amor… – Turner tentou falar mais uma vez.

Eu o impedi, balançando a cabeça.

– Isso não justifica o que vou te contar, mas espero que seja mais fácil compreender. Eu comecei a receber as cartas de braços abertos. Passei a esperar que chegassem, Turner. Era bom sentir que eu era importante pra alguém, quando parecia que ninguém acreditava em mim. Quando eu não acreditava mais em mim mesma. Esse cara colocou fogo em um barracão e tudo o que eu conseguia pensar era: *Espero que não o peguem. Espero que a próxima carta chegue logo para que eu saiba que ele continua por aí, pensando em mim*. E é por isso… – Minhas cordas vocais se fecharam por um instante, e tive que respirar fundo para continuar. – É por isso que acho que tem algo errado comigo. É por isso que estou abalada. É por isso que guardei uma das cartas dele no porta-luvas,

caso precisasse dela. E é por isso que ele me seguiu até aqui e está deixando mensagens em espelhos e brincando com a gente. Porque eu incentivei.

Turner me olhou como se eu tivesse lhe dado um soco na cara.

O pavor subiu pelo meu estômago, deixando um sabor amargo na língua.

– A culpa é minha – falei. – E sinto muito por ter te envolvido nessa bagunça. Espero que não me ache uma pessoa horrível e burra porque eu *sinto muito* por…

– Para de pedir desculpa. Por favor. Só… para um segundo.

Engoli em seco, respirando com dificuldade, o coração acelerado. Esperei que Turner falasse. Que processasse tudo o que eu tinha contado.

– Nada disso é culpa sua – disse ele, finalmente. – Nada. E eu… Meu Deus. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo com você. Me sinto tão impotente. Tão furioso também. Acho que preciso de um minuto.

– Claro – resmunguei, tomada pelo pânico. – O tempo que precisar. Eu entendo.

– Não, não entende. Não tem como você entender porque eu não consigo dizer o que quero dizer. Não consigo encontrar um jeito de fazer você entender…

Ele balançou a cabeça.

Meu celular vibrou no aparador na entrada do quarto antes que Turner pudesse continuar.

Nós dois paralisamos.

Então vibrou mais uma vez. E mais uma, e mais uma.

Levantamos e fomos até o aparelho ao mesmo tempo. Desbloqueei a tela, com Turner atrás de mim, alerta, virando a cabeça de um lado para o outro sem parar. Ele já tinha verificado o quarto inteiro, duas vezes. Tinha até colocado

uma cadeira para segurar a porta. Era só um celular. O cara não podia fazer nada contra nós pelo celular.

– É a minha agente – falei, e meus ombros relaxaram de alívio. Olhei para Turner. – Só quer saber como eu estou.

Turner não parecia tão aliviado quanto eu.

– Quer ligar para ela? Posso ir pro solário pra te dar um pouco de privacidade.

– Solário?

– Acho que é uma espécie de terraço – respondeu ele, dando de ombros. – Não tem como alguém pular ali de nenhum quarto vizinho. Já verifiquei, juro.

– Eu acredito em você. Não foi por isso que perguntei. Eu… Eu não preciso que me dê privacidade. Ela só quer saber como eu estou com o cancelamento. Eu já deveria ter mandado mensagem pra ela. Vou responder. Só um segundo.

Ele coçou o pescoço, me distraindo – como sempre – com aquela tatuagem no dorso da mão.

– Vou esperar lá assim mesmo. Vou me certificar pela terceira vez de que não tem ninguém escondido embaixo da jacuzzi ou em algum outro lugar. Preciso me sentir útil.

Arregalei os olhos, mas ele já estava saindo.

– Que jacuzzi?

– Estamos na suíte nupcial – disse ele por sobre o ombro, parecendo quase irritado. – Achei que tivesse comentado quando subimos.



Quando me juntei a Turner no solário, ele estava cobrindo a jacuzzi.

O espaço não era grande, apenas o suficiente para acomodar duas cadeiras e uma pequena plataforma, onde a jacuzzi tinha sido instalada. Era protegido por

uma estrutura de vidro em curva que dava a impressão de estarmos em uma estufa.

Uma estufa que tinha sobrevivido a uma nevasca e estava quase caindo sob uma tonelada de neve.

Abracei minha própria cintura.

– Então… suíte nupcial?

Ele se endireitou e se virou para mim, limpando as mãos na calça.

– Era o único quarto disponível.

Franzi o cenho, mas ele foi mais rápido que eu.

– Acha estranho ficar em uma suíte nupcial comigo? Porque a Mia e eu quase nos casamos?

Senti o rosto pegando fogo. A sensação era a de que ele só estava perguntando isso porque eu disse que não sabia se suportaria estar em segundo lugar na vida dele.

– Não sei o que dizer.

– Que tal a verdade?

– Eu…

– Eu começo, então – disse ele, deixando as mãos caírem ao lado do corpo. – Quando fiz o check-in e vi isto aqui, pensei em você. Pensei em você aqui dentro. Pensei na gente, com aqueles drinques, e eu trazendo você pra cá. Não tinha nevasca, nem psicopata, nem você me dizendo que tem se sentido tão sozinha que a minha vontade é quebrar esse vidro com um soco.

O calor do meu rosto foi se espalhando.

– Eu teria amado – admiti. – Não a coisa do soco no vidro, porque essa neve toda ia cair em cima da gente. Mas o resto.

Ele deu um sorriso rápido.

– Agora não tem mais chance, né? Esta situação não é nada normal, e estou me sentindo um bruto pressionando você com os meus sentimentos. Principalmente porque sou parte do problema. Você merece coisas que não posso te dar, Frankie. Como reescrever o passado. Palavras não bastam pra fazer isso, mas são só o que me resta agora.

– Você não está me pressionando – corrigi, dando um passo à frente. – Não é parte do problema.

Turner assentiu. Mas percebi que não acreditou. Pela primeira vez naquele fim de semana ele parecia… derrotado. De coração partido.

E isso também fez o meu se partir. Eu me sentia responsável. Nós dois estávamos andando em círculos, evitando os sentimentos um do outro. Ele, cauteloso demais, e eu, complicando tudo, presa ao passado. Ou jogando coisas pesadas em cima dele. Eu não podia mudar o que ainda sentia por ele ou aquela bagunça em que tínhamos nos metido, mas, meu Deus, eu estava exausta de tanto pensar. E me sentia arrasada de ver aquela expressão no rosto dele. Queria fazê-la desaparecer.

Queria deixar que ele me mostrasse, como tinha dito. Chegar o mais próximo possível da cena que ele descrevera um minuto antes.

Talvez não pudéssemos ser a Frankie e o Turner com que sempre sonhei. Mas podíamos ser a Frankie e o Turner que ele tinha imaginado. A Frankie e o Turner que podiam pedir um drinque, flertar, ir para o quarto dele e talvez se beijar; sem bagagem, sem stalker, sem confissões ou aquela solidão arrepiante. A Frankie e o Turner que podiam conversar e brincar como se nada os tivesse separado.

Nem eles mesmos.

– Acha que a jacuzzi funciona? – perguntei.

Ele arqueou as sobrancelhas, confuso.

– Está um frio de rachar aqui fora – falei. – Eu adoraria continuar essa

conversa na jacuzzi. Sei que deve ser burrice, eu mesma já planejei mortes mais bestas para os meus personagens, mas…

– Frankie – disse Turner. – Não brinca com isso, pelo amor de Deus.

– Ah, supera, Risinho. Se eu quiser, eu brinco.

Ele semicerrou os olhos.

– O que você está fazendo?

– Voltando à normalidade. Mas de um jeito novo. A gente merece. Mas usar seu apelido de infância talvez seja golpe baixo. – Pigarreei. Olhei bem nos olhos dele. – Turner Reece, quero ficar nua com você. Pode, por favor, ver se a jacuzzi funciona antes que eu tire a roupa?

Não sei exatamente o que naquele discurso "só se vive uma vez" fez Turner virar e subir na plataforma de madeira de repente. Mas alguma coisa fez. Ele se aproximou da parede e apertou um botão.

Um zumbido elétrico ganhou vida.

Ele se virou para mim com o esboço de um sorrisinho irônico.

Mais a cara dele.

Sem pensar demais, tirei o casaco e o larguei em uma cadeira por ali. Estava mesmo muito frio. E eu não estava com uma camiseta embaixo, só de sutiã. A preocupação com mais camadas de roupa não foi prioridade quando saímos correndo do meu quarto depois do incidente do espelho.

Turner não reclamou. Não disse nada, na verdade.

Ficou me encarando, com os lábios entreabertos, saltando os olhos do meu rosto para o meu peito.

Gostei disso. Gostei muito.

Também tive um déjà-vu avassalador. Como se aquilo já tivesse acontecido.

Como se já tivéssemos estado ali, eu tirando a roupa e flagrando Turner completamente impactado por isso.

– Risinho? – falei, sem pensar.

O déjà-vu me deixou boba.

Aqueles olhos castanhos voltaram para os meus de repente. Ele tinha saído do transe.

– Que tal me chamar de Turner? Até a gente decidir por algo menos adolescente e mais sexy?

Quase caí na plataforma de madeira, de tanto tesão que senti. Seria um efeito colateral da situação de perigo? Da nudez quase pública e da possibilidade de sexo? O frio nos deixando imprudentes demais?

– A cobertura – falei. Sem me dar ao trabalho de esperar a resposta. Abri o zíper, tirei as botas e fui abaixando a calça. Já de calcinha, percebi que Turner nem tinha se mexido. – Turner…

De repente ele pulou pra cima de mim, me pegando nos braços.

Soltei um gritinho que morreu assim que ele avançou dentro daquela estufa embaçada e me pôs no chão.

– Precisava mesmo disso? – perguntei, exasperada.

Ele estava sorrindo.

– Vi uma oportunidade e aproveitei.

– Eu sou uma oportunidade?

– A maior de todas.

Meu coração deu um salto e disparou. Fiquei na ponta dos pés e beijei seu queixo.

– A jacuzzi ainda está coberta – sussurrei.

– Certo – respondeu ele, com um sorrisinho tímido. O Turner tímido era ainda mais atraente. O que queria dizer muita coisa. Ele virou, tirou a cobertura e voltou a olhar para mim. – Agora a jacuzzi está pronta, princesa.

Torci o nariz.

– Vamos ficar com "amor". Acho melhor. "Frankie, meu amor", se possível.

Antes que ele pudesse responder, fui até a borda da jacuzzi, tirei o sutiã e entrei na água quente e borbulhante sem desviar o olhar.

– Isso é uma tatuagem? Na sua pele? – perguntou ele.

Era. Bem no meio dos meus seios. Tão pequena que fiquei surpresa por ele ter visto. Tão pequena que tinha passado despercebida até aquele momento.

– Talvez. Só tem um jeito de descobrir.

Aquele sorrisinho se alargou.

Lindo. Presunçoso. Perigoso.

Aquilo não era nada normal. Ou talvez fosse a melhor forma de estabelecer regras novas para o que era normal naquele momento.

Ele levou as mãos à barra do suéter de lã e o tirou em um movimento rápido. Uma vasta extensão de pele tatuada se revelou para o deleite dos meus olhos. Não eram só as tatuagens. Eram os ombros largos, o peitoral salpicado de pelos, aquele rastro tentador que traçava uma linha até o zíper da calça. Turner Reece sempre foi belo, mas vê-lo assim, se despindo para mim, era de tirar o fôlego.

– Eu não deveria estar incentivando isso – disse ele, com a voz rouca, como se estivesse pensando em voz alta. – Não é seguro. É burrice. Mas talvez eu morra se não entrar nessa jacuzzi com você.

Meus olhos saltaram para os dele, onde encontraram duas piscinas cor de chocolate vidradas em mim. Abri a boca para responder, mas as mãos dele me distraíram.

Dedos determinados abriram o botão da calça, e, quando aquela mariposa deslumbrante bateu as asas e abaixou o zíper, senti meu corpo dez vezes mais quente.

Turner estava duro. Duro e grande, o contorno visível se projetando na cueca.

Engoli em seco, ansiosa. Ele deve ter visto, porque foi logo tirando as botas e levando a mão ao volume na cueca. O desejo invadiu o meu corpo. A calça foi descendo por aquelas pernas fortes que sempre foram o meu ponto fraco, e percebi que não tinha nenhuma tatuagem nelas. *Por quê?*, quis perguntar. *Me conte todos os seus segredos.*

E então ele tirou a cueca.

Turner Reece, o homem que eu amava com tudo de mim, estava completamente nu. Ali, em pé, imponente, tatuado e, sim, incrivelmente excitado, bem na minha frente.

– Eu amo esse novo normal – sussurrei, com a sensação de que ia me desintegrar naquela jacuzzi se não colocasse logo as mãos nele.

– E eu te amo – respondeu Turner. – Amo qualquer normal em que você esteja incluída. Sempre amei.

O choque congelou tudo ao meu redor.

Eu te amo.

Sempre amei.

Turner entrou na jacuzzi com um movimento rápido, sem desviar os olhos dos meus.

– É isso mesmo que você ouviu, amor. Sou apaixonado por você.



11

Turner

Frankie olhou para mim como se finalmente estivesse entendendo.

Quer dizer, eu tinha praticamente desenhado.

Não menti quando disse que estava me sentindo preso. Eu estava mesmo. Aquela situação toda estava me deixando agitado. E a confissão que ela fez quando estávamos no quarto não ajudou a me acalmar.

Aquele homem tinha passado meses se aproveitando da solidão que Frankie sentia. Explorando sua vulnerabilidade, a ponto de ela se sentir responsável por tê-lo atraído até a pousada. Era um milagre eu não ter socado nenhuma parede, ainda que isso pudesse me fazer quebrar alguns ossos e eu tivesse que fechar a padaria. Agressão física nunca foi a minha praia. Ric passou anos – *anos* – implorando para que eu entrasse no time de hóquei, e eu sempre disse não. Nunca gostei da ideia de usar o meu tamanho contra alguém, mesmo que fosse

em um esporte, e preferia maneiras mais introspectivas de passar o tempo. Até aquele momento.

Porque naquele momento minha vontade era quebrar cada pedacinho daquele cara. Por diversão.

Frankie errou, como todo mundo erra. Ela se isolou, em vez de ir atrás de mim – ou de um dos irmãos – e pedir ajuda. Pedir apoio. Pedir companhia. Mas ela já estava se afastando de todo mundo antes mesmo de ir embora para Boston. E não havia nenhum stalker naquela época.

Eu também tinha minha parcela de culpa por aquela solidão.

Quando Frankie disse que tinha a sensação de que ninguém a apoiava, de que o mundo tinha virado as costas para ela, eu me senti impotente.

No dia em que ela anunciou a mudança, percebi que algo estava errado. E também descobri algo de errado comigo. É difícil explicar, mesmo agora. Talvez especialmente agora.

O timing era péssimo, mas a necessidade de consertar as coisas tinha dobrado quando ela disse que acreditava estar em segundo lugar para mim.

– Você se lembra do Archer? – perguntei.

Frankie ainda estava um pouco agitada. Eu queria beijá-la, mas, se fizesse isso, ali naquela banheira – onde ela estava sentada com o cabelo meio molhado e gotas de água grudadas na pele –, eu ia esquecer meu propósito.

– Você foi ao baile de formatura com ele – continuei. – Ele quis te chamar para sair depois disso. Você disse um dia que não entendia por que ele nunca chamou. Perguntou o que tinha de errado com você.

Ela ergueu a mão e deu uns tapinhas no rosto.

– Eu me lembro, sim. Mais ou menos. Mas acho que não fiquei muito chateada por causa do Archer. Por que… Por que você está falando disso agora?

– Porque eu sei o motivo. Eu falei pra ele não te chamar. – Apoiei o braço na borda da jacuzzi. E me recostei para ficar mais à vontade. Eu tinha tantas coisas acumuladas para dizer, e era ótimo finalmente pôr para fora. – Eu disse que ele teria que lidar comigo, com o Ric e com o Leo se chegasse perto de você.

Frankie se sentou com as costas eretas.

– O quê? Por quê?

– Porque aquele babaca se gabou pros amigos de ter avançado o sinal com você.

– Mas ele não estava mentindo – admitiu Frankie, e bufou de leve. – A gente se beijou. E talvez eu tenha deixado que ele passasse a mão na minha bunda. E daí se ele era meio babaca?

– Você merecia coisa melhor que um adolescente tarado.

– Todo adolescente é tarado. Por que isso importava?

– Importava porque eu é que deveria ter ido com você ao seu baile de formatura.

Frankie abriu os lábios mais uma vez.

– Eu queria que fosse eu, Frankie.

Ela estremeceu. Mesmo na jacuzzi quente, seu corpo inteiro sacudiu.

Peguei suas mãos e a puxei mais para perto. Não estava mais nem aí para meu plano. Eu precisava tocá-la. Fazer aqueles tremores desaparecerem. Envolvi sua cintura com um dos braços e a coloquei sentada no meu colo. Eu já estava duro, mas sentir sua pele na minha desse jeito fez meu pau praticamente bater continência.

– Minha padaria – falei, colocando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. – Dei o nome de Padeiro da Meia-Noite por sua causa.

– Como assim? – rebateu ela. – Mas… Mas todo mundo chamava você assim.

– Foi você que inventou. Me chamou assim uma manhã, depois de eu ter passado a noite toda fazendo pão porque não conseguia dormir. Você disse, ali na porta de casa. – Abracei-a com mais firmeza. – Você pegou o bagel do pote, deu uma mordida, olhando bem pra mim, e soltou um gemido. Passamos algumas semanas repetindo essa cena. Eu levava coisas que tinha passado a noite preparando, e você me chamava de padeiro da meia-noite. Aí o apelido pegou com o Ric e o Leo e todo mundo. Mas era algo nosso. Eu era o seu padeiro da meia-noite, e você olhava pra mim como se eu fosse a melhor pessoa a entrar na sua casa só porque eu estava levando pães fresquinhos. – Coloquei a mão no peito dela, logo acima dos seios. – Era algo nosso.

– Turner… – sussurrou ela, hesitante. – O que você está fazendo?

– Aquele dia em que apareci em Boston – falei. – Não foi o Ric quem me mandou até lá. Ele disse que você estava triste e chorosa ao telefone, e quando vi eu estava batendo à sua porta.

Ela fechou os olhos, trêmula, como se estivesse tentando lutar contra aquela lembrança.

– Eu deveria ter deixado você entrar. Passei meses me sentindo péssima.

– Foi melhor não ter deixado – admiti. – Acho que eu não entendia a importância daquele dia. O quanto minha ação era reveladora. Foi só depois que voltei pra Portland e conversei com a Mia que comecei a me dar conta da intensidade do que sentia por você.

Os lindos olhos de Frankie se encheram de lágrimas.

Beijei o ombro dela.

– A gente quase terminou naquela manhã, quando eu voltei sem ter visto você. A Mia me disse que nenhum relacionamento é perfeito. Ela disse que o primeiro amor é algo único, mas nem sempre dura. Escolhi seguir em frente e

lutar pelo nosso relacionamento, porque ela merecia isso. Eu também devia isso a mim. Mas depois disso tudo acabei me encontrando bem rápido.

Minhas palavras foram sumindo, e ficamos ouvindo o borbulhar da água por um tempo. Mia sempre foi gentil, graciosa. Eu não me arrependia do que tivemos. Nunca me arrependi. Se havia algum arrependimento, era o de ter partido o coração dela. Mia me ensinou muito sobre mim mesmo. Me levou de volta a Frankie, de certa forma.

– Ela me odeia? – Frankie finalmente perguntou.

– Ela sente sua falta – respondi, com sinceridade.

– Primeiro amor – murmurou ela, depois de um tempinho. – Como assim? Você não pode estar falando sério. Não é possível.

– Eu me permiti me apaixonar pela Mia porque não podia ter você, Frankie.

Ela fechou os olhos com força, e os lábios também.

– Eu ouvi você conversando com ela um dia – expliquei, notando a dor na minha própria voz. – Ela perguntou se você gostava de mim, se tinha alguma coisa entre a gente. Vocês estavam na cozinha fazendo pipoca, e eu tinha acabado de sair do banheiro. Parei de repente ao ouvir. Fiquei esperando você responder. Você disse que eu não era o cara pra você. Que nunca seríamos mais que amigos. Que ela podia ir em frente.

Quando Frankie abriu os olhos, a expressão no seu rosto estilhaçou uma parte vital de mim.

– Porque ela gostava de você, Turner – revelou ela, sem fôlego. – Não parava de falar no quanto gostava de você, que tinha sido amor à primeira vista. Ouvi um barulho no corredor e pensei que fosse o Ric voltando com mais cerveja pra noite do cinema. Nunca imaginei que você…

Beijei o canto dos lábios dela.

– Não estou te culpando. Eu culpo a mim mesmo. Por acreditar cegamente no que ouvi. Eu não era mais criança. Deveria ter desconfiado.

Uma lágrima escapou do olho dela, se misturando à água que se condensava no seu rosto.

– Aquelas palavras não eram pra você – insistiu Frankie. Ela virou o corpo, e seu olhar desesperado encontrou o meu. – Se você tivesse me perguntado, eu não teria aberto mão de você. Teria dito que queria você. Que você foi meu primeiro amor.

Senti o peito ecoando.

– Repita isso.

Ela engoliu em seco. A tristeza no seu rosto evaporou, substituída pelo desejo. Pela determinação.

– Você foi meu primeiro amor.

– E você nunca vai ser horrível, invisível ou desimportante pra mim. – Fechei os olhos e encostei a testa na dela. – Você é o oposto dessas coisas. Eu amei você primeiro, e amo você agora. Sempre foi você. Está me entendendo?

Ela soltou um suspiro suave, que atingiu meus lábios em cheio.

Murmurei baixinho. E a beijei. *Finalmente eu tinha em meus braços o que sempre sonhei.* O que tanto desejei, esperei, com todas as minhas forças e por tanto tempo.

Um gemido suave escapou dos lábios de Frankie. E não deveria ter causado a reação que causou em mim. Era desproporcional à delicadeza do momento. Mas causou uma avalanche de desejo.

Antes mesmo que eu me desse conta do que estava fazendo, meu corpo avançou, minha mão segurando o pescoço dela, inclinando sua cabeça com o polegar, exigindo que seus lábios me deixassem entrar.

Entrar por inteiro.

Nossas línguas roçaram uma na outra e se entrelaçaram, o desejo explodindo com tudo. Fiquei bem ciente de que ela estava quase nua e de que eu não vestia absolutamente nada. Eu estava me segurando muito para não me aproveitar disso, para deixar um espaço para as palavras que precisavam ser ditas. Poderíamos ter passado horas conversando, mas talvez Frankie tivesse razão. Aquele era nosso novo normal. Eu poderia consertar tudo me abrindo para ela. Mostrando o quanto ela mexia comigo. Que ela sempre esteve em primeiro lugar para mim.

Seus seios roçaram o meu peito e me trouxeram de volta à realidade. Meu Deus, eu estava perdendo o controle do meu corpo e da minha mente.

– Preciso me acalmar – sussurrei com a voz rouca, sem afastar os lábios dos dela.

Eu não conseguia me afastar dela.

A respiração de Frankie estava tão irregular quanto a minha.

– Discordo. Continue.

– Meu plano não era comer você nesta jacuzzi.

Com o olhar turvo de desejo, ela mordiscou o meu pescoço.

– Parece um plano ótimo. Tem todo o meu apoio.

Soltei um gemido.

– Diz que vai me deixar entrar. Que entendeu.

Frankie sorriu e tirou o meu cabelo da testa com os dedos. Eu queria as mãos dela em mim. Em todo o meu corpo. Me acariciando como se eu fosse um cachorro. Eu estava disposto até a latir se ela pedisse.

– Eu entendi. Vou deixar.

Eu a virei, deixando-a de costas para mim, e sentei.

Ela olhou para mim por cima do ombro, com o rosto ainda mais corado. Eu sabia que ela conseguia sentir que eu estava duro como uma pedra. Tinha certeza de que conseguia sentir o meu coração batendo loucamente nas suas costas.

– Ótimo – sussurrei no seu ouvido. – Agora seja uma boa garota e fique quietinha.

Frankie deixou escapar um gemido lindo.

Coloquei as mãos em seus ombros, pressionando os polegares na sua pele com gentileza, deslizando-os para cima e para baixo no seu pescoço.

– Tá – sussurrou ela. – Faça isso de novo.

Ao seu comando, meu toque se tornou possessivo. Avancei faminto pela sua pele, contornando as escápulas e descendo pelas costas, até alcançar a cintura, onde deixei que repousassem por um instante. Então massageei as laterais do seu tronco.

– Sempre amei as suas mãos – murmurou Frankie.

O elogio fez com que eu retomasse a navegação. Fui subindo pelas suas costas, desfazendo com a articulação dos dedos alguns nós que encontrei pelo caminho.

– O que mais você sempre amou em mim?

– Suas tatuagens – respondeu ela, distraída, pendendo a cabeça para o lado. Deixei meus dedos se entrelaçarem no seu cabelo quando cheguei à nuca, deliciando-me ao ver Frankie derreter como manteiga quando toquei o couro cabeludo dela. – Seu sorriso – acrescentou, com um gemidinho. – O quanto você presta atenção. Sempre pensando antes de falar ou agir.

Segurei sua cabeça com uma das mãos e, com a outra, afundei um pouco mais os dedos no seu cabelo, arrastando-os e massageando o couro cabeludo.

Ela deixou escapar mais um gemido, me deixando inquieto de tanto tesão. Eu

me sentia nas nuvens só porque quem estava fazendo aquilo, quem tinha o poder de desarmá-la, era eu.

– O que mais? – exigi, ouvindo o tom perigoso na minha voz.

– Você está me deixando distraída – murmurou ela. – Me afastando do plano.

Aumentei a intensidade dos movimentos da mão, emaranhando os dedos no seu cabelo, puxando com delicadeza, mas também com firmeza. O corpo de Frankie estremeceu e ela começou a rebolar o quadril no meu colo, acompanhando meus movimentos. Ela era tão receptiva. Puxei as mechas molhadas um pouco mais forte, inclinando a cabeça dela para poder beijar a lateral do seu pescoço. Depois o seu ombro. Mordiscar a sua orelha. Puxando o seu cabelo ainda mais forte.

– Você está sendo cauteloso – resmungou Frankie, meio gemendo, meio reclamando. – Não quero isso. Eu… eu quero você. Você todo.

Virei-a de volta no meu colo, para que ela ficasse de frente para mim. Ela não estava entendendo, eu mal conseguia me conter. Ou talvez já tivesse passado desse ponto. Ela me queria por inteiro?

– Vamos fazer um trato – falei, beijando o canto dos seus lábios. – Prometo ser sempre gentil com o seu coração. E tão bruto quanto você precisar que eu seja com todo o resto.

Frankie abriu os lábios para dizer um "Sim" que não conseguiu sair.

Porque tomei aquele sim com os lábios. Eu estava entregue. Era fim de jogo para mim. Eu estava avançando e pegando o que queria. Tudo. O corpo dela se arqueou contra o meu, seus seios pressionaram o meu peito, suas pernas envolveram o meu quadril.

Tudo o que eu sentia ao meu redor era Frankie, a garota por quem me apaixonei anos antes e que nunca consegui esquecer por completo, a garota que eu não ia mais negar a mim mesmo, e era inebriante. Embriagante. Glorioso.

– Deixa comigo – sussurrei, arrastando os lábios pelo pescoço dela. Coloquei a mão na sua lombar e impulsionei o corpo para a frente, buscando fricção onde nós dois mais desejávamos. Frankie gemeu e, em resposta, repeti o movimento erguendo também o quadril. – Meu Deus, eu quero essa boceta nua. Na minha língua. No meu pau. De todos os jeitos.

– Sim – sussurrou ela. Era um sinal verde para o rastro de palavras sem sentido que deixavam os meus lábios, sem filtro nenhum. – Ah, meu Deus, sim, sim, sim.

Frankie puxou o cabelo na minha nuca, exigente, enquanto um apelo desesperado saía dos lábios.

Soltei um palavrão e tirei-a da água para sentá-la na borda da jacuzzi, deixando suas pernas penduradas.

Frankie olhou para mim, formando um "O" atônito com os lábios.

Ela era de tirar o fôlego.

Toda ela. Desviei o olhar e me concentrei na sua boceta. Coloquei as mãos nos seus joelhos.

– Abra pra mim.

Ela abriu. E aquilo se tornou minha coisa favorita no mundo inteiro.

Um arrepio fez o seu corpo tremer, certamente causado pela minha expressão de desejo puro – e pelo fato de que eu estava submetendo aquela mulher linda a uma temperatura negativa só para poder comê-la.

– Juro que vai ser rápido, amor. Prometo que já vou te aquecer na cama.

Ela assentiu e, como demorei um pouco, cutucou meu ombro com o pé.

– Vem logo – sussurrou.

Uma risada ecoou ao nosso redor. Minha. Eu estava tão extasiado, tão perdidamente apaixonado por aquela mulher que, quando abaixei a cabeça, foi

com um sorriso. Mas não era de felicidade. Era ganância. Dei a primeira lambida com desejo, cobiça. Como se fosse uma vingança particular. Eu estava provando algo. Deixando a minha marca. Exigindo que ela fosse minha. Enlouquecendo.

– Turner – disse Frankie, gemendo. – Meudeusoqueéisso.

Enfiei a língua dentro dela e, sentindo os espasmos do seu corpo, repeti o movimento. Duas lambidas e ela já estava…

Um estalo alto me fez parar.

O silêncio nos envolveu.

O motor da jacuzzi parou. A iluminação suave e difusa que tinha acendido em algum momento também se foi.

Frankie encontrou meu olhar quando levantei a cabeça, tenso.

Então, todo o medo que eu tinha deixado de lado naquele momento voltou de repente.

O instinto bateu, e saí da jacuzzi de um salto, pegando Frankie no colo e correndo para dentro do quarto. Foi só quando ela já estava em segurança na cama, quando as portas de vidro estavam fechadas e o quarto claramente estava livre de ameaças, arrombamentos ou qualquer outra suspeita, que consegui parar para respirar.

– Não tem ninguém aqui – falei, soltando o ar e voltando para ela. Frankie também estava ofegante. Acariciei o seu rosto, então lhe dei um beijo intenso e rápido. Rápido demais. – Estamos bem. Você está bem?

– Tô – respondeu ela, baixinho. – E você?

– Tô.

Ficamos nos olhando por uma fração de segundo. Quase não entrava luz no quarto, mas eu conseguia ver o seu rosto. Ela estava assustada, mas ainda sob o efeito da adrenalina. Percebi pelo seu olhar percorrendo o espaço sem parar.

– Que loucura, isso – falou.

– É verdade.

– Você saiu da banheira tão rápido. E pelado.

– É.

Ela arregalou os olhos.

– Acha que foi a hidromassagem que causou sobrecarga elétrica?

– É possível.

– Possível quanto?

– Possível se a pousada estivesse operando com um gerador de emergência – respondi, com sinceridade. – Se não estava, vai operar agora.

– Merda. A gente não deveria ter ficado tanto tempo lá dentro.

– A gente perdeu a noção do tempo.

Ela ficou vermelha, certamente se lembrando do motivo.

– A gente não presta.

Dei de ombros.

– Não mesmo. Mas eu deixaria Vermont inteira sem eletricidade pra fazer aquilo de novo.

Ela deu uma risadinha e, quando eu sorri, passou a rir mais alto. Dei risada também e ficamos assim por um instante, olhando um para o outro e rindo. Foi… ridículo, para falar a verdade. Eu estava preparado para subir o monte mais alto – pelado – para mantê-la em segurança e, de algum jeito, ouvir sua risada fez aquele medo valer a pena. A risada de Frankie sempre me atingiu em cheio. Frankie sempre me atingiu em cheio. Como um raio de luz em que eu queria me banhar.

– Senti uma saudade louca disso – eu me ouvi dizer. Frankie levou a mão ao

rosto, e o humor foi desaparecendo. – Da sua risada.

A expressão dela ficou sóbria, apenas resquícios de um sorrisinho curvando os lábios e enrugando os olhos.

– A tatuagem que eu fiz – disse ela, baixinho. – Acho que você precisa ver.

Franzi o cenho e, antes mesmo que eu pudesse perguntar, ela levou as mãos aos seios, separando-os. Na hora percebi o que era. Fiquei sem fôlego, e meus sentimentos se confirmaram com a certeza absoluta de que não tinha mais volta. Frankie era a pessoa certa para mim. Só podia ser, se eu estava marcado na pele dela.

– Pensei em você enquanto estava naquela cadeira, com aquela agulha na pele. Querendo que você estivesse lá comigo. E torcendo pra nunca me arrepender.

Meu coração batia forte. Passei o polegar no pequeno desenho, tocando-o, sentindo a versão menor da tatuagem que eu tinha, aquela que significava tanto, que tinha me marcado como nenhuma outra. Uma mariposa. Senti os joelhos quase cederem.

– E…? – perguntei. – Você se arrependeu?

– Não – respondeu ela, e eu tive certeza de que não era mentira. – Nunca. Mesmo quando ela me lembrava de algo que eu não podia ter. Ela me lembrava você. E eu nunca me arrependi de te amar, Turner.

Eu mal conseguia respirar, mas me obriguei a falar:

– Eu sou seu, Frankie. Puta merda, eu sou todo seu.

Ela assentiu, mas percebi algo de errado.

– Sem "mas" – falei. – Quero me casar com você. Quero estar ao seu lado e construir uma vida com você. Quero esperar você na cama quando ficar acordada até tarde escrevendo. Quero te acordar com beijos e exigir que não seja

dura demais consigo mesma. Quero proteger você de todo o mal e compartilhar com você o que for bom. Quero transar com você pra te fazer lembrar que você sempre foi minha toda vez que você esquecer. E quero cuidar de você até compensar pelas vezes que não lutei por nós dois.

Frankie ficou imóvel por um instante.

– Diz que me ama – pediu ela.

– Eu te amo, Frankie Rossi. Eu te amo como uma mariposa ama a luz. Desesperadamente. Perdidamente. Até o último segundo da droga da minha vida.



12

Frankie

– Sua tatuagem – sussurrei. – A mariposa.

Turner me deu um beijo intenso. Mordiscou o meu lábio inferior.

– Sim.

– Você nunca me disse o que significa. Você…

– Sim – repetiu ele, e me beijou mais uma vez.

O toque dos lábios de Turner e a constatação do que ele estava admitindo fizeram um gemido subir pela minha garganta.

Eu te amo, Frankie Rossi. Eu te amo como uma mariposa ama a luz. Desesperadamente. Perdidamente. Até o último segundo da droga da minha vida.

Subi na ponta dos pés e abracei o seu pescoço, deixando que o meu peso caísse sobre ele. Turner permaneceu imóvel, em pé no chão acarpetado, à beirada

da cama. Eu queria subir nele, entrar nele, ficar ali para sempre. Todo o desejo reprimido explodia em ondas, me deixando aflita.

Ele tinha feito aquela tatuagem, a primeira, aos 18 anos, e nunca me disse o que significava, e durante todo esse tempo aquelas asas que eu tanto amava eram… para mim.

Para mim.

– Por que escondeu isso de mim? – perguntei com um grunhido, sem tirar os lábios dos dele. – Se tivesse me dito…

Ele nos fez deitar na cama, me segurando pela cintura para que eu ficasse montada nele.

– Eu sei. Agora vem aqui. – Ele deu um tapinha no próprio peito. – Me castiga por ter escondido isso de você.

Foi quando me dei conta do que ele estava pedindo.

– Eu nunca…

O desejo que vi antes, na jacuzzi, um desejo que me deixou sem fôlego que nem agora – talvez até mais –, surgiu em seus olhos. Ele retesou o maxilar e colocou as mãos na minha bunda.

– Monta no meu rosto. Me deixa ser o seu primeiro em alguma coisa.

Senti o peito se encher de algo que era mais do que tesão. Eu queria aquilo. Queria tudo com ele. Queria…

– Seja o meu último também. Seja o meu último em tudo, Turner.

Turner deixou escapar um grunhido profundo, e o seu peito vibrou embaixo de mim. Ele puxou o travesseiro que estava sob a cabeça e o jogou para longe, depois me ergueu e me fez subir pelo seu corpo.

Uma onda de desejo quase me derrubou quando olhei para baixo e vi a sua cabeça entre os meus joelhos.

A cena parecia uma fantasia criada pela minha cabeça tarde da noite. Como aconteceu tantas vezes ao longo dos anos.

Ele desceu as mãos da minha bunda e as arrastou pelas minhas coxas, me acalmando.

– Me dá as suas mãos – ordenou ele. Obedeci, e ele as levou até o seu cabelo castanho molhado e rebelde. – Segura com força, tá? Talvez eu me descontrole um pouco.

Assenti, e ele não perdeu tempo. Turner puxou o meu quadril para a boca, colocou a minha calcinha para o lado e me lambeu, fazendo exatamente o que tinha prometido. Uma onda de prazer percorreu o meu corpo, fazendo a minha cabeça pender para o lado. Em resposta, Turner gemeu, enfiando a língua dentro de mim.

Meus joelhos cederam, e meu peso recaiu sobre ele.

Ele soltou um grunhido de aprovação, me agarrando com aquelas mãos possessivas, me incentivando a me mexer. A sincronizar cada lambida e cada movimento da sua boca com o meu corpo.

Quando fiz isso, ele me recompensou levando os lábios ao meu clitóris, e não sei o que ele fez, ou como, ou se o que aquele movimento causou deveria fazer parte deste universo, mas eu vi estrelas. Pequenas estrelas reluzentes brilharam à minha volta, e me agarrei no cabelo dele com todas as minhas forças. Eu me agarrei àquele mullet que o deixava tão ridiculamente sexy, tão Turner, de alguma forma tão incrivelmente meu. Como se eu tivesse passado a vida inteira esperando por aquele fim de semana. Aquele reencontro. Aquele momento. Aquele…

– Mais forte – rosnou Turner embaixo de mim. Olhei para baixo e, caramba, quando ele olhou nos meus olhos, foi a visão mais erótica da minha vida. – Monta em mim com vontade.

Eu ainda estava atordoada quando ele apertou minha bunda e me deu um tapa, me incentivando.

Meu Deus. Deixei escapar um gemido e aumentei o ritmo. Então, puxei o cabelo dele, exigindo mais. Eu amei, amei, *amei* isso.

Turner repetiu a sequência, e desta vez acrescentou o que tinha feito segundos antes com o meu clitóris.

– *Turner* – uivei. Sim. *Uivei*. – Vou gozar. Ah, meu Deus, Turner, eu vou… – Minha visão tremulou quando ele acrescentou o polegar à equação. Um toque e rebolei mais uma vez na cara daquele homem lindo, como se eu estivesse fora do corpo. – Caramba. Eu te amo.

Eu amava aquele homem, mais do que já tinha amado qualquer pessoa, e mais do que o amei em qualquer momento no passado. E não tinha nada a ver com o fato de ele ter me levado a um orgasmo que estilhaçou a minha alma. Tinha a ver com tudo o que havia nos levado até aquele instante e feito com que eu me sentisse tão conectada com ele. Tão próxima dele. Tão intimamente entrelaçada com ele. Como se toda aquela solidão que eu detestava tivesse finalmente desaparecido.

– Você fica tão linda gozando, Frankie.

Caí para o lado.

– Que bigode mágico. Meus cumprimentos ao padeiro.

Ele soltou uma gargalhada e se apoiou no cotovelo. Seus lábios reluziam com o meu prazer. Não só os lábios. Eu me via nos cantos da sua boca, no seu queixo, naquele bigode.

– Nunca mais vou raspar – murmurou ele, me comendo com os olhos. – Só se você pedir.

– Não espera por isso. E quero o mullet também.

– É todo seu – respondeu Turner, sério, selando o acordo com um beijo intenso que me permitiu sentir o meu sabor na sua língua.

Senti o prazer surgindo no fundo do meu abdômen. Preguiçoso, mas firme. Mais uma vez. Tão rápido. De algum jeito, estava sempre ali. Turner foi interrompendo o beijo devagar.

– Dava pra ver a sua tatuagem, a minha marca em você, enquanto você rebolava na minha boca. Foi de tirar o fôlego.

Engoli em seco. Aquele turbilhão de calor foi aumentando, se expandindo.

– De tirar o fôlego?

– Sim. – Sua mão roçou o bico do meu seio, então foi deslizando pelo meu tórax, movimento facilitado pelo suor na minha pele. – Estava me deixando louco.

Eu estava oficialmente com tesão de novo. De um jeito que não fazia sentido nenhum depois daquele orgasmo intenso. E, quando Turner se aproximou e beijou sua marca na minha pele, como ele a tinha chamado, e depois passou a língua nela, foi impossível não ficar ofegante.

– Não sou bom com as palavras como você – disse ele, tirando os lábios do meu peito. Aquela mão diabólica voltou ao seu lugar. Dedos acariciaram a lateral do meu corpo. Fizeram cócegas nas minhas costelas. Na minha barriga. No meu quadril. Senti o pau dele pressionando a minha coxa, tão quente e duro que era de enlouquecer. – Eu…

– Não – falei, interrompendo-o, já inquieta de novo. – Você é bom com as palavras, sim. Melhor do que imagina. Incrível, até. Mas ainda assim vou pedir que cale a boca e me coma.

A gargalhada que ele soltou era como um trovão. Intensa e alta, e fez meu corpo inteiro estremecer. Era uma força da natureza.

Ele subiu em cima de mim na mesma hora, apoiando os cotovelos em volta

da minha cabeça, me prendendo contra o colchão, que balançou sob o nosso peso.

– Quer que eu te coma?

Assenti.

– Essa é a coisa mais doce que eu já ouvi – sussurrou ele.

Não era doce. Nada naquilo era doce. Caramba. Turner não perdeu tempo. Ele segurou os meus pulsos com uma das mãos e ergueu os meus braços acima da cabeça. Arqueei as costas embaixo dele, e foi só depois de tirar a minha calcinha, avaliar a posição em que estávamos e soltar um grunhido de satisfação que Turner soltou todo o seu peso sobre mim.

Gememos juntos com aquele contato.

Era glorioso. E eu queria que ele se mexesse. Que fizesse alguma coisa. Eu me remexi, sentindo o seu pau na minha barriga. Pulsando. Era tão vigoroso. Tão grande. Amei senti-lo em mim. Precisava dizer isso a ele.

– Você é tão grande. Amei isso.

Ele empurrou uma das minhas pernas para cima com o joelho, então levou os lábios até a minha orelha.

– Você é perfeita. Vai ser tão gostoso entrar inteiro em você, amor.

Eu ia dar o meu melhor, então ergui o quadril, impaciente, faminta, enlouquecendo de desejo com a sensação da pele dele deslizando sobre a minha.

– Com ou sem camisinha? – perguntou Turner, a voz rouca, afundando o nariz no meu cabelo, finalmente se mexendo, roçando o pau em mim, aproveitando o que tinha acabado de fazer comigo. – Eu trouxe, mas saiba que não precisamos usar, a não ser que você se sinta melhor. A escolha é sua.

– Sem – sussurrei, entendendo o que ele quis dizer. Eu não queria mais esperar. – Eu tomo anticoncepcional. Quero você dentro de mim. Agora.

Turner arrastou os lábios de volta até os meus, e, quando me beijou desta vez, eu soube que não era uma recompensa por deixar que ele transasse comigo sem camisinha. Eu soube que era seu jeito de dizer que valorizava o fato de eu confiar nele.

Meu gemido de aceitação e desejo fez com que Turner voltasse a se mexer. Seu quadril retomou o movimento, e ele puxou os meus braços, que já estavam presos, como se estivesse preparando o meu corpo para ser tomado. Então se encaixou entre as minhas pernas e começou a entrar, sem encontrar resistência nenhuma. Eu estava completamente encharcada.

– Diz que é minha – exigiu ele, imóvel de repente, ofegante.

– Eu sou…

Ele me penetrou. Bruscamente.

– *Sua* – concluí com um gemido.

– Isso mesmo. – Ele recuou, e minha nossa. O tamanho, o peso do seu corpo, a impiedade absoluta com que ele me dava exatamente o que eu queria, tudo isso já estava me levando ao êxtase mais uma vez. – E sempre foi. – Outra estocada. – Sempre vai ser. – Mais uma. – Minha.

Arquejei quando ele continuou deslizando para dentro de mim, sem esperar confirmação. Ótimo, porque eu estava completamente entregue a nós dois. Ao vaivém. Ao som dos grunhidos dele e dos meus gemidos, aos "mais" e "isso" arrastados que eu deixava escapar. Depois disso, tudo se intensificou bem rápido. O ritmo de Turner se tornou implacável. Seu aperto nos meus pulsos ia deixar marcas. Cada estocada me empurrava mais e mais e mais para cima no colchão. Era inebriante.

Turner ficou de joelhos, ainda se movimentando, ainda dentro de mim, toda aquela pele coberta de tatuagens se contraindo com a respiração ofegante. Ele olhou nos meus olhos.

– A coisa vai ficar meio intensa por um instante, amor. Diz de novo que tudo bem.

– Sim.

Ele puxou o meu joelho até o meu peito com a mão que estava livre e, quando mudou o ângulo do corpo, os meus dedos agarraram o edredom com um apelo escandaloso.

Mais. Eu precisava de tudo. Precisava gozar. Naquele instante.

Um alerta surgiu nos olhos dele, e inclinei o queixo, assentindo mais uma vez, dando permissão para que ele se soltasse e me levasse junto. Quando ele me penetrou de novo, foi com uma força que arrancou o ar dos meus pulmões, deixando escapar um rosnado da garganta. E Turner me comeu. De verdade. Deu tudo de si. Suado, puro, intenso, firme e acolhedor, de um jeito que só ele era capaz. Que só ele sabia fazer.

– Eu sabia que ia ser bom assim – disse ele, ofegante com o ritmo errático. Irregular. – Sempre soube que você foi feita só pra mim. – O suor escorria pelo seu corpo, sua respiração estava superficial, os músculos das suas coxas se contraíam com o que estava por vir, seu corpo inteiro pulsando com o meu. – Caramba. Caramba, Frankie. Goza comigo, amor. Por favor. – Ele parou, me apertando com as mãos, tomando meus pulsos, meu quadril, marcando minha pele. Me fazendo cambalear. Cair. Ruir junto com ele. – Puta merda, estou sentindo você.

Puta merda mesmo.

Eu também estava sentindo Turner. Em todo lugar.

Eu estava mole. Saciada. Feliz.

Eu finalmente era dele.



Turner estava com a mão na minha barriga, acariciando a pele abaixo do meu umbigo com o polegar.

– Eu queria poder contar o que acabamos de fazer ao Turner de 17 anos – confessou ele. – Se ele soubesse que você ia gritar o meu nome assim, não viveria irritado daquele jeito.

Me virei de lado, para poder olhar bem para ele.

Um bom tempo tinha se passado, e ainda estávamos deitados na cama. Nus e aquecidos pelo calor do corpo um do outro e pela lareira que Turner acendeu assim que o gerador de emergência ligou. Eu ia me mudar para a suíte nupcial com ele para sempre; ela tinha tudo.

– Você não vivia irritado – rebati, em tom de reclamação. – Era quieto e atencioso.

Turner deu uma risadinha.

– Eu vivia irritado, *sim*. Não podia ter a garota que queria.

Senti um frio na barriga, uma vertigem que nunca tinha experimentado. Eu não conseguia acreditar que estava rememorando o passado sem a tristeza que sempre acompanhava minhas lembranças.

– Por que 17? – perguntei. Como Turner não respondeu, fiz cócegas nele. – Responda. Não pode falar uma coisa dessa e não explicar. Vamos. *Por favor.*

Turner pegou a minha mão e a levou aos lábios. O bigode e a barba por fazer fizeram cócegas na minha pele.

– Naquele primeiro verão em que a gente foi pra Ferris Beach, perto de Camp Ellis – disse ele, finalmente –, quando fui te buscar, você estava com uma daquelas camisetas que gostava de customizar. A do Fleetwood Mac. Você nunca tinha cortado a barra e as mangas tão curtas. Seu cabelo estava meio preso em um daqueles coques no topo da cabeça. Quando eu buzinei e você saiu pela porta daquele jeito? Alimentou minhas fantasias por semanas. Meses até.

Fiquei boquiaberta, e ele sorriu.

– Eu me lembro perfeitamente desse dia – comentei. – Aquele foi um dos meus verões favoritos.

– Você veio correndo – lembrou ele. – Disparou na minha direção, correndo como se estivesse disposta a ganhar de qualquer um que quisesse apostar uma corrida com você. Daquele momento em diante, foi impossível negar.

– Eu estava tentando ganhar do Ric – contei. – Eu sempre falava primeiro que iria no banco da frente, e ele nunca respeitou. Naquele dia eu ganhei dele e sentei na frente com você. E, quando você colocou o braço no meu encosto de cabeça pra dar a ré, juro que quase pedi um beijo.

Turner riu e, quando sua risada se dissipou, ele passou o dorso da mão no meu queixo com uma ternura que parecia impossível.

– Odeio não ter estado ao seu lado neste último ano. Não quero você solitária. Ou triste. Ou com medo.

Beijei a palma da sua mão, depois o dorso, bem em cima daquelas belas linhas tatuadas que nos uniam.

– Não posso prometer que nunca mais vou ficar triste, porque… pode ser que eu fique. Mas com você acho que nunca vou me sentir solitária.

– Sei que você está com medo, Frankie – disse ele, baixinho, mas naquele tom firme que demonstrava seriedade. – Eu também estou. Não paro de pensar no quanto eu me sentiria impotente se você tivesse ficado presa aqui sem mim. No quanto eu ficaria apavorado. Mas quero deixar uma coisa bem clara: o que quer que esse psicopata tenha feito, não é culpa sua. Entendeu? A culpa é só dele. Você não é uma má pessoa por ter um momento de fraqueza. Ele que é por explorar isso.

Assenti. Palavras não eram capazes de descrever o que eu sentia por aquele homem. Como eu queria pegar esse sentimento e mantê-lo dentro do peito para

que combatesse a escuridão que me afligia. Eu estava apavorada, não só com medo. Estava apavorada com a ideia de o cara estar lá, na pousada, preso conosco. Em algum lugar fora da bolha segura que era aquela suíte. Eu estava apavorada com a ideia de essa bolha não ser segura o bastante, de que ela pudesse estourar, e Turner pudesse se machucar só por estar comigo. Aquele homem tinha chamado Turner de Elliott. A mim, de Eden. A si mesmo, de Enzo. Eu tinha passado anos criando um vilão que ele conhecia tão bem quanto eu. A possibilidade de ele estar se passando por esse vilão era… perturbadora. Aterrorizante.

Eu me aconcheguei em Turner, deitando a cabeça no seu peito, decidindo simplesmente estar com ele. Estar presente. Saborear aquele instante, porque parecia mágico. Especial. Frágil, como tudo o que é raro e único.

– Me conta mais coisas que eu não sei – pedi. – Coisas felizes. Uma coisa boa.

Ele passou os dedos no meu cabelo com delicadeza, brincando com as mechas, meio distraído.

– Eu fui a Nova York mês passado. A trabalho. E me lembrei de você. Fiquei meio surpreso quando você escolheu Boston. Na minha cabeça, se você fosse sair do Maine, seria pra Nova York. Por que não foi pra lá?

– Eu pensei em ir – admiti. – Mas pareceu um desafio muito grande. Como se eu estivesse me levando a sério demais, já que a editora ficava lá. Boston pareceu bem menos intimidante. Eu amo a orla e a história da cidade e amo o lugar onde moro, em Back Bay. A Sra. Flanagan me leva sobras do assado que faz aos domingos e fica para me contar sobre as crianças que não são mais crianças. Tipo que o filho mais velho conheceu o amor da vida dele e acabou virando assunto de um podcast de fofocas de alcance nacional. – Dei risada. – Mas eu perguntei pra que você falasse, não eu.

– Você só fica tagarela assim comigo. Eu gosto disso.

Eu sentia falta da pessoa que podia ser com ele. Gostava muito dela. Beijei seu peito. Bem numa área sem tatuagens.

– Agora me conta sobre Nova York e a sua viagem a trabalho. Quero saber.

– Um chef me convidou pra mostrar os planos de um restaurante que ele está querendo abrir.

Olhei para ele de repente.

– Um chef! Turner, isso é incrível. Por que você não disse nada antes?

Ele conteve um sorrisinho de satisfação.

– Você está orgulhosa de mim?

– Sempre. Mas isso é incrível. – Voltei a deitar a cabeça no seu peito e o abracei com força. – Já estava na hora de alguém inteligente o bastante bater à sua porta, implorando pra te roubar.

– Implorando é exagero. Mas ele parece estar realmente interessado. A gente se conheceu numa convenção algumas semanas antes. Detesto aglomeração, mas prometi ao Ric que iria. Um dia ele me obrigou a assistir a uma apresentação que fez com um plano pra expandir os horizontes do meu negócio. Com PowerPoint e tudo.

– É a cara do Ric.

Ele concordou com um murmúrio.

– O chef é espanhol. Talentoso e bonitão. Ele não precisa de mim, pra falar a verdade. Mas está procurando um sócio que possa cuidar das massas e dos produtos de panificação do lugar que vai abrir no Brooklyn.

Uma pausa. Turner estava com a mão na minha nuca, e a mistura do toque suave com sua voz foi fazendo o meu corpo relaxar.

– O que mais?

– Imaginei você lá, Frankie. A cada passo que eu dava, eu via você. Você se

encaixaria direitinho, não importa quais sejam suas expectativas para o futuro, ou o sucesso que tenha, ou que terá. Não existe desafio grande demais pra você, amor.

Senti o coração se expandindo. Fechei os olhos.

– Você imaginou nós dois?

– Sim. Seria impossível não imaginar. Não estou dizendo que quero ir embora de Portland, mas parte de mim imaginou como seria isso. Com você ao meu lado.

Eu estava pegando no sono. Indo para aquele lugar que Turner estava pintando com suas palavras.

– A gente pode pensar.

– A gente podia passar um fim de semana lá. Dar uma olhada naquela parte do Brooklyn. Encontrar o Lucas. Você vai amar a esposa dele. Ela também é escritora. De romance. Dei uma olhada em um dos livros dela; é sobre viagem no tempo.

– Não tenho amigos escritores na vida real – falei, percebendo que a minha voz estava meio rouca de sono. – Acha que ela vai gostar de mim?

– Ela vai adorar você. Eles têm um cachorro. Sei que você ama bicho. A gente pode ir ao abrigo e pegar o cachorrinho mais triste de todos. Eu vou fazer vocês dois felizes.

Eu já estou feliz, pensei.

Mas as palavras não saíram. A realidade tinha se infiltrado nos meus sonhos e eu estava dançando entre uma coisa e outra. Entre o homem nos meus braços que pintava aquele cenário e a dura constatação de que, por mais que eu quisesse esquecer o que me esperava do lado de fora daquela suíte nupcial, daquela bolha, a realidade ainda estava lá. Escalando em direção ao clímax que não podíamos mais ignorar em favor de viver o momento, fingindo que aquilo era normal.

Não era.

E eu estava com a sensação de que logo seríamos confrontados com isso.



13

Frankie

Um alarme me despertou de sobressalto.

Abri os olhos, que na mesma hora encontraram os de Turner. Então ele colocou aquelas mãos enormes em mim.

– Eu estou bem – garanti. Coloquei as mãos em seu rosto, imitando o gesto dele. – Você também está bem. Não está?

– Estou – confirmou ele. – É o alarme de incêndio. Está sentindo esse cheiro?

– Fumaça – sussurrei. O cheiro era tão penetrante quanto o ruído estridente que preenchia o quarto. – Ah, meu Deus, Turner. A pousada está pegando fogo.

As mãos de Turner sumiram. Ele me deu um beijo rápido e se foi. Para longe de mim, levantando da cama. Pisquei, deixando os meus olhos se adaptarem à escuridão. A lareira também estava apagada, o que explicava o arrepio que senti. Quando voltei a me concentrar em Turner, ele já estava fechando o zíper da calça e indo a passos largos até o interruptor mais próximo, que tentou acender.

– Nada – declarou ele, e praguejou.

Ele se virou para mim, e desta vez consegui vê-lo com muito mais clareza. Mas percebi um brilho estranho. Vinha do lado de fora. Infiltrando-se dentro do quarto. Que horas eram? Turner colocou as mãos nos meus ombros. Ele estava sem camisa. Eu continuava completamente nua.

– Quero que vista uma roupa. Calce suas botas. O mais rápido que conseguir. Me espere pronta. Eu já volto…

– Não – rebati. – Você não vai sem mim. Não mesmo.

– Preciso ter certeza de que ele não está esperando no corredor, Frankie. Só vou tirar você deste quarto quando souber que ele não está aqui.

Engoli em seco.

– Eu vou com você.

Ele fez que não com a cabeça.

– Roupas. Botas. No máximo dois minutos.

– Regra número um das obras de terror. Filmes. Livros. Thrillers também. Não se separar.

Ele cerrou os dentes. Sabia que eu tinha razão.

– Eu já volto. Prometo.

Meu Deus. Essa era a regra número dois. Não fazer promessas. Elas nunca são cumpridas.

– Turner…

Ele beijou a minha testa, e fechei os olhos por um instante, me dando conta de que era inútil tentar impedi-lo. Fiquei em silêncio, me recusando a dizer “eu te amo” ou “tome cuidado” ou qualquer uma dessas frases que eu já havia lido e ouvido e que eu mesma já tinha usado. Sempre queriam dizer que algo de ruim ia acontecer. Essa era a regra número três.

Quando abri os olhos, ele já tinha desaparecido. O alarme continuava tocando alto, e a escuridão mantinha aquela textura reluzente estranha. Obriguei meus pés a tocarem o chão e comecei a procurar uma roupa. Qualquer roupa. Não encontrei nada, então corri até a mala, a abri e peguei a primeira coisa que encontrei com a mão. Vesti uma legging e um moletom, sem me dar ao trabalho de vestir calcinha ou meias. O tempo estava passando, e a qualquer momento Turner estaria de volta. Estaria, sim. Meu Deus. Já tinham se passado dois minutos?

E onde estava o meu celular?

E as minhas botas?

Andei em círculos, levantando coisas que não fazia sentido levantar. Uma cadeira. Uma lixeira pequena. Um travesseiro. Nem sinal do meu celular ou das minhas botas.

A imagem da noite anterior, a jacuzzi, surgiu na minha cabeça. Merda. A gente não tinha trazido as roupas para dentro. Mas nossos celulares… Nossos celulares estavam dentro do quarto, certo?

Certo?

Fui tomada por uma sensação estranhíssima. Uma espécie de pressentimento. Ou instinto.

Corri até as portas de vidro e abri as cortinas.

E foi como se o meu coração tivesse caído aos meus pés. A fonte daquele brilho alaranjado. Estava vindo do lado de fora. Bem pertinho da pousada. E não era o nascer do sol, embora o céu estivesse começando a clarear. Algo estava pegando fogo. Dava para ver através dos painéis de vidro do solário, tingidos de vermelho pelas chamas bordô que lambiam o ar, derretendo o manto branco que horas antes cobria tudo.

Uma mensagem de Enzo. Não. Não de Enzo. Dele. Do stalker. Mas esta não

comunicava nada além do terror mais puro e absoluto.

Meu Deus, em que eu tinha me enfiado? Em que eu tinha enfiado todas aquelas pessoas, e como eu poderia consertar isso se não sabia o que aquilo tudo significava?

Uma familiaridade doentia tomou conta do meu peito, e meu estômago deu um nó. A reviravolta final. Eu tinha me colocado tantas vezes naquela situação do outro lado do teclado. Tinha colocado Eden. Mas desta vez eu não era a escritora. Era a protagonista. Aquela era a última dança. Ele estava colhendo o que havia plantado.

Não tem nada mais assustador do que o desconhecido, escrevi em um dos meus livros. *Por isso tememos a morte. Vilões, heróis. Ela chega para todos.*

Turner. Eu precisava tirá-lo de lá. Onde ele estava? E onde…?

Algo se acendeu a alguns metros de mim. Do outro lado das portas que levavam ao solário.

Era o meu celular. Eu não entendia como ele fora parar lá, mas sabia por quê.

Venha aqui fora.

Só me dei conta de que tinha aberto a porta de vidro e saído para o deque de madeira, muito mais gelado, quando um arrepio percorreu os meus braços. Estávamos desrespeitando todas as regras, caindo em todas as armadilhas que ele havia colocado no nosso caminho, fazendo jus a todos os clichês, mas qual era a alternativa? Era a mim que ele queria e, por mais que eu confiasse na proteção de Turner, eu tinha levado aquele homem até lá. Se ele quisesse me matar, já teria feito isso. Ele queria outra coisa primeiro. A mim. E eu sabia – com uma certeza aterradora – que ele faria de tudo para conseguir isso.

Com as pernas trêmulas, avancei. O fogo crepitava tão alto que era quase impossível ignorar, mas mantive os olhos no celular à minha frente.

Estendi o braço e apanhei o aparelho com dedos trêmulos. A tela se acendeu.

Uma notificação do AirDrop. Aceitei.

Era uma foto nossa. Eu e Turner. Na noite anterior. Em pé no solário, tirada por alguém que estava do lado de fora.

Mais um aviso de notificação.

O contorno dos nossos troncos através do vidro embaçado, na jacuzzi. Meus braços envolvendo o pescoço dele.

Bip.

O formato do meu corpo quando sentei na borda, a cabeça de Turner entre as minhas pernas.

Bip, bip, bip.

Nós dois correndo para dentro do quarto. Turner espiando por entre as cortinas. Nós dois na cama, apenas parte dos nossos corpos visível por uma fresta das cortinas.

Fiquei enjoada de repente. Engasguei. Eu ia vomitar.

Bip.

Turner sem camisa. De joelhos, a cabeça pendendo para a frente, o queixo no peito.

Arquejei. O celular escorregou da minha mão, caiu no chão e deslizou para longe de mim.

– É uma pena – disse uma voz. – Eu tinha mais fotos.

Me virei devagar.

Arregalei os olhos.

Turner estava de joelhos, com as mãos para trás, com um homem em pé diante dele. *Enzo*, meu cérebro gritou. Mas ele não se parecia em nada com o personagem com quem eu tinha passado tanto tempo. Ele não era ficcional. Era real. O homem era magro, mas alto, com o queixo afilado e o nariz mais ainda, e

estava todo equipado. Como se estivesse saindo para uma trilha. Ou tivesse acabado de voltar de uma. E eu já tinha visto aquele homem antes. Não conseguia lembrar onde ou quando, mas jurava que já havia cruzado com ele.

– Deixa ele ir – falei com a voz rouca e trêmula. – Deixa ele ir e eu faço o que você quiser.

O homem riu.

– Não – disse Turner, um grunhido.

– Engraçado – disse o stalker, me encarando nos olhos. – Ele disse a mesma coisa. Eu nem precisei usar isso. – Ele tirou uma arma da cintura. Uma arma. *Meu Deus*. – Só precisei dizer que, se ele não me deixasse prender as mãos dele, eu mandaria meu comparsa te matar. Bater na cabeça dele foi desnecessário, mas foi um bônus satisfatório. Ele é uma complicação inesperada e está me deixando um pouco louco.

Virei a cabeça bruscamente, procurando ferimentos visíveis em Turner. Não vi nenhum, mas ele parecia atordoado. Será que o golpe tinha sido muito forte? Ele podia ter uma concussão? Onde estava esse comparsa?

– Vocês dois são tão ingênuos – continuou o homem, parecendo… decepcionado? – Sou só eu. E eu esperava mais de você, Frankie. Ontem à noite, na jacuzzi? Por favor, você é uma escritora experiente. Aquilo foi idiota. Até me perguntei se você vale isso tudo que estou fazendo. Você tinha tanto potencial quando a gente se conheceu. Agora se deixa distrair por… homens. Você não percebe que eles atrapalham a sua arte?

Um suspiro trêmulo me escapou. Quando a gente se conheceu? Minha arte? Vasculhei as lembranças atrás de uma resposta, algo que unisse as duas coisas, mas Turner se mexeu. Ergueu a cabeça bruscamente, como se estivesse tentando ficar acordado. Eu precisava tirá-lo dali. E rápido. Precisava distrair aquele homem para que Turner pudesse ir. Não. Ele nunca iria sem mim. Meu Deus. E

se Turner tentasse enfrentar aquele cara? Eu precisava manter o foco dele em mim, para evitar que Turner se machucasse de novo.

Dei um passo na direção do meu stalker.

– Você falou disso. Nas suas cartas. Da minha arte. Me fez acreditar que eu era especial, e por um tempo você foi o único que acreditou nisso.

Ele inclinou a cabeça, pensativo, e deu um passo à frente, deixando Turner para trás.

– Você é especial. Sempre foi.

Fiquei enjoada ao ouvir as palavras que Turner tinha dito saindo da boca daquele homem, mas aguentei firme. Dei um passo para o lado, tentando atraí-lo para mais longe, mas ele soltou um muxoxo que me fez parar de repente.

Então ergueu a mão que segurava a arma.

– Fique exatamente onde está, *amor* – ordenou ele com um sorrisinho zombeteiro. – Será que eu também deveria te chamar assim? É meio brega. Piegas. Mas você sempre caminhou nessa linha tênue. Seus livros têm bastante amor. Sexo. E com frequência são cenas boas. Consigo pensar em muitos escritores que seriam capazes de matar alguém pra conseguir fazer isso. Ter esse tipo de dualidade.

A palavra *matar* ecoou nos meus ouvidos. Uma nova onda de agitação percorreu o meu corpo.

– Escritores? Você é escritor?

– Já fui – admitiu ele, dando de ombros. E deu mais um passo. E mais um. E mais um. Ver a distância que surgia entre ele e Turner me deu uma onda de alívio. – Você não lembra, não é mesmo?

Vasculhei minhas lembranças atrás de alguma coisa, qualquer coisa, mas não consegui nada.

– Me ajuda a lembrar. Tenho certeza de que não esqueci totalmente. Qual é o seu nome?

Ele fez uma cara triste.

– Pelo jeito você me rejeitou por um motivo. Eu nunca fui muito memorável mesmo.

– A gente… saiu? – perguntei, embora não conseguisse me lembrar de nenhum encontro desde a mudança para Boston. – Você me chamou pra sair? Você sabe que eu não saio muito de casa. Mas, caso tenha me chamado pra sair, e eu não tenha aceitado, deve ter sido porque não percebi o que você estava fazendo.

Ele riu, como se a ideia fosse absurda.

– Nossa, eu realmente não causei impressão nenhuma. Era de se imaginar. Uma pena, porque a gente teria sido um casal ótimo. E nada disso teria acontecido. Comigo, você teria sido uma estrela.

Foi quando me dei conta…

Essas palavras.

Alguém já tinha me dito aquilo. Um editor que conheci quando estava tentando publicar meu livro. Tive reuniões com várias editoras. Isso não era muito comum, mas meu manuscrito realmente era muito bom. Fiquei tão chocada e entusiasmada com essa recepção. Era raro que autores estreantes pudessem escolher entre várias editoras.

Teve um editor, da Clear River Press, que prometeu que faria de mim uma estrela.

– Peter – sussurrei. – Peter Loomis?

Sua expressão se transformou. Ele riu, então seu rosto se contorceu, dando

lugar ao desespero. Isso me fez lembrar das suas cartas. Elas eram confusas. Eram inteligentes, espertas e incrivelmente voláteis nos seus elogios.

– Bem, talvez eu seja um pouco memorável afinal.

– Por quê? – perguntei, e engoli em seco. – Por que está fazendo isso? Porque eu rejeitei você?

– Por quê? – repetiu ele. – Porque você está caindo no esquecimento, Frankie Rossi. Porque meu trabalho é desenvolver os talentos que encontro, levá-los ao potencial máximo, dar forma a eles, levá-los à grandeza. E você estava definhando. Encolhendo. *Decaindo*. Seu talento está nas últimas, você não percebeu?

Cerrei os dentes. Aquelas palavras me machucaram, mais do que eu esperava. Elas eram a confirmação de todas as minhas inseguranças, de tudo o que eu via com os meus próprios olhos e que ainda estava tentando assimilar. Não consegui ignorá-las. Senti aquelas palavras tocarem fundo, deixando uma marca que eu sabia que ia carregar comigo se conseguíssemos sair daquela situação. Tínhamos que sair daquela situação. Voltei a olhar para Turner. Ele continuava de joelhos. Não estava inconsciente, mas definitivamente estava perto disso.

– Não se preocupe – disse Peter, atraindo meu olhar ao avançar um pouco mais na minha direção. – Não vou matar o Turner. Nem você. Eu sei que seria poético, de certa forma. Uma conclusão que todos esperam. Mas tenho uma coisa que falta nas suas reviravoltas, Frankie: imprevisibilidade.

– É isso que você quer, Peter? – perguntei, respirando com dificuldade. – Me resenhar? Pra que tudo isso então? Pra que esses joguinhos? Você só precisava me mandar uma droga de um e-mail.

Ele abriu um sorriso vazio.

– Plantar ideias na cabeça de todos, é claro. O público está assistindo, Frankie. E eu fui deixando pistas escondidas. É uma das chaves do sucesso. O

presságio. As peças só vão fazer sentido quando se juntarem, e é aí que eu finalmente entro em cena. O que – ele fez uma pequena reverência – nos traz a este momento.

Ele estava falando bem rápido agora, parecia até meio maníaco. E continuava segurando uma arma. Tentei falar mais baixo:

– Então, o que você está fazendo? Editando a minha vida?

– Bingo – confirmou ele, batendo com a ponta da arma na lateral da cabeça. – Todos os comentários estão nas margens, Frankie. Você só precisa incorporar ao texto. E, quando vir o fim que eu tenho em mente, vai amar o que eu fiz. É perfeito. Como foi mesmo que você disse no lançamento de *Mel negro*? Ah, é, "a cereja de um bolo feito de anos de trabalho". Eu também estava lá, a propósito. Você parecia tão triste que fiquei com vontade de seguir aquela sua editora até a casa dela e transformá-la em recurso narrativo. Ela nunca foi boa o bastante pra você. Eu poderia ter te ajudado a aparar as arestas que ela deixou que você mantivesse naquele livro, ou em qualquer outro, mas… fazer o quê? Você estava passando por momentos difíceis, então eu entendo. Isso ia mesmo acabar influenciando o seu trabalho.

O oxigênio não estava chegando aos meus pulmões depois desse discurso. Era muito pior do que eu imaginava. Era terrível. Um pesadelo completo.

– Está se perguntando há quanto tempo eu sigo você, né? – perguntou ele.

Assenti. Não conseguia falar.

– Desde que *Lobos da noite* foi arrancado das minhas mãos, é claro – respondeu ele, como que cuspindo as palavras. – No início, era puro egoísmo. Eu precisava entender por que você não tinha me escolhido. Mas aos poucos fui percebendo que tinham enganado você. Esta indústria é selvagem. Cruel. Mais do que a maioria das pessoas imagina. Eu sei bem, já fui decepcionado mais de uma vez. Então, decidi te ajudar assim mesmo. Eu cuido bem dos meus autores, e

você é tão jovem. Tão especial. Eu só fiz isso por você, sabia? Acho que você sabe. Acho que percebeu, lendo minhas cartas.

Doentio. Eu estava completamente enojada. Me sentia… violada. Como nunca antes. Por ele, e por mim mesma. Eu não conseguia acreditar que um dia gostei daquelas cartas. Que gostei dele. Que tipo de monstro eu era?

– Nada disso é por minha causa – dei um jeito de dizer. – É tudo por você. Não insinue que eu possa ter concordado com isso.

Peter pareceu genuinamente magoado. Ergueu a mão que empunhava a arma mais uma vez e, embora ela não estivesse apontada para mim, estremeci.

– Mas você concordou! – exclamou ele. – Não pode me pedir pra parar agora. Não vai fazer com que eu me arrependa, Frankie Rossi. Vai me ouvir. Eu tenho a resposta pra todos os seus problemas. A única maneira de alavancar a sua carreira, do jeitinho que você queria, e vai me deixar fazer isso.

Turner pareceu despertar de repente com aquela explosão, e, diferente de Peter, eu estava acompanhando seus movimentos com o canto do olho.

– Como? – perguntei, dando corda para aquele discurso doentio para que ele mantivesse a atenção em mim. – Como vai salvar uma coisa que nem eu mesma posso salvar?

Peter deu risada.

– Fazendo o holofote voltar pra você.

De repente, ele estava em cima de mim, na minha cara. Estava fedendo a… algo que não consegui identificar. Odor corporal, fumaça e mais alguma coisa. Algo incômodo. Podre. Eu estava apavorada, morrendo de medo, e queria chorar e implorar a ele que parasse, mas não podia fazer isso. Eu precisava me manter firme, deixar que ele falasse e…

– Você – sussurrou Peter, um sussurro alto – vai me matar.

Fiquei paralisada.

Turner soltou um suspiro entrecortado, baixinho.

Peter abriu um sorriso largo e desesperado, focado em mim. Parecia esperançoso, mas a esperança não deveria em hipótese alguma se parecer com aquilo. Uma gota de suor escorreu pela testa dele.

– A autora da sensação sangrenta que você não consegue parar de ler vira a protagonista da própria obra – disse ele, fazendo um floreio com a mão. – Imagine só as manchetes! E está tudo aqui. Autora de thrillers é perseguida. O stalker vai atrás dela em uma convenção, aterroriza seu fim de semana, ela é ignorada pelo mundo, pela pousada, pela polícia, isolada por uma tempestade, mas ela persiste. Até que, certa noite, é encurralada pelas chamas. Fogo por toda parte, até mesmo na neve. O stalker ultrapassou os limites. Ele se revela. Atraído pela possibilidade de encontrar seu alvo. Mas ela é esperta, aquilo é o que ela conhece de melhor. Seu mundo ficcional, se infiltrando na sua realidade. Ela tem as ferramentas para lutar. Para vencer. O vilão morre, mas não sem o esforço ou as cicatrizes que ela vai levar para o resto da vida. Será que um dia ela vai superar tudo isso e voltar a escrever?

Deixei escapar um soluço. Não conseguia mais segurar.

– Você é…

– Um gênio – concluiu ele. – A neve foi um detalhe que eu não esperava. Mas eu teria conseguido assim mesmo. Até mesmo sem ele, que transformei em mais um toque especial. Mulheres salvando homens está na moda.

– Você é doente – falei, cuspindo na cara dele. – Essa é a minha vida. Não um romance que você pode construir.

Algo duro tocou o meu peito. A arma.

O oxigênio se esvaiu dos meus pulmões. Meus ouvidos zumbiram.

– Você vai me matar, Eden. Vai, sim. Se não fizer isso, eu nunca vou parar.

Vou estar sempre à espreita, perseguindo você. Acha que vão me prender pra sempre por isso? Por colocar fogo em um barracão, depois em alguns carros. Mandar um bilhete? Tirar algumas fotos de você? Por favor.

Ele tirou a arma do meu peito e enfiou na minha mão. Meu corpo estava totalmente paralisado, inútil, então ele fechou os meus dedos em volta da arma.

E deu um passo para trás, me encarando bem nos olhos. Foi nesse momento que deixou toda a sua loucura brilhar e jorrar.

– Eu fiz você questionar sua própria sanidade, Frankie. Não fui só um stalker, eu entrei na sua cabeça. Na sua mente. Na sua *vida*. Quando eu ficava no meu carro, parado no fim da sua rua, vigiando enquanto você abria as minhas cartas, eu estava lá. Quando você chorava na sua escrivaninha, dia após dia, eu via as lágrimas escorrendo no seu rosto. Porque eu estava lá. Naquela livraria, quando você desmoronou sob o peso de todos aqueles lugares vazios no lançamento? Eu também estava lá. Eu sou doente. Você tem razão. Você me rejeitou, e eu decidi penetrar tão fundo em você que você jamais ficaria sem mim porque nós dois seríamos um só. E, por um tempo, nós fomos. Nós fomos. Agora estou te dando uma oportunidade de se livrar de mim.

Eu sentia os batimentos pulsando nas têmporas, o medo invadindo cada pedacinho de mim. Sentia enjoo, repulsa, me sentia alienada, como se ele tivesse tirado um pedaço tão grande do que me definia que eu não sabia mais o que restava de mim. A raiva cresceu com essa constatação devastadora, me corroendo aos poucos. Eu estava no meu pior momento, no fundo do poço, e ele continuava tirando coisas de mim, me fazendo afundar ainda mais. E estava tirando a beleza daquele fim de semana também. Estava reivindicando aquilo para si, me reivindicando, e isso me deixou furiosa. Furiosa com o mundo, com ele, porque eu estava tão arrasada, tão exausta, tão sobrepujada que não sabia como lutar contra aquilo. Eu não sabia como sair daquela situação ilesa.

– Puxa o gatilho – disse ele, bufando, e olhou para baixo. Eu também olhei e

vi o meu braço estendido à minha frente, a arma apontada para ele. – Eu mereço a bala. Nós dois sabemos disso.

A arma tremia na minha mão.

Voltei a olhar para ele.

Eu não sabia se ele merecia a bala. Não queria ter o poder de decidir isso, mas, meu Deus, como eu detestava aquele cara. Eu o detestava por ter me colocado naquela situação, por fazer com que eu me sentisse tão furiosa, tão impotente, tão violada. Ele estava me provocando, e eu estava caindo na provocação, eu sabia disso. Mas eu não merecia aquilo. Não merecia.

– Vamos, Frankie – insistiu Peter, entrando na minha mente. Indo ainda mais fundo. – Você não me odeia? Eu sei que odeia.

Assenti, um solavanco violento que sacudiu todo o meu corpo.

– Eu odeio você. Odeio. Mas não vou…

Ele deu um passo em direção à arma. Arregalei os olhos, e a raiva retrocedeu, abrindo espaço para o pânico, que voltou quando vi o braço estendido na direção das minhas mãos.

– Eu ajudo você, Frankie Rossi. – Os dedos suados dele se fecharam em torno dos meus, cutucando, procurando o gatilho, desajeitados. Com os lábios entreabertos, senti todo o meu sangue descer até os pés, depois subir até a cabeça. Fiquei tonta, meu corpo dormente. Não conseguia pensar nem me mexer. – Eu ajudo você, como semp…

Algo partiu para cima de nós dois.

Ou melhor, para cima dele. De Peter.

Fui empurrada para o lado e ouvi vidro quebrando.

Um grito rompeu o silêncio da manhã, o baque que se seguiu acompanhado apenas pelo crepitar do fogo.

A arma que estava na minha mão caiu no chão, e me dei conta de que tinha caído com ela. Caído de joelhos. Rasgando o tecido da legging e a pele embaixo dele. Minha respiração rasa. Entrecortada. Todo o meu ser esmagado e estilhaçado em mil pedaços.

Alguém se ajoelhou à minha frente.

– Frankie – disse Turner. – Frankie, amor. Olha pra mim.

Os olhos dele surgiram à minha frente. Estavam arregalados e se movimentavam com histeria, mas isso não tinha nada a ver com a angústia que eu vira neles segundos antes. Havia bondade neles. Preocupação. Amor. Força. Aquele olhar era o meu lar.

– Cadê ele? – perguntei com uma voz estranha. – Ah, meu Deus, Turner, cadê ele?

Turner balançou a cabeça, e a dor que o movimento causou o fez estremecer.

– Ele se foi.

Morto. Vivo. Eu… eu não sabia o que era melhor. Eu me sentia oca, e não sabia do que precisava para preencher aquele vazio estranho.

– Ele queria que eu o matasse – sussurrei, com um soluço. – Eu…

– Eu jamais deixaria você fazer isso – disse Turner, respondendo a uma pergunta que eu nem sabia que tinha feito. – Eu não podia permitir que você carregasse esse peso. Jamais deixaria você fazer isso.

– Então vai carregar esse peso no meu lugar?

– Vou. – Ele encostou a testa na minha, com as mãos ainda presas às costas. O toque da sua pele na minha era como uma absolvição. Como se, com ele, houvesse um fio de esperança. – Vai ser uma merda processar isso, amor. Pra você. Pra mim. Pra nós dois. Mas vamos conseguir. Vamos superar isso. A felicidade nos espera.

– Como?

– Vamos encontrar um caminho. Assim como a gente encontrou um caminho de volta um pro outro. Eu vou ser a luz pra você quando a sua se apagar. Assim como você sempre foi a minha. E, sempre que tudo parecer difícil demais e você estiver se afastando, eu vou te trazer de volta pra mim. Sempre. Até o fim dos tempos.



Epílogo

Três anos depois…

– Me lembra de novo por que a gente está fazendo isso…

Olhei para Turner da entrada da nossa casa e falei:

– Porque a alternativa era um voo de uma hora e meia, e você acha arriscado demais. Mesmo que o médico tenha dito que não tem problema nenhum.

Turner soltou um grunhido.

– Prefiro eu mesmo decidir o que é ou não arriscado para a minha esposa grávida e para o meu filho que está pra nascer. Aliás, acho que a gente não deveria nem estar saindo de casa.

– Puxa vida – falei, e coloquei a mão na cintura. – Eu não sabia que você tinha se formado em medicina enquanto descia as escadas. Não acredito que perdi a formatura do meu marido.

Turner semicerrou os olhos e largou as nossas malas no chão de um jeito bem

dramático. Abri um sorriso. Ele deu um sorrisinho de canto de boca, uma mistura de alegria e faísca de desejo que eu conhecia tão bem. Em dois passos largos, ele estava na minha frente e, em um movimento rápido de cabeça, seus lábios estavam na minha orelha.

– Eu deveria te comer até você perder todo esse atrevimento – sussurrou ele. – Mas, se eu fizer isso, a gente nunca mais vai sair de casa.

Dei uma risadinha, meio alvoroçada.

– Então você admite que está sendo superprotetor demais e que a gente deve ir.

Ele soltou um "hmm", mordiscando minha orelha e abraçando minha cintura gravidíssima.

– Ah, obrigada – murmurei, me deliciando com aquela proximidade toda. – Eu amo ter razão.

Turner deu uma risadinha rouca.

– Eu não admiti nada.

– Ah, por favor. A essa altura sou fluente em marido-resmungão. Esse "hmm" foi um "é, tudo bem, talvez eu seja mesmo um rabugento". E essa mordidinha foi um "caramba, Frankie. Você tem sempre razão".

Turner soltou uma risada.

Dei um beijinho no queixo dele.

– Vai ficar tudo bem – garanti, mais séria. – É uma viagem de cinco horas. A gente vai parando pra que eu possa esticar as pernas. E, quando chegarmos a Nova York, eu deixo você me mimar e me proibir de sair da cama enquanto eu não estiver totalmente descansada.

Meu homem soltou um murmúrio suave, concordando, mas não deixou de dizer:

– Não sei. Por que a gente está indo mesmo?

– A gente confirmou presença há semanas – lembrei, tocando aquele lugarzinho que tanto amava, logo abaixo da orelha dele, com os lábios. Dei um beijo e ele suspirou. – E o Lucas ficou tão animado quando você disse que estaria lá na festa de aniversário do restaurante. A Rosie me disse que ele te chama de "sonho de consumo", sabia?

Aquele sorrisinho tímido que fazia Turner parecer um garotinho adorável se alargou. Suas mãos foram descendo pelas minhas costas e pousaram na minha lombar. Ele me abraçou.

– Ele é um cara legal.

Três anos antes, quase exatamente, Turner recusara a oferta de Lucas para trabalhar com ele em Nova York. Por um breve período, me senti responsável. Mas acabei me conformando com a decisão. Minha jornada com a terapia, ainda em andamento, não estava sendo exatamente fácil, mas passei a entender que tudo bem aceitar – e esperar – alguns sacrifícios das pessoas que nos amam. Assim como fazer sacrifícios pelas pessoas que amamos.

Depois do que aconteceu em Vermont, precisei voltar para casa – não só para Turner, mas para Portland, Maine. Em retrospectiva, eu sabia que também me curaria se tivéssemos nos mudado para Nova York. Talvez tivesse demorado mais, porém, com Turner ao meu lado, eu teria conseguido sair do buraco em que tinha me enfiado. Por sorte, não precisei fazer isso. Portland foi uma decisão que tomamos juntos. E foi bom. Eu diria até que foi a decisão certa. Turner ficou feliz em adiar a ideia da sociedade com Lucas, e decidimos fazer do jeito certo caso a oportunidade voltasse a surgir. A Padeiro da Meia-Noite ia prosperar, independentemente de onde estivéssemos.

As vendas dos meus livros dispararam quando o ataque virou notícia. A autora de livros de crime e suspense cuja vida se transformou em um de seus

livros era publicidade das boas, exatamente como Peter imaginava. O dinheiro que recebi de direitos autorais permaneceu intocado por um bom tempo. Parecia errado lucrar com algo tão doloroso e traumático. Para nós dois. Peter não morreu com a queda, mas, quando ficamos sabendo da morte dele pouco tempo depois, causada por inalação de fumaça e queimaduras no incêndio que ele mesmo tinha causado, ainda assim nos sentimos responsáveis. Turner tinha razão: processar aquele dia foi uma merda. Houve dias em que pensei que nunca ia conseguir. E eu sabia que alguns dias eram mais difíceis que outros para Turner também. Mas conseguimos. Juntos. Doei parte dos lucros com *Lobos da noite* para uma instituição de caridade que financiava pesquisas sobre doenças mentais e, com o tempo, aprendi a direcionar minha culpa para outro lugar. Para Peter. Para o modo como este mundo funciona e para o fato de que eu não podia fazer nada para impedir que aquelas manchetes ajudassem a vender livros.

Usamos a outra parte do dinheiro para comprar uma casa. Uma casa grande, de dois andares, onde poderíamos começar a nossa vida. No dia da mudança, Turner me pediu em casamento. Em meio a caixas e cômodos vazios que faziam as nossas risadas ecoarem pela casa, ele se ajoelhou e perguntou se eu queria passar o resto da vida com ele.

Como se eu pudesse querer passar a vida de outro jeito.

Demos mais risadas e nos beijamos e choramos. E foi naquele momento que percebi que sobreviveria a qualquer coisa que a vida me reservasse. Eu finalmente tinha o refúgio que sempre desejei. Um cantinho seguro onde me esconder da realidade quando ela ficasse feia demais. E não era a casa, ou a aliança, ou o que quer que tenha vindo depois. Era o homem com quem eu estava compartilhando a vida. O homem que sempre fez parte da minha família, o homem com quem eu estava começando uma família nova.

– Aonde você foi? – perguntou Turner, baixinho, me trazendo de volta para o presente.

Sempre cuidadoso quando eu me distraía. Meu marido atencioso e observador.

– Voltei ao dia em que você me pediu em casamento. Foi um dia tão bom.

– O melhor de todos – concordou ele, beijando a ponta do meu nariz. – Empatado com o dia em que fomos buscar o Charlie no abrigo. O único que supera é o dia em que eu te vi caminhando até o altar. Chorei como um bebê. Não vejo a hora de fazer isso de novo quando ele finalmente estiver nos meus braços.

Ele estava com a mão na minha barriga. Fazia isso sempre que podia.

– Será que não é melhor levar o Charlie com a gente pra Nova York? – perguntei. – Agora estou achando estranho deixá-lo aqui.

– A gente pode passar na casa do Ric se você quiser, mas isso vai partir o coração do seu irmão.

Ric tinha aceitado, meio a contragosto, cuidar do nosso filhotinho durante um fim de semana no ano anterior. E acabou se apaixonando perdidamente por ele.

– Tem razão – respondi, dando risada. – Tenho quase certeza de que ele fez planos. Vi o calendário dele e juro que tinha duas horas no sábado marcadas como "Hora do Garotão". O que será que é isso?

– Prefiro não saber.

– Ele precisa muito de um hobby. E se a gente desse uma máquina de costura pra ele, igual à minha?

Turner deu risada.

– Sua máquina de costura tem uns cem anos. Acho que ele não vai gostar de consertar uma como você fez. Seu irmão não tem paciência nenhuma pra isso. Vai jogar a máquina pela janela antes mesmo de aprender a cerzir uma meia.

Parte da minha jornada tinha envolvido encontrar algo que fosse só meu. A máquina de costura velha de Mia acabou sendo a resposta. As coisas não eram mais como antes entre nós duas, e talvez nunca mais fossem. Mas tivemos uma conversa que já era para ter acontecido muito antes. Choramos e nos abraçamos e fizemos as pazes com o passado. Nenhuma de nós duas era capaz de mudá-lo. E sentíamos uma saudade imensa uma da outra.

E, assim como reparamos o nosso relacionamento, ainda que não totalmente, também consertamos a velha máquina de costura. Não sem esforço – e com muitos tutoriais do YouTube. Mas deu tudo certo. Agora, sempre que minha mente mergulhava em pensamentos sombrios, eu me sentava em frente à máquina e costurava. Turner se considerava o filho da puta mais sortudo do mundo – palavras dele –, já que comecei a fazer roupas sob medida e aventais personalizados para a padaria.

– Tá – disse Turner, me beijando uma última vez e dando um passo para trás para pegar as nossas malas. – Última chance de ficar em casa.

– Valeu a tentativa – falei para o meu marido, e lhe dei um empurrão de brincadeira. – Quanto mais cedo a gente sair, mais cedo vai chegar lá. Além disso, se você for bonzinho e a gente sair nos próximos dois minutos, eu te conto o que escrevi esta semana. Incluindo os plot twists.

A expressão no rosto dele se transformou. Meu marido abriu um sorrisão como sempre fazia quando eu falava sobre a minha escrita. Eu tinha levado mais de um ano para voltar a pôr palavras no papel e, embora estivesse escrevendo, nada era como antes. Eu não fazia turnês nem caía naquela pressão toda de vender bem. Escrevia porque isso me trazia alegria.

Escrevia por egoísmo.

Por exemplo, o dia em que finalmente peguei o computador e abri um documento em branco. Foi um dia estranho. Eu não me lembro dos detalhes,

mas lembro que estava triste ou com raiva depois de um tempinho sem me sentir assim. Nem mesmo a máquina de costura ou o passeio com Charlie aplacaram a turbulência dentro de mim. Eu precisava daquela felicidade, daquela sensação de realização que só as palavras são capazes de proporcionar. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, Turner voltou para casa e me encontrou no escritório impecável que estivera intocado desde o dia da mudança. Ele sorriu para mim e saiu em silêncio, fechando a porta atrás de si.

Naquele dia passei horas sentada escrevendo. E continuei no restante da semana. Ficou uma merda, e acabei tendo que reescrever ou descartar. Mas recomeços podem ser confusos. Não precisam ser perfeitos. Só precisam acontecer.

Aquele fim de semana em Vermont foi um recomeço, à sua maneira.

Foi assustador e trágico e bem longe de ser perfeito. Mas ter finalmente me aberto para sentimentos que mantive enterrados por tanto tempo também foi algo alegre e libertador. Eu estava tão preocupada com o fato de aquele fim de semana ser tudo ou nada para a minha carreira que hoje é fascinante ver quanta verdade havia nisso. Como eu temia, acabei me espatifando, e o que restou foram apenas destroços.

Mas Turner estava lá comigo. Por mim. Para juntar os pedaços e me manter inteira em um momento em que eu não conseguia dar conta sozinha.

E, hoje, o cara que amei a vida inteira e que também me amou continua ao meu lado para me lembrar que da destruição pode surgir beleza.

Que, não importa o que aconteça, eu vou ser sempre a luz dele. E ele a minha.

Que, por mais que a minha mente viaje longe de vez em quando, ele sempre vai estar ao meu lado para me manter enraizada na família linda que estamos criando.

Ele nunca vai me soltar. Nunca. E eu também não vou.

Sobre a autora



ELENA ARMAS nasceu na Espanha e se declara uma romântica inveterada e uma orgulhosa acumuladora de livros. Depois de anos devorando

histórias e postando sobre elas em seu Instagram, finalmente tomou coragem e começou a escrever.

Pela Arqueiro, publicou *Uma farsa de amor na Espanha*, que teve os direitos vendidos para mais de 20 países, *Um experimento de amor em Nova York*, *Amor em jogo* e *O dilema da noiva*.

CONHEÇA OS LIVROS DE ELENA ARMAS

Uma farsa de amor na Espanha

Um experimento de amor em Nova York

Amor em jogo

O dilema da noiva

De volta pra mim



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

